

**Mayse Braga**

*... para o seu  
coração*

GRUDDE - Grupo de Divulgação da Doutrina Espírita

Brasília, 2006







## *Sumário*

- Prefácio, 7
- 1 Ódios e reencontros espirituais, 9
- 2 Disciplina do pensamento, 33
- 3 Aids e conduta espírita, 46
- 4 Espiritismo e a prevenção do suicídio, 64
- 5 Homossexualidade vista à luz da Doutrina Espírita, 79
- 6 Morte, 90
- 7 Atavismo espiritual, 105
- 8 Cotidiano, 116
- 9 Drogas e obsessão, 126





## *Prefácio*

Há exatos 25 anos venho ministrando palestras espíritas por esse Brasil afora.

Na verdade, descobrir o Espiritismo e poder levá-lo às pessoas, para que elas se sintam reconfortadas, como eu mesma me sinto sempre consolada, foi, para mim, a grande conquista desta vida.

As pessoas que assistem às minhas palestras não podem fazer conta do quanto são importantes para mim, do quanto me inspiram e ajudam a crescer e melhorar, como pessoa e como oradora espírita.

Cada vez que concluo a apresentação de uma palestra e que deixo para trás uma platéia, sinto-me diferente. São numerosos rostos - diferentes entre si, anônimos, às vezes ansiosos, felizes... - que deixam em mim o legado de suas ansiedades e expectativas.

*...para o seu coração* surgiu disso. Da necessidade que eu sempre tive de deixar um pouco de mim em cada lugar por onde passo, em retribuição ao tanto que tenho recebido em termos de

calor humano, nesses tempos como oradora espírita.

Aqui, são temas variados, do tipo que costumo sempre abordar nas palestras, que tentei dispor em forma de livro, como se fosse um sincero presente ao coração de cada ouvinte que tem a paciência de me ouvir, apesar de todos os meus defeitos, falar das coisas lindas que os espíritos sempre nos contam.

Mayse Braga



## Ódios e reencontros espirituais

---

Vamos falar sobre ódios e reencontros espirituais. Quando estávamos levantando temas para o livro, esse título foi proposto pelos espíritos amigos. E até comentei com o pessoal da editora: “Puxa, ódio é uma coisa assim meio forte, não é?! Algo que nesta vida nenhum de nós jamais sentiu”.

Porque ódio não é você, por exemplo, reencontrar, casualmente, num shopping, a ex-namorada do seu marido e perceber que ela está vinte quilos mais magra que você!!! Não é o sentimento que vem quando você está com ele e, juntos, reencontram a ex-namorada. Definitivamente, não é!!!

Ódio é uma coisa tão séria e tão grave que, na verdade, se pudéssemos resumi-lo, ele, o ódio, esse sentimento tão deletério, seria a algema que nos aprisiona, tantas vidas depois, ao nosso passado espiritual, àquelas existências nas quais, quando as vivemos, não conseguíamos sequer imaginar que os chamados adversários nossos seriam tão filhos de Deus quanto nós mesmos. É claro que ainda existem, nos nossos passos de agora, um *quantum* de afinidade com determinadas pessoas. Mas, em verdade, as pessoas com quem nós menos



nos afinizamos, a reencarnação nos ensina, são aquelas que já nos roubaram esperanças ou são aquelas de quem nós roubamos esperanças. São aquelas que nos magoaram, que nos feriram na nossa vida física, numa determinada existência, ou de quem nós mesmos chegamos a tirar a vida. Porque é claro que o sentimento é recíproco.

Há, inclusive, almas - e os espíritos relatam-nos isso - que se perseguem vida após vida, até que uma delas, com a consciência mais pesada, resolva voltar nos próprios passos e, enfim, desculpar. Há, enfim, mensagens psicografadas que narram histórias de ódios que se perpetuaram ao longo dos séculos.

Já cheguei a comentar em palestras minhas que, na Comunhão Espírita de Brasília, ainda na década de 70, um jovem casal japonês procurou o Departamento de Orientação da Casa: eles não tinham exatamente a noção de Espiritismo. Tinham um filho mais velho, de 4 anos, e um recém-nascido. E o filho mais velho já havia tentado matar o pequenino várias vezes, desde que o bebê havia nascido. Havia tentado matar conscientemente, jogando um abajur em cima da cabeça da criança, pegando faca na cozinha... Não era o ciúme natural do irmão mais velho, que, de repente, vê a atenção dos seus pais desdobrada entre ele e o irmão que chega. Os pais estavam preocupados porque as conseqüências estavam começando a surgir: não estavam nem mesmo dormindo à noite, porque temiam que o menino atentasse contra a vida do irmãozinho no berço. Então foram à Comunhão e, numa mensagem tocante, o dr. Bezerra de Menezes contou-lhes que os dois meninos - o garoto e o pequenino - tinham sido samurais no Japão feudal, que se odiaram imensamente e que vinham se perseguindo até aquela data. Se não me engano, era 1974 - já tem mais de vinte anos. E o interessante é que o dr. Bezerra afirmou que era preciso que o menor viesse, porque eles tinham de se reencontrar novamente na qualidade de almas próximas, irmãs na consagüinidade, para que, desta

vez, com o conhecimento das coisas do espírito e auxiliados pelos jovens pais, realmente se reconciliassem. Mas, ele disse ainda, até que o menino mais velho completasse sete anos, que é quando se dá o fim do processo reencarnatório que todos nós vivemos, seria preciso alguns cuidados – que na época dr. Bezerra de Menezes enumerou – para que não houvesse uma tragédia, porque, embora os corpos fossem novos, as almas não se esqueciam.

Por isso os espíritos afirmam que, nos nossos sentimentos mais candentes, mais negativos, ninguém precisa dizer: “ah, você viveu aquilo, você teve tal emoção por fulano, por tal coisa”, porque nós sabemos, nós sentimos, imediatamente, ao conhecermos alguém, quando, na verdade, é um reconhecimento, um reencontro – nós sentimos quando aquele alguém vem do nosso passado e nos traz um lembrança negativa.

Há verdadeiros crimes, tragédias mesmo, que são cometidos dentro das famílias, onde o que existe é simplesmente o reencontro de almas que não cultivaram o lado positivo dos seus espíritos e não conseguiram, portanto, superar a tragédia que, então, se consuma.

Noutro dia um psicólogo comentava na televisão que cresceu de uma forma impressionante o número de crimes ocorridos entre membros da própria família. E eles, os psicólogos, não têm explicação para isso! São filhos que assassinam pais, namoradas que pedem aos namorados para matarem o pai, para matarem a mãe... Coisas seríssimas. E é claro que todas essas pessoas que causam danos terríveis à própria família são chamadas loucas, são colocadas em hospitais psiquiátricos e por muitos anos por lá permanecem. Imaginem quando a medicina e a justiça conscientizarem-se de que existem vidas sobre vidas e de que o reencontro espiritual é inevitável!

Conscientizem-se de que é preciso evangelizar as almas desde o berço para que se evitem coisas tão terríveis assim.

Porque, nestes casos, a pessoa não está apenas agredindo, matando o pai, a mãe, a irmã, dessa forma terrível: pai, mãe, irmão são coisas sagradas! A pessoa está, ali, muitas vezes, revivendo ódios do passado que ela não conseguiu superar. O inconsciente assoma e, quantas vezes, depois do gesto tresloucado, ânimos acirrados, as pessoas dizem: “eu não sei o que estava fazendo, eu não sei...”

Às vezes são motivos pequenos, como o do jovem de São Paulo que matou toda a família e disse que não tinha aceitado o fato de a mãe ter-lhe exigido que diminuísse o volume da música que estava escutando. Já imaginaram?! Há algum tempo os jornais relataram o crime de uma menina de quatorze anos que havia assassinado a amiguinha de nove, porque a mãe desta amiga havia chamado a sua atenção. Eu li o jornal e falei para a minha filha: “nunca eu vou chamar a atenção de amiga sua nenhuma!!”. Porque a gente não sabe com quem está lidando! A menina de quatorze anos chamou a amiguinha para ir à sua chácara e lá a matou. Vejam vocês o que são almas enfermas! Como é preciso, mais do que nunca, que a nossa sociedade perceba que ainda que se tenha nove, oito, sete, vinte anos, ali está uma alma eterna, muitas vezes doente, a mais das vezes deseducada, que não teve condições de que alguém lhe falasse das belezas do espírito, de Cristo, que alguém orasse com ela, que alguém lhe ensinasse a sair desse redemoinho de emoções desencontradas. Muitas vezes, num momento, várias vidas são para sempre afetadas por uma tragédia que nada mais é do que o reencontro de almas que se detestaram no passado e que buscam se reencontrar nessa existência, até no anseio de se consertarem mutuamente, mas que, muitas vezes, não conseguem – porque não houve a base, porque não houve o ensinamento, porque não houve a estrutura, o equilíbrio psicológico da família, do lar que permitisse que a pessoa tivesse discernimento para entender as suas próprias emoções.

Há livros clássicos dentro da Doutrina Espírita que versam

acerca de ódios que se perpetuam fora da matéria também. Porque o complicado não é simplesmente encontrarmos um adversário quando estamos reencarnados. O complicado é permanecer como alvo da influência desse irmão que nos detesta, ou a quem detestamos, também fora do mundo físico.

Por isso os amigos espirituais lembram-nos que, quando programamos uma nova existência, chamamos para junto de nós os amigos mas também os adversários de ontem. E propomos sempre, se somos nós a alma mais experiente, que retornemos juntos, para formarmos, muitas vezes, uma família em conflito, mas que deve superar esses conflitos através do amor. E, quando aqui reencarnados, em situações familiares difíceis, costumamos afirmar: “ah, eu não pedi isso! Não foi isso o que eu pedi, porque eu sou um estranho no ninho da minha casa, porque ninguém me compreende” – essa é a frase clássica. Mas, se ninguém nos compreende, com certeza prometemos começar a compreensão por nós mesmos. Prometemos compreender, para que então as pessoas aprendessem também a entender o que vai dentro do nosso coração. Porque, se já é difícil nós mesmos nos entendermos, quanto mais entendermos aos outros!

Há reencontros espirituais difíceis, porque são motivados por esse sentimento de reajuste, mas há reencontros espirituais também lindíssimos, porque são os grandes afetos, os grandes amores do passado que nos ressurgem e que são o nosso alimento diário. É através da conversa com essas pessoas, do carinho que lhes guardamos e que elas nos têm que ganhamos “oxigênio” para os dias difíceis. Há reencontros perigosos, complicados: são as paixões do passado, aqueles sentimentos que ficaram completamente desordenados dentro de nós e que fazem com que, quando vemos a pessoa, sintamos o chão sumir dos nossos pés e tudo ficar escuro... Quem já não viveu isso?! De ser apresentado a alguém, apertar-lhe a mão em sociedade e ver tudo escuro, o coração parecer ter

uma taquicardia, a pressão parecer ir para 28... a boca ficar seca... Nestes momentos é sempre o reencontro da paixão do passado, do sonho que ficou complicado, que ficou no meio. Óbvio que se você já está unido a outra pessoa, então não vai, a cada seis meses, descobrir uma paixão nova e esquecer a anterior! Isso não vale! Porque há muita gente que diz: “ah, eu, quando me tornei espírita, lá no centro espírita onde freqüento, encontrei a minha alma gêmea e larguei meu marido e meus quatro filhos...” Não dá! Você pode até ter encontrado a sua alma gêmea, mas não dá para largar aquele marido que você já tem. Por quê? Porque se você só encontrou a sua alma gêmea depois é porque não tinha de ficar com ela nessa encarnação. Você tem é de ficar com o seu marido, que pode até não ser a sua alma gêmea, mas é aquela pessoa que cabe a você respeitar e amar.

Se hoje, quando somos contrariados, já ficamos enraivecidos, pensemos nisso em encarnações passadas, quando não tínhamos ainda em nosso coração determinadas características nobres que hoje já possuímos!

É muito importante pensar que, se odiamos alguém, mesmo que tenha sido há centenas de anos, nós nos ligamos de tal forma a essa pessoa que ela começa a fazer parte das nossas encarnações. Porque ódio e amor são sentimentos, não parecidos, mas de igual intensidade, muitas vezes.

Tem uma música muito antiga, que a Dóris Monteiro cantava que dizia assim: “amor e ódio são iguais: quando se chega a odiar é porque já se amou demais”. Todas as vezes em que eu escuto essa música, eu penso nos nossos irmãos chamados obsessores: naqueles que nada mais são do que os amores que nós enganamos em vidas anteriores, naqueles a quem prometemos todo afeto, todo carinho, mas que deixamos a sós. É muito importante pensarmos que o nosso obsessor de hoje já foi, sim, o amor profundo que se azedou, que se avinagrou, porque se sentiu traído, vilipendiado. E existia muito isso nas épocas antigas: menestréis que saíam pelos

castelos prometendo casamento às damas e iam para longe, nunca mais voltavam. As mulheres matavam-se, jogavam-se das torres. Suicídio era a coisa mais comum do mundo naquela época, porque as pessoas simplesmente achavam que um amor não correspondido era o motivo ideal.

Não deixemos cavar lugar em nós o desprezo e, quem sabe, dependendo da nossa inferioridade espiritual, o ódio a determinada pessoa que não correspondeu ao nosso carinho!

O resgate é dolorido quando vem através de nós um filho a quem amamos enternecidamente e que parte antes de nós, deixando-nos aparentemente a sós. Desencarna aquela pessoa, aquela criança, aquele jovem, antes de seus pais, e deixa uma lacuna imorredoura que só o tempo será capaz de curar. Mesmo aí existe o passado. Existem talvez crianças que abandonamos, almas que não soubemos respeitar e que retornam a nós, nos ensinando o carinho, o amor e também a renúncia!... porque aquele que parte, seja nos deixando ou retornando ao mundo espiritual através do que chamamos morte, nada mais faz do que nos ensinar a solidão como pausa para o reajuste afetivo das nossas emoções mais profundas.

Gregório, por exemplo, é um espírito que ficou para André Luís, no livro *Libertação*, como o símbolo do que o ódio do que antes era amor pode fazer por alguém: um chefe de falange de um grupo enorme de almas mais sofredoras do que ele mesmo, que ele conseguia manipular para perseguir. Quem já leu *Libertação* lembra-se: alguém que Gregório já havia amado, uma jovem, era quem ele perseguia. Ele instruía os espíritos sofredores a minarem as energias daquela jovem impressionável para que ela em breve desencarnasse. Mas houve um pedido do plano mais alto para que acontecesse uma interferência positiva naquele caso triste e para que a jovem fosse socorrida – mais que isso para que Gregório fosse também salvo e retirado daquela região de sombra

onde ele se julgava deus, há tanto tempo. O pedido fora feito, André Luís não sabia por quem, mas sabia que por alguém que tinha grandes merecimentos no mundo dos espíritos. E a equipe da qual André Luís fazia parte foi, então, em busca da jovem, para ajudar a solucionar a questão da mente impressionável que ela tinha e que era utilizada por tantas entidades manipuladas por aquele que tinha sido o seu inimigo de tantas vidas. E, em meio a tanta maldade, havia em Gregório ainda um sentimento bom: ele tinha a saudade, que escondia, de alguém que nunca pudera voltar a ver desde que se ausentara do bem: da sua mãe. Desde que ele se tornara um anjo caído, se assim pudermos dizer, e se tornara um perseguidor espiritual, trazia sempre ao peito a lembrança da alma que ele nunca mais havia reencontrado, da mãe, que, ele sabia, o havia amado sinceramente. O que ele não sabia é que a mãe, uma alma de intensa luz, fora quem havia feito o pedido para que ele e a jovem fossem socorridos.

E sabem o que é mais impressionante?!

É que, na maioria das vezes, aqueles a quem nós muito amamos estão atrelados àqueles a quem não amamos! E há situações em que você, para salvar a quem você ama, deve aceitar em seu coração aquela pessoa de quem você não gosta.

Lembram-se de quando André Luís narra a sua vinda à própria casa onde estava a sua ex-esposa, a sua família? Ele tinha de socorrer alguém, mas surpreende-se ao ver que estava entrando na casa que havia sido dele. Ele tinha de socorrer o novo marido da sua esposa!!! E aí surgiu um momento de extrema renúncia! Porque ele estava desencarnado, não poderia mais ser o marido de que sua esposa necessitava, e ainda tinha então de socorrer o segundo esposo!

Os espíritos dizem que, se deixamos filhos pequenos, temos pressa de que o nosso companheiro case-se de novo, de que a nossa esposa case-se de novo, para que nossos filhos

continuem tendo uma família. Dizem os espíritos! Não sei se é verdade!!! Mas eles afirmam isso, que nós passamos a ver com generosidade essas novas aproximações, porque o importante, para nós, do outro lado da vida, é que nossos filhos pequeninos tenham uma família e, principalmente, uma mãe dentro de casa, uma mulher, enfim, que vê as coisas, geralmente, com uma visão mais doce para as crianças do que o homem – embora nem todas as mulheres sejam doces e nem todos os homens sejam pais rígidos e afastados dos seus filhos! Hoje um grande número de pais está sendo pai e mãe dos filhos com grande sucesso, quando as mães não querem mais estar com eles.

E vejam vocês que essa questão de sentimentos é tão grave que, há algum tempo, uma grande amiga minha, que mora no Rio de Janeiro, contava-me que tivera um filho e o companheiro não quisera mais estar ao lado dela, deixando-a com o bebê de um ano. A menina hoje tem dois anos de idade, e essa minha amiga contava-me que, sendo o pai um homem bem colocado, um médico conhecido, sem desajuste nenhum na área financeira, partira por desajustes puramente emocionais. Contava-me a minha amiga então que, certa feita, ele havia telefonado para ela e quem atendera o telefone fora a pequenina, com apenas dois anos de idade. Mas ela reconheceu a voz do pai, vocês acreditam?! Ela tinha um ano quando ele foi embora, mas reconheceu a voz do pai e desligou o telefone na mesma hora! Então a minha amiga perguntou: “mas quem era ao telefone?” e a menina não respondeu. Então o telefone tocou de novo e a pequena novamente correu a atender – era ele novamente. Ele não queria falar com a filha, queria falar com a mãe a respeito de uma pendenga judicial de ambos. Foi então que a menina, mais uma vez, jogou o telefone no gancho, desligando-o, e disse: “era o papai, mamãe, mas ele me deu uma pancada na cabeça...” Com dois anos, vejam vocês! Minha amiga então retrucou: “o que é isso, minha filha?! Seu pai não bateu o



telefone em você, foi você quem desligou o telefone!” E ela disse: “não, mamãe, a minha cabeça está doendo porque o papai me deu uma pancada na cabeça...”

Vejam a reação imediata da menina ao reconhecer a voz do pai que não quis mais saber dela: somatizou, sentiu a cabeça doer e concluiu: “foi o meu pai quem bateu na minha cabeça...”

É muito sério quando nós não temos um amor realmente dilatado - e nem responsabilidade - e partirmos para formar uma família. Se nós não queremos ser pais ou não somos aptos a isso, não coloquemos filhos no mundo! E isso não significa abortá-los! Significa realmente não chamá-los para junto de nós! Porque, uma vez estando aqui, então são nossos filhos por toda a vida e além dela também.

Já chegam os filhos que nós desprezamos em vidas passadas, os filhos que largamos nas casas de caridade, nas portas dos conventos... os filhos de quem nos livramos porque eram filhos considerados espúrios e ilegítimos... nem dos legítimos nós gostávamos!!! Já chegam esses que se tornaram nossos adversários e que, muitas vezes, retornam agora como nossos filhos, quando temos sorte! Porque, quando nós não temos merecimento, eles vêm como os genros complicados, como as noras não sinceras, como as irascíveis sogras, como aquele pai que, para ele, dez horas da noite é madrugada alta... esses são os filhos de ontem, aqueles que nós abandonamos. Também a companheira que você olha e pensa: “ai, meu Deus do céu, essa aí eu tenho de sair carregando debaixo do braço!” é aquela a quem você já disse: “seja fraca que eu sou forte por nós dois.” Agora ela retorna! Não vai ser a companheira do vizinho, vai ser a sua! Que é para que você aprenda o que fazer do emocional do outro: nós somos responsáveis!

Emmanuel diz: “as lesões afetivas que você cria em alguém são lesões que estarão marcadas em você mesmo por muito tempo, até que haja resgate, até que transformemos a lesão em verdadeiro amor”.

É extraordinário o momento – eu sei que todos já leram *Libertação*, é por isso que eu conto! – em que a mãe de Gregório consegue tornar-se visível na sombra onde ele vivia e então ele se vê ameaçado, porque lá do fundo do coração dela saía luz, uma força que ele não conseguia vencer e que desencadeava nele uma reação de amor e ódio.

A mãe de Gregório lança-se, então, à sua frente e retira o véu que lhe cobria o rosto. Ele, de espada na mão, desafia-a para um duelo, porque só via luz e não sabia nem distinguir se era mulher ou se era homem quem o enfrentava. E grita, já com a espada desembainhada em mãos: “com que armas vens para lutar comigo?!”

E ela, vendo que aquele era o momento do reencontro, retira o véu e diz: “a única arma que eu tenho é o amor, com que eu, tua mãe, sempre te amei...” Já imaginaram?! Mais de duzentos anos haviam se passado e ele reconhece nela a mãe da qual ele sentia tanta saudade! E ela vê aquele espírito perverso, aquele obsessivo, tornar-se um menino, um bebê, que ela carrega amorosamente no colo e retira dali, para que ele pudesse voltar ao seu processo de evolução espiritual.

Portanto, não há ódio eterno, apenas o amor é eterno, porque nós também somos! Não há animosidade que não venha a se transformar em afeto! Quanto mais somos adversários de alguém, mais estamos nos enlaçando a essa pessoa para o futuro.

E é importantíssimo que as pessoas não pensem em nós negativamente. É terrível quando alguém pensa em nós com uma mentalização que não é boa, porque isso também nos atinge. A pessoa pode estar a quilômetros de distância, mas caso se lembre de nós com animosidade, nós vamos sentir um mal estar, uma coisa esquisita. Nós todos temos essa percepção.

Às vezes alguém nos fala olhando nos olhos: “eu amo você”; mas a gente sabe que não é verdade. E sabe porque a gente sente, recebe a vibração. Palavra é uma coisa, mas

energia é outra!

Certa feita um senhor me procurou e disse: “eu não sei como é que a minha mulher descobriu que eu tinha uma namorada, eu não dei bandeira nenhuma de que havia uma conquista!” .

E tem gente que diz: “ah, mulher a gente não consegue enganar porque elas têm uma sexta intuição, um terceiro olho...” cada um fala um negócio!

A mulher sempre teve a intuição mais apurada no sentido de que ela sempre foi mais emocional do que o homem - e foi até considerada bruxa em muitas épocas, porque ela adivinhava as coisas, sentia, pegava no ar!

Outro dia um garoto de 15 anos, que começou a fumar escondido da mãe, veio me dizer: “olha, a minha mãe deve ser ‘muito médium’, porque eu chupo drops, troco de roupa, ao chegar em casa nem respiro e ela vira para mim e diz: ‘você fumou!’ - com aquele olho!!! Não é possível - eu penso - como é que ela descobre?!”. Então eu disse a ele: “olha, filho, se mulher tem intuição, mãe é uma coisa de louco! Mãe tem uma intuição que não dá para enganar de jeito nenhum!”

Eu tenho amigos adultos que têm as mães morando longe mas que, contam, quando eles passam por alguma depressão, ouvem logo o telefone tocar: “meu filho, você está bem?!” E eles dizem: “estou ótimo, mãe”. “Mas, meu filho, você está bem mesmo?! Eu estou achando a sua voz meio esquisita...” “Estou ótimo, mãe...” “Mas eu acho que tem alguma coisa errada: eu sonhei com você.” Quando elas falam isso a gente já treme, porque sonho de mãe é fogo! Elas como que não deixam de se preocupar conosco e, em sonho, em desdobramento, buscam-nos, onde quer que estejamos. É preciso ser muito artista para engabelar uma mãe, porque, mesmo sem que se fale, ela parece saber o que se passa.

Eu tenho amigos que já foram casados e que, após passarem por problemas sérios, separaram-se e foram contar o ocorrido aos pais. Então vêem o pai levar um choque, mas

a mãe dizer logo: “eu sempre soube”. Às vezes são até mães que gostavam das noras, mas a intuição de mãe não falha.

E por quê?!

Porque os sentimentos, os mais profundos que nos ligam, formam como que pontes de troca de energia – e é por isso que nós não conseguimos muitas vezes nos desvencilhar do nosso passado espiritual, porque toda pessoa que já fez parte do nosso mundo íntimo, permanece em nossa lembrança. E até que nos desvinculemos dessa lembrança, passa-se muito tempo. Por isso almas que sofrem, e que magoamos no passado, têm grande dificuldade de nos perdoarem. E é preciso então que por muito tempo elas nos acompanhem, percebam que nós já somos diferentes hoje, que já não resta mais em nossa vida nenhum sentimento menos digno, para que então possam gostar novamente de nós.

Tornam-se nossas maiores observadoras. Enquanto não provarmos a elas que mudamos, que não somos mais aquela criatura perversa que não sabia dar valor aos verdadeiros sentimentos, elas não nos deixam.

E há pessoas que fazem tratamento de desobsessão por anos a fio e dizem: “eu não sei o que acontece comigo que os meus obsessores não me deixam...” Não duvidemos: nós também não deixamos os nossos obsessores, porque não mudamos as atitudes menos nobres que os ligam a nós.

O mais importante não é simplesmente reencontrar aqueles que vêm do nosso passado, mas saber que todo encontro, sendo um reencontro, implica em aperfeiçoamento moral.

Hoje, conduzamos a nossa vida com mais renúncia, com mais sacrifício, com mais vontade. Se não amamos, vamos ao amor! Se detestamos, vamos à compreensão. É óbvio que ninguém vai partir do ódio para o amor; este é um caminho longo. O próprio Cristo disse: “Amai os vossos inimigos”. Ele não disse “mude-se para a casa do seu inimigo, case-se com seu adversário imediatamente”. Não. Ele disse “amai”, por

quê?! Porque a começar pelo amor, nós nos reconciliaríamos, nós nos reaproximaríamos daquele ser e, então, poderíamos reformar a nossa vida junto a ele.

Há livros da Doutrina Espírita que versam sobre ódios e amores que se confundem e se misturam em encarnações que se seguem. Há uma trilogia: *O drama da Bretanha*, *O cavaleiro de Numiers* e *Nas voragens do pecado* que narra a saga de uma mesma família em três encarnações, a começar pela noite de São Bartolomeu, aquela noite terrível, quando tanto sangue rolou. Desde aquela época, então, essa família enfronhou-se em ódios profundos e perseguições.

Essa trilogia, três obras psicografadas pela extraordinária médium Ivone Pereira, narra exatamente essa procura das almas: elas não conseguiam se afastar, nem na Terra e nem no mais além, até que puderam realmente se perdoar.

É difícil realmente perdoar alguém que, numa outra encarnação, matou você, matou a sua família; isso é complicado demais. Quando vamos ao Egito antigo, por exemplo, podemos nos recordar do que, nas cortes de Ramsés I e Ramsés II, fazia-se com quem era considerado traidor: uma coisa simples, rápida! Jogava-se num fosso de crocodilos!

Agora vocês se imaginem sendo jogados num fosso de crocodilos... Já imaginaram? Como é que se vai perdoar com facilidade a pessoa que fez uma coisa dessas conosco? Ou que lançou na morte uma pessoa que amávamos... um filho... é muito complicado!

Eu gosto sempre de contar esta história: certa vez, na casa espírita em que eu trabalhava, apareceu um rapaz muito bonito arrastando-se, desesperado, sentindo dores lancinantes por todo o corpo. Dizia-se perseguido por uma entidade perversa.

Entrou na cabine de passe sozinho. Quando ele entrou, as cadeiras tremelicavam, provando o assédio tremendo. Veio, então, o chamado obsessor para conversar com ele. O

espírito, então, na maior tranqüilidade, contou-nos que, numa encarnação passada, muito recente, aquele rapaz, que ele hoje perseguia, o havia matado. E ficou todo mundo dentro da cabine de passe dizendo: “meu amigo, isso foi em outra encarnação, agora já não dá mais, você tem de perdoar...” E aí ele contou que os dois eram amigos muito chegados, trabalhavam numa construção e que ele - o encarnado de hoje - havia jogado o agora obsessivo num triturador de cimento e ligado o aparelho! Daí a dor no corpo todo que o encarnado sentia! O desencarnado, até hoje atrelado àquele momento terrível, o subjugava, para que ele sentisse no corpo de carne a mesma dor que ele havia sentido.

Confesso a vocês que isso foi há muitos anos e que eu, que estava totalmente simpatizante do rapaz, tive de me controlar para dar o passe nele, porque fiquei muito condoída do obsessivo. Eu me sensibilizei com o obsessivo porque me imaginei no lugar dele, sendo triturada. Já imaginaram?!

Então, com relação a esse negócio de dizer “ah, não sei porque esse obsessivo me persegue”, bem, nós não sabemos, mas motivos certamente ele tem! Com certeza ele não estava andando na rua e: “ah, não me simpatizei com aquela menina, vou atrás dela para perseguir...” Não! Não é assim! É sempre por profundas ligações do nosso passado espiritual que surgem as obsessões. E por coisas terríveis, coisas muito graves que fizemos. Não é por bobagzinhas que hoje a gente faz, não.

Um amigo meu, muito angustiado com a sua situação no serviço, comentava comigo: “Mayse, em suas palestras você tem de dizer que quem em outras vidas dilapidou o patrimônio dos outros, nessa encarnação, no mínimo, para refrescar, vem como bancário!” Aí, eu falei: “olha, é no mínimo mesmo, porque existem sofrimentos bem maiores”. E nós sabemos disso, porque os amigos espirituais sempre nos lembram dos escravos, das pessoas que torturamos, que perseguimos, que fizemos com que fossem presas injustamente, que mandamos

prender, furar os olhos... se alguém nos dissesse que em encarnações passadas fomos senhores de escravo, nós ficaríamos quietinhos, não é verdade?! Acontecesse o que acontecesse - “gente, eu tô quieto!” Não é mesmo? Porque senhores de escravos bonzinhos eram raros.

Uma vez um senhor que tinha câncer nos dois pulmões disse a Chico Xavier: “Chico, eu fui senhor de escravos. Será por isso que eu tenho câncer nos pulmões?”

E Emmanuel disse a Chico; “sem dúvida. Hoje, o que o chicote fazia, por ordem dele, nos escravos, o câncer vai fazer”. Só que em trinta minutos morria o escravo, e o câncer levou uns dois, três anos para levar o senhor ao mundo espiritual.

É interessante notar que não é só o que a gente faz ao nosso próprio corpo numa vida que se reflete em nós na próxima encarnação, mas também o que a gente faz ao corpo dos outros também. E é também o que a gente faz ao sentimento alheio que marca o nosso sentimento e faz com que tenhamos de estar muitas vezes solitários, muitas vezes doentes, muitas vezes necessitados das mais diversas providências do mundo espiritual para o nosso amparo.

Não duvidemos: o que nos acontece hoje é muito menos do que fizemos acontecer na vida dos outros em nossos momentos de loucura.

Chico Xavier tem uma frase linda que diz: “Graças damos porque é a misericórdia de Deus que nos mantém em vida; porque, se fosse a justiça, nós não agüentaríamos.”

Deus é tão misericordioso que permite que renasçamos quantas vezes forem necessárias, que sejamos até felizes em muitos e muitos instantes da nossa vida, que refaçamos a nossa vida, confiemos novamente; permite, enfim, que reencontremos tudo o que tanto marcamos com a nossa invigilância, com o nosso desprezo.

É por isso que tanta gente diz: “por que eu não me lembro do que fui em outra encarnação?” Já imaginaram se nós nos lembrássemos até dos detalhes?! Como olharíamos

uns para os outros? Será que eu teria a coragem de ficar aqui, escrevendo para vocês, ou morreria de vergonha?! Não é mesmo? Será que nós teríamos coragem de dizer a um filho nosso: “eu quero o melhor para você”, se ele soubesse que, numa outra vida, nós tenhamos sido, talvez, seu maior perseguidor?

É muito importante pensarmos nisso.

Um homem que havia ficado preso por quatorze anos voltava, nos Estados Unidos, para casa. Junto dele, no ônibus, estava um grupo de jovens que ia passar férias na Flórida. E, enquanto os jovens cantavam, riam, brincavam alegremente no ônibus, aquele ex-presidiário era o único que permanecia com a boca fechada, os olhos com lágrimas, de forma que se percebia de longe. Uma das jovens, no meio do caminho, resolveu interpelá-lo e lhe disse: “nós estamos aqui, sorrindo, e o senhor está aí tão atormentado. O que lhe aconteceu? Qual é o seu nome?”

- Eu me chamo Vingo - ele respondeu.

- Mas por que o senhor está tão triste? É algo conosco?

E ele disse:

- Não. Eu fui presidiário por quatorze anos e hoje estou retornando à minha casa.

E ela então disse a todos os amigos que viessem para perto, porque ele lhes ia contar a sua história.

Então ele disse:

- Há anos eu fui condenado. Minha esposa, de início, ia me visitar. Nós tínhamos filhos pequenos e eu passei a dizer a ela: “não venha me ver. Aqui na prisão é um ambiente tão ruim, tão deprimente... não venha me ver”. Então ela parou de ir, mas começou a me escrever. Até que, após nove anos de prisão, eu escrevi para ela dizendo que havia sido condenado por mais alguns anos e que não iria sair tão cedo. Pedi a ela que me esquecesse e levasse adiante a educação dos nossos filhos, sem mim. Disse também que, se ela quisesse, poderia



contrair uma nova união... E ela nunca mais me escreveu, nos cinco anos que se seguiram.

- E então?

- Na última carta que eu remeti, quando tinha nove anos de preso, disse a ela: "olha, eu ainda mando um bilhete para você quando estiver perto do meu retorno a casa". Nos cinco anos seguintes ela não me escreveu. E eu estava aqui, agora, pensando se eu ainda tenho esposa, se meus filhos ainda gostam de mim, se eu ainda tenho família... porque quando eu soube, quatorze anos depois, que a minha pena iria ser comutada, mandei à minha esposa um bilhete, onde constava: "se você ainda me quiser, coloque uma bandeira verde naquele carvalho grande que tem na entrada da nossa cidade. Se eu, ao chegar, de ônibus, vir a bandeira verde, voltarei para o meu lar... se não a vir, seguirei em frente, saberei que nem você nem meus filhos querem mais me ver e irei embora para outro canto..."

Imaginem como todo mundo ficou, na metade da viagem!!! "Meu Deus, será que, quando nós chegarmos na cidade, vamos encontrar a bandeira verde?" Ficou todo mundo rezando! "Será que o ódio dessa mulher por ter criado os filhos sozinha, pelo crime que ele cometeu, vai ser superado pelo amor?"

E começou aquela celeuma dentro do ônibus, ninguém mais cantou, todo mundo começou a ficar angustiado...

O mais extraordinário foi que, quando, de repente, o ônibus fez uma curva e apareceu o grande carvalho, pôde-se ver não apenas uma bandeira verde pregada no carvalho, mas viam-se trinta bandeiras verdes!!! Havia bandeiras por todo o carvalho e o vento da tarde fazia-as tremularem!!! E ali ele viu que era amado ainda, quatorze anos depois, pela esposa e pelos filhos. Os jovens bateram palmas, deram gritos de viva dentro do ônibus, e ele desceu, voltou à sua felicidade, enquanto os jovens seguiram para a sua viagem de férias, naquele ônibus.

Os espíritos nos contam essa história, verídica, para nos lembrar de que quaisquer que sejam as dores e as circunstâncias com que nos defrontemos, elas não são só o passado que retorna, elas são também a oportunidade que temos de iluminarmos o nosso futuro.

Há anos morreu Cármen Miranda, essa artista portuguesa de nascimento e brasileira de coração que foi tão incompreendida aqui, na década de 50, porque os brasileiros, invejosos do seu sucesso, disseram que ela não era mais brasileira, que ela tinha se americanizado. E, para a surpresa de muitos brasileiros que tinham a consciência culpada com relação a ela, quando ela colocou, na porta do teatro chinês, as mãos no cimento para eternizá-las, e perguntaram a ela no que ela havia pensado quando se abaixou para deixar as suas mãos ali, ela disse: “eu pensei em todos os brasileiros”.

Há mais de quarenta anos ela desencarnou. Cármen Miranda foi um exemplo de quem transforma a sua mensagem em alegria, porque queria dizer a todos que é preciso ser feliz.

A nós ela fez ainda o favor de dizer ao mundo que o Brasil existia, coisa que há quarenta anos a maioria do mundo ignorava.

Há mais de quarenta anos também caiu a bomba sobre Hiroshima. Um momento difícil para a humanidade e tão difícil também para o mundo espiritual, porque, para exterminar o clima de ódio que há seis anos dominava o mundo, os americanos, utilizando-se do Enola Gay, lançaram uma bomba que explodiu a dez metros do chão e matou, imediatamente, mais de quarenta mil pessoas, além do montante de pessoas que morreu nos anos seguintes.

São poucos hoje os sobreviventes daquela época. Um dia desses, no programa do Jô Soares, um japonês, oriundo daquela região, foi entrevistado. Dá para se ver, até hoje, no olho daquele homem, a tristeza, as lágrimas, o desespero, o amor por aqueles que ele perdeu, naquele momento. O

entrevistado contou que foi imediatamente lançado a dezessete metros do local onde estava.

Os espíritos amigos nunca quiseram falar muito sobre como ficaram os espíritos desencarnados naquela hora. Já se questionou de todo jeito a Emmanuel e a André Luís, mas eles evitam falar. A única informação que se tem é a de que foi uma coisa tão terrível que foi preciso, em muitos casos, que se reconstituísse o perispírito daquelas almas que tiveram a pouca sorte de estarem ali, naquele dia em que a queda da bomba foi simplesmente definida por um céu sem nuvens, um céu de brigadeiro.

Havia sido determinado pelo exército americano que uma das duas cidades deveria ser primeiro atingida: a que tivesse um dia de céu claro, azul. Um céu de brigadeiro, como se diz.

Cinqüenta anos depois, os cientistas ainda discutem se ainda resta radioatividade em Hiroshima, um local onde os lírios, brancos, ficaram negros imediatamente após a bomba ter explodido.

Mas mais do que pensar se ainda há radioatividade naquele ambiente, devemos pensar é que, cinqüenta anos depois, temos de ter aprendido a lição maior, a de que o ódio nunca nos conduzirá a nada, a não ser à nossa própria destruição íntima. É como se uma bomba caísse dentro de nós.

André Luís diz que cada pensamento de raiva, cada sentimento negativo que emitimos na direção do semelhante, são muitas bombas atômicas explodindo dentro da gente, de forma que conseguimos até matar células do nosso corpo físico.

Imaginemos então o que acontece com a nossa alma quando temos um sentimento de ódio por alguém!

E já que é assim, e que desejamos ter saúde e sermos eternamente felizes, vamos retirar de nós qualquer animosidade e resistência ao entendimento, enquanto

estamos aqui. Como disse o Cristo: “reconcilia-te com teu adversário, enquanto estás a caminho com ele”. Ele assim disse porque sabia que é mais fácil pedir desculpas agora, abraçar sinceramente aquele alguém que, ao passar por nós, dá-nos asco, do que deixar essa reconciliação para quando um de nós já tiver partido para o mundo espiritual. Aí fica cada vez mais difícil recomeçar.

Pensemos que a imensa colcha de retalhos que é a nossa vida nos traz, em cada pedaço, uma pessoa precisando de uma costura, para que a grande colcha de amor possa ser estendida novamente. E cada quadradinho dessa colcha responde por um nome: é pai, é mãe, é irmão, é namorado, é filho, é ex-marido, é chefe, é funcionário, é subordinado, é esposa... é aquele que nos magoa, aquele que conhece todos os nossos defeitos e que se utiliza disso, ou aquele que quer nos ajudar mas que, às vezes, meio sem jeito, quase nos prejudica, nos levando angústia e desesperação...

Para todas as criaturas que nos irritam, tenhamos um pensamento de carinho, tenhamos um minuto de paz. Se ainda não dá para nos reconciliarmos com aquela pessoa que saiu da nossa vida intempestivamente, porque ela já está no mundo espiritual, enderecemos a ela, em nossas preces e pensamentos, uma flor. Que, onde quer que ela esteja, ela possa nos ter desculpado, possa ter se esquecido de nós em nossos momentos menos nobres e possa se lembrar das coisas boas que chegamos a fazer. É assim: termina namoro ou casamento e você só pensa nas coisas ruins. Alguém lhe pergunta: “você terminou seu casamento?” e você já saca: “terminei, lógico! Por isso, isso e isso!” Mas o tempo apaga tudo!!! Então o tempo vai passando, e o “tempo é um sábio mudo”, como diz Emmanuel, e você começa a se lembrar das coisas boas! É quando surge aquele pensamentozinho: “ah, meu ex-marido tinha uma risada bonita...” Não duvidemos: o tempo ajuda-nos a lembrarmos das coisas que foram boas! E esse é o verdadeiro equilíbrio.

Quando nós começamos a nos lembrar do que foi bom, então dulcificamos o nosso coração e não há mais espaço para a animosidade.

Tem até uma música que diz: “eu sigo em frente, mas aquilo que eu não sabia antes de conhecer você, vai comigo!”

E essa é a pura verdade.

Sempre saímos acrescentados de um relacionamento, porque não sabíamos um monte de coisas que aquele sentimento nos ensinou.

Pensemos nisso. Façamos da nossa vida de agora um manancial de luzes e bênçãos que nos acompanhará para sempre.

Não dá mais para ser cruel, não dá mais para ter ódio, não dá mais para termos sentimentos menos dignos, porque a nossa humanidade não está mais para isso. Está para a beleza, está para a renovação, está para a esperança. Pensemos em tudo isso!!! Está difícil viver? Estamos hoje colhendo as tempestades semeadas ontem... Tem muita gente que diz: “ah, fulano não faz nada pelos outros, não frequenta lugar algum, mas dá tudo certo para ele; eu frequento uma casa espírita, me esforço no bem, mas todas as portas se fecham para mim...” E os espíritos lembram-nos: “fulano, tão inconstante, está semeando; nós já estamos colhendo, colhendo a semente invigilante do ontem. Ele também, se não souber semear, assim vai colher...”

Tenhamos a consciência de que, se já vivemos bem, vivamos ainda melhor, estendendo esse bem viver aos outros. Se a nossa vida está difícil, entreguemo-la a Deus, o grande guia da nossa vida, porque a nossa vida não pode estar em mãos melhores.

Que nos nossos reencontros de todos os dias nós possamos realmente recomeçar. Que a aparente má vontade que alguém tenha por nós possa ser vista com os olhos do nosso coração, e não tenhamos nós má vontade para com ninguém!

Que o nosso presente possa ser abençoado. Que nós possamos amar, hoje, todo aquele que foi causa de infelicidade para nós no passado de outras vidas ou desta vida. E aquele alguém, sentindo-se amado e compreendido, também irá se modificar.

Se assim não fosse, por que existiriam pessoas como Meimei, que fizeram de suas vidas uma lição para todos, que nasceram para amar?... Há pessoas que nascem realmente para amar – e outras que nascem para serem amadas, até que aprendam a amar.

Em todo relacionamento há quem ame muito, mas há quem ame melhor: há quem saiba amar! Felizes de nós se encontrarmos sempre em nossos caminhos pessoas que saibam amar e que nos ensinem esse amor desprendido que é amar sem querer amor de volta.

Um dia – talvez até demore – todos nós amaremos apenas pela glória de amar, sem esperarmos retribuição alguma. Nesse dia, todos nós viveremos amando, tolerando, servindo, esperando, sem nunca desanimarmos, com a nossa fé cada vez maior.

Combinado?

Combinado, hein?!

Peçamos a Deus todos os dias que as forças do bem estejam conosco.

Vamos ter a certeza absoluta de que o melhor está sempre vindo para nós.

Virão anos de felicidade, sim. Não duvidemos disso.

O que vale nessa vida é sermos bons. Sejamos bons, amigos, para, depois, sermos felizes.

Para frente e para o alto é como devemos caminhar.

2

## *Disciplina do pensamento*

---

Vamos falar sobre pensamento e reforma íntima. Na verdade, a reforma íntima é sempre o grande desafio das nossas almas em todas as etapas da nossa evolução.

Se já tivéssemos nos reformado, no mais profundo do nosso ser, trazendo aos nossos corações as luzes de que Jesus foi o grande orientador, não estaríamos mais nesse processo de reencarnações. Os espíritos são rigorosos com relação a isso, tentando nos fazer ver que, como diz André Luís, “todo o bem que você deixou de fazer foi um mal que você realizou”.

Percebemos pela escala evolutiva que percorremos que mesmo antes de nos tornarmos espíritas já tínhamos valores de educação que vieram da nossa família, dos nossos pais. E nós percebemos, depois de tornarmo-nos espíritas, a diferença! Nós nos tornamos pessoas mais cuidadosas nas atitudes, nas palavras, também nos pensamentos!

A Doutrina Espírita ensina-nos que o nosso pensamento é a maior força criadora que pode existir. Fomos criados por Deus, que colocou em cada um de nós esse poder gerador, que se volta contra nós quando não avançamos na evolução de tal maneira que nos aprisiona no mundo espiritual.

As chamadas “regiões do Umbral” nada mais são do que faixas de sombra que cada cidade possui. Não simplesmente cada país.

Os espíritos amigos, ainda na década de 50, já nos diziam que cada cidade tem, sobre ela, o seu posto de socorro; a sua colônia espiritual. A mais conhecida ficou sendo o Nosso Lar, que está exatamente acima da cidade do Rio de Janeiro.

No livro *Vivendo no mundo dos espíritos*, o espírito de Patrícia, uma jovem que desencarnou aos dezenove anos devido a um aneurisma cerebral fulminante, conta-nos como retornou ao mundo dos espíritos – ela já era espírita desde o berço. O pai dela é presidente de um centro espírita em São Sebastião do Paraíso. Ela se preparou a vida inteira, sempre acreditou muito na imortalidade da alma e teve os seus merecimentos, porque desde pequena começou a trabalhar dentro da doutrina. Um dia, aos dezenove anos de idade, ela sentiu uma breve sonolência e como que desmaiou. Estava já morta. Mais tarde ela veio a saber que, na verdade, tinha uma longa enfermidade a resgatar, que tinha realmente resgates a fazer. Mas, como ela contava com apenas dezenove anos de vida e já muitos momentos de dedicação ao bem, como ela realmente tinha incorporado em seu coração os ensinamentos do bem, o mundo espiritual achou que não seria necessário que ela passasse por todo um processo degenerativo do cérebro. Um aneurisma fulminante e imediato levou-a de volta à pátria dos espíritos.

Quando uma pessoa desencarna inesperadamente, e é uma pessoa que só fazia bem para os outros, é jovem, bondosa, nós ficamos às vezes inconformados, porque muitas vezes nem dá tempo de nós nos prepararmos.

Mas, até onde o preparar-se não derruba a nossa fé? Às vezes as enfermidades são tão longas, são tão difíceis que as pessoas, ao invés de se elevarem com a dor, comprometem-se mais, revoltam-se; a família inteira cria um clima horroroso em torno da enfermidade... E, por isso, os espíritos dizem



que, para as almas que são ligadas ao bem, um desencarne rápido e inesperado é uma bênção.

Patrícia, no livro *Vivendo no mundo dos espíritos*, conta-nos que visitou várias colônias no mundo espiritual e que ficou encantada com a colônia espiritual que está acima de Brasília. Brasília é uma cidade muito nova e a colônia espiritual que fica sobre ela é uma das mais modernas, a mais nova colônia espiritual que o Brasil possui. É lindíssima, segundo ela descreve no livro.

Podemos resumir praticamente as mensagens de Patrícia em um ensinamento: se você não reforma a sua conduta aqui na Terra, fica muito difícil fazê-lo no mundo espiritual, porque a entrada no mundo espiritual já é um começo de colheita daquilo que se semeou aqui.

Patrícia descreve, com a sua simplicidade, as regiões do Umbral que cada cidade possui, os lugares para onde vão os alcoólatras, o porquê de muita gente não ser socorrida depois que desencarna.

Ela explica de uma forma singela como se dá o atendimento aos pedidos de ajuda que fazemos às pessoas desencarnadas. Fala das equipes espirituais que, durante a noite, vão às nossas casas, trazem-nos de volta, muitas vezes, aos centros espíritas, para tratamento.

Já deve ter acontecido com você de sonhar que está na sua casa espírita, ou na sua agremiação religiosa, qualquer que seja ela, não é verdade? Muitas vezes nós nos encontramos nesses lugares de madrugada e assistimos a palestras de espíritos iluminados que vêm nos falar de coisas por demais importantes para nós.

Patrícia, no seu livro, diz que ela descobriu que é preciso, antes de mais nada, na Terra, substituímos o sofrer pelo fazer. A única forma de mudarmos o nosso destino para melhor é, sem dúvida, trabalhando em benefício dos outros, doando um pouco de nós mesmos, não nos vendo como pessoas especiais, mas como aprendizes.

Se nos perguntassem: qual é o médium mais notável de que se tem notícia? A grande maioria de nós diria: Chico Xavier. No entanto, certa feita, ele se comparou a um verme frente a um elogio de uma senhora – ele respondeu assim quando ela lhe disse: “Chico, muito obrigada! Você é maravilhoso!”. Ele disse, então: “Que é isso, minha irmã?! Eu não posso me comparar a um verme!” E mais tarde Emmanuel lhe apareceu e disse: “Realmente você não pode se comparar a um verme. Porque você não pode imaginar o trabalho que o verme realiza para Deus, na Terra! Você não pode imaginar a importância do verme na natureza!”

E então Chico passou a se colocar como um sub-verme!

Hoje, quando as pessoas lhe falam: “Chico, você é maravilhoso!”, ele logo responde: “Não, meu amigo, eu sou um sub-verme”, porque ele aprendeu que não poderia se comparar a um verme!

E vejam vocês: as pessoas às vezes se enganam: “ah, eu gosto do meu grupo mediúnico porque lá um espírito vem, me elogia...” Se isso acontecer, pode sair correndo! Espírito que vem para nos elogiar não é espírito de luz! O máximo que ele pode falar é “meu irmão, continue nessa trilha de amor, com muito esforço, muita luta, muita paz...” mas se disser: “você é maravilhoso!.. Está tudo ótimo, siga do jeitinho que você está, não mude nada!”, você pode esquecer tudinho!!! Porque se for realmente um espírito amigo, sempre nos aferirá o devido valor. Sem nos depreciar, mas também sem nos atribuir qualidades que ainda não temos. Espíritos sofredores, sim, sempre nos dão uma cutucada e nos fazem imaginar que merecemos mais do que os outros... e aí começa a surgir o egoísmo no nosso coração.

Os espíritos falam-nos das regiões de sombra criadas pelo próprio pensamento dos homens da Terra desencarnados.

E às vezes nós nos perguntamos: – será que foi Deus quem criou uma região umbralina? Será que foi Deus quem

criou o Vale dos Suicidas? – É claro que não!

Foram os próprios homens os criadores, com seus pensamentos mais obscuros, com as suas próprias mentes deficientes, terríveis muitas vezes, que criaram esses ambientes para se esconderem da luz, para se esconderem de si mesmos.

No extraordinário livro *Memórias de um suicida*, Camilo Castelo Branco narra exatamente o sacrifício que foi, para ele, pensar “eu estou fora da matéria, portanto, o meu ouvido, a minha matéria, não pode estar sangrando, porque eu não estou mais num corpo de carne”. Entretanto, aquele filete de sangue correu nele por quatorze anos e só parou quando ele foi socorrido numa colônia espiritual, desesperado porque, além de sentir o ferimento no ouvido, estava cego.

Ele, que, encarnado, era um escritor português famoso, atormentado por estar cego e também por problemas íntimos, deu cabo da vida com um tiro no ouvido. Durante quatorze anos, nas regiões de sofrimento, Cammilo sentiu correr do ouvido aquele filete de sangue, embora soubesse que não estava mais encarnado. E assim sabia porque gritava pelas pessoas, fazia-se presente a elas mas não era visto; era pranteado, lamentado, como alguém que, naturalmente, já estava desencarnado.

Ele foi um ser atormentado em vida: tinha problemas com os filhos, a família não era compreensiva com ele, também tinha uma série de dificuldades emocionais, e, no mundo espiritual, veio a narrar, em 1926, através da mediunidade de Ivonne Pereira, o tormento de quem foge pela porta do suicídio do corpo de carne, que é empréstimo de Deus.

Cammilo narra estupefato os quadros de suicídio que viu nos quatorze anos que passou no Vale dos Suicidas. Porque os suicidas relembram, a cada segundo, aquele último instante de vida na Terra, ele via, por exemplo, mulheres passarem por ele em combustão! Quanto mais corriam esses espíritos femininos, mais o fogo lhes tomava as vestes. Elas passavam

feito tochas humanas à frente dele, tamanho o sofrimento. E, por quê?! Porque a mente não se desliga facilmente das coisas, principalmente das negativas!

Já comentei anteriormente: às vezes terminamos um namoro com a certeza de que não há mais espaço para aquela pessoa na nossa vida, que seria um equívoco levar adiante aquela situação, mas costumamos a esquecer dela, porque o vínculo mental é o mais difícil de ser rompido.

Tem gente que namorou conosco há uns dez anos... no entanto, basta lembrar de nós que, rapidinho, estamos pensando na pessoa de novo! Às vezes ela está a quilômetros de distância, não faz mais parte da nossa realidade, mas nós pensamos nela! O pensamento da pessoa nos alcança.

Quantas vezes já aconteceu de você ter essa sensação e dizer “será que fulano está pensando em mim”? Por que será que nós temos essa sensação? Porque o pensamento realmente nos alcança! Às vezes é o telefone que toca no momento seguinte e ali está o tal fulano procurando notícias nossas ou dando as dele.

Nós sempre fomos meio preguiçosos nessa coisa de evoluir. Tem inclusive uma frase famosa, do ditado popular, que traduz bem isso: “Amanhã virá quem bem me fará”. Essa frase os mais velhos devem conhecer. Nós ficamos sempre esperando mudarem amanhã as coisas que precisam ser transformadas agora, mas nós não sabemos se amanhã vamos estar ainda num corpo de carne!

Quando mães vêm nos falar de filhos que desencarnaram, às vezes afirmam: “ah... o meu filho problemático tem uma saúde de ferro; mas o meu filho querido, aquele que nunca me deu uma tristeza, esse desencarnou.” É o óbvio. Os filhos que não precisam mais das lições partem. Aqueles difíceis vão ficar no banco da escola por ainda muito tempo.

Isso não quer dizer que você vá virar para o seu filho querido e dizer: “Olhe, meu filho, esqueça tudo o que eu já lhe falei sobre reforma íntima! Nada de tirar boa nota, nada

de respeitar os outros... eu prefiro você um marginal, mas comigo!!!"

Por sermos espíritas sabemos que não é bem por aí!!!

É preciso pensarmos que, se o nosso pensamento nos aprisiona a pequenas coisas, quê se dirá das grandes coisas, quando, no mundo espiritual, tais surgirem à nossa vista? Se ficarmos apegados à pulseira dourada que deixamos na gaveta... e você pensa que não existe isso, é?! Existe!!! Quem nunca ouviu um : "olha, quando eu desencarnar, isso aqui é seu, isso é do cachorro, isso é do gato..."?

Quando chegarmos do lado de lá, não haveremos de olhar para trás, se Deus quiser!!! Lembremo-nos sempre do doutor Adolfo Bezerra de Menezes, mentor espiritual de tantas casas espíritas, que, na manhã do seu desencarne, chegou no parapeito da janela do seu consultório, viu que a fila de doentes para que ele atendesse virava a esquina, então olhou até a última pessoa que estava na fila e fez uma prece sentida, dizendo: "Meu Deus, deixa-me ter forças para atender, no dia de hoje, até a última pessoa da fila..." Depois que a última pessoa da fila foi atendida, ele se recolheu, chamou os filhos, a esposa, a família, foi para o seu leito, sentindo-se fraco, fez uma prece e disse na oração: "Meu Deus, eu estou devolvendo ao senhor tudo o que me foi emprestado: o corpo, a família, os filhos..." Vejam vocês o desligamento mental total deste espírito!

Olhem só o que aconteceu comigo há alguns anos: às três horas da manhã, no meu quarto, senti alguém me tocar: abri os olhos acreditando tratar-se do meu marido ou da minha filha e deparei-me com um senhor - um espírito desencarnado - de fraque, cartola, luvas brancas, polaina - sabe aquela polaina que o Tio Patinhas usa? Pois é, igualzinha. Olhei o espírito de alto a baixo e pensei: "eu não acredito!". Imaginem de que festa aquele espírito não estaria vindo!!! Porque ele estava ali, cristalizado, ainda com uma carteira na mão - olhem o que é a mentalização, a cristalização mental. E

ele me disse assim: – Olha, a senhora sabe, um amigo me disse que, se eu viesse até aqui, a senhora faria uma prece por mim. Quanto eu preciso pagar para que a senhora faça uma oração por mim?

Não foi mole!!! Eu fiquei morrendo de paixão, de pena mesmo, de ver aquele espírito naquela situação deplorável.

Dona Irene Carvalho, da Comunhão Espírita de Brasília, contou-nos que, quando foi à Europa, certa vez, ela entrou no palácio de Versailles e ali viu que ainda estava acontecendo, para alguns espíritos, um baile! Os espíritos dançavam! Aquelas mulheres com aquelas roupas maravilhosas, todos rodopiando pelo salão... Isso quer dizer que ali ainda era século XVII na cabeça daqueles espíritos que não queriam sair. Ela nos contou também que, no Museu de Louvre, enquanto o cicerone foi andando para um lado com o grupo da excursão, ela foi para outro, porque os espíritos iam mostrando para ela: “aqui aconteceu isso; aqui, aquilo...” (A vantagem da mediunidade também, não é? Porque, afinal de contas, há de haver uma vantagenzinha!!!) De repente, ela olhou e viu que tinha uma argolona no chão, como se fosse um alçapão mesmo. E, quando ela ia enfiando a mão, o dr. Dias da Cruz ou o dr. Franco Leal, não me lembro bem qual o espírito a acompanhava, disse a ela: “Não abra!”. Mas... ela não teve dúvidas: abriu!

É aquela história: nós ainda somos muito humanos mesmo, não é? Os espíritos dizem para não abrir mas nós abrimos mesmo! Em pleno Museu de Louvre e você não vai abrir?! E, quando ela abriu o tal alçapão – e o pior é que o negócio era facilímo de se abrir – ficou horrorizada, porque naquele porão estavam entidades trevosas encarceradas ainda, com grilhões nos braços. O pior não foi vê-los. O pior foi a carga que ela recebeu. Já imaginaram o que é receber a carga de espíritos que estão impregnados, parados, fixados há mais de duzentos anos? Na hora em que ela abriu o alçapão, sentiu

uma carga puxando-a para baixo. Os espíritos levantavam os braços e ela sentia, embora eles não a tocassem, que iam enlaçá-la e ela iria cair. Com um esforço supremo, ela ficou sentada no chão e botou de novo a tampa do alçapão. Suava frio: imaginem vocês a carga de energia que aqueles espíritos roubaram dela!

E eu não vou contar a vocês o que o espírito amigo disse a ela, hein? Porque é aquela história: desobedeceu, não é? Às vezes os espíritos nos dizem “não faça aquilo, não faça isso...” e alguns dizem: “ah, não, se tivesse um espírito do meu lado dizendo para não fazer algo eu não faria!” Será?! Porque eles estão aí, o tempo todo, ditando bons comportamentos à nossa consciência.

Jesus, quando veio à Terra, quis, de forma extraordinária, resumir a busca da nossa perfeição, a reforma de caráter que todos deveremos fazer: disse para fazermos ao outro o que gostaríamos que o outro nos fizesse. Disse para amarmos os nossos inimigos – talvez uma das frases mais revolucionárias que o Cristo disse – e para desejarmos o bem àqueles que não nos querem bem. Ou seja: Jesus colocou nos devidos degraus a nossa evolução.

Lembrem-se sempre da moça que foi procurar o médium baiano Divaldo Franco para uma orientação, porque tinha uma filha de onze anos que nunca a tinha abraçado. Então ela disse: “é, Divaldo, é coisa de outra vida mesmo, não é?!” E Joana de Ângelis, mentora de Divaldo, disse a ele: “Não é, não. Quando a menina nasceu, quando o médico disse, na sala de parto: ‘é uma menina’, ela respondeu: ‘ah, eu queria tanto um menino...’ E a menina, naquele momento, gravou, nunca se esqueceu daquela frase e até hoje, onze anos depois, não deixa a mãe se aproximar”. Qual foi a solução?! Seguindo a instrução dos espíritos, a mãe, todas as noites, depois que a menina adormecia, ia para a beira da cama e falava: “minha filha, eu a amo tanto. Perdoe-me, aquilo foi uma bobagem, eu não quis falar aquilo...” No dia em que a menina estava

completando doze anos então, a mãe estava de costas na cozinha preparando o bolo da festa, a menina veio por trás, abraçou a mãe pela primeira vez e disse: “Mamãe, então é verdade que você me ama mesmo?!”

Vejam como o espírito de quem dorme grava tudo, porque permanece desperto! Eu tenho uma amiga que diz: “meus filhos são equilibradíssimos. Eu vivo um inferno com o meu marido, mas a gente só briga quando eles estão dormindo”. Jamais façamos isso!!! Porque o corpo dorme e os espíritos vão todos assistir a briga. Aí, no dia seguinte, é a febre na filha que não se sabe de onde vem, são as birras para não ir à aula, a dor de cabeça, a dor no pé... e ninguém tem explicação para nada. São os ambientes. É a força do nosso pensamento! A mulher deve se conscientizar: ela é mesmo o pilar do casal.

Em verdade, a mulher é o sustentáculo espiritual do lar. O filho chega cheio de problemas; o marido, nem se fala; e a mulher vai, discretamente, falando de coisas boas, contando coisas boas... pode até ser difícil, mas ela tem de fazer isso!

Uma vez perguntaram à esposa do então prefeito de São Paulo, Paulo Maluf, como é que ela conseguia viver tão feliz com o marido, há tanto tempo, e ela respondeu: “eu tenho a primeira dica: meu marido nunca chegou em casa e me pegou fazendo reclamações”. Achei isso interessante. Aí vai uma dica. Ela contou que às vezes tinha vivido coisas terríveis com os filhos, daí ele chegava e falava: “tudo bem?” e ela respondia: “tudo bem”. Mais tarde ela ia enfronhando-o nos assuntos: “Olha, conversa com fulaninho... aconteceu isso e isso”. Mas ela estava sempre “bem”. Não necessariamente arrumada, mas... Porque, às vezes, a gente se arruma toda, mas, quando o marido abre a porta, já vai despejando nele um monte de problemas!!! Aí não adianta nada. O importante é que saibamos que toda mulher é, dentro de casa, malgrado a própria vontade dela, o sustentáculo espiritual do lar. É



mesmo.

E já comentei com vocês que a mulher é tão esperta que ela sempre foi a rainha do lar quando o lar era tudo no mundo. Quando se nascia dentro de casa, se morria dentro de casa, se casava dentro de casa, tudo se vivia dentro de casa. Quando ela começou a ver que nos hospitais se nascia e se morria; que se casava nos cartórios... ela também foi para fora de casa. E pagou o seu preço, é evidente.

Emmanuel costuma dizer que o ideal do futuro será que toda mulher possa trabalhar somente meio período, para que no outro meio período possa se dedicar à criação dos seus filhos. Por quê? Porque ele diz que muitas das pessoas a quem nós entregamos os nossos filhos para irmos trabalhar não estão com matrizes morais adequadas para educá-los. Então, quando chegamos em casa, à noite, temos de consertar uma porção de coisa errada que puseram na cabeça deles. E às vezes nem conseguimos, porque, eles nem falam de coisas que viram e que ouviram, coisas que não são corretas e que às vezes encontram abrigo em seus corações.

Falo sobre isso porque o pensamento é vida. Se você quiser, a sua vida será melhor amanhã cedo (para não falar agora, que você pode estar aí, do outro lado, já com um pouco de sono!). Amanhã de manhã, ao acordar, pense que o seu dia será melhor, porque você vai colocar otimismo no seu dia. Vai dividir regras, pensar em deveres, direitos; vai conversar ; não vai mais deixar o barco correr, não vai desistir fácil e nem pensar em fazer as malas e ir embora! Amanhã você vai elucidar as questões da sua vida!

Às vezes dizemos: “Como fulano é brutal”, “como fulano é isso”, “como fulano é aquilo” e nem percebemos que nós estamos sendo tudo isto também. Que os nossos defeitos estão-nos fugindo do controle. Temos de ter muito cuidado com isso. “Nossa, como fulano é desagradável!”. Mas o fulano pode estar, simplesmente, na verdade, devolvendo impensadamente – até inconscientemente – o que entravamos

em seu caminho.

Pensemos sempre que o mestre Jesus nos ensinou que tamanha era a força do pensamento que ele perguntava a toda pessoa que ia curar: “Crês realmente que te posso curar?!” E se a pessoa respondesse: “Senhor, eu tenho certeza. Eu sei que, se quiseres, irás me curar”. Então ele respondia: “Pois eu quero. Fica curado. Vê? A tua fé te curou”.

Na absoluta certeza de que seremos felizes a partir de hoje, porque faremos os outros felizes, tenhamos a convicção de que podemos ter algo que ninguém nos pode roubar: aquilo que está no mais íntimo de nós – o nosso otimismo, que se traduz na palavra fraterna, amiga, no minuto de silêncio, no momento em que recebemos a agressão mas não revidamos, porque comprovamos que o amanhã, que vem perto, vai trazer a renovação de que necessitamos e a renovação do outro também.

Que não tenhamos inimigos, mas pessoas que nos ajudem a avançar, apontando os nossos defeitos. Esses serão os que os outros chamam de inimigos. Porque os amigos são aqueles que justificam até aquilo que fazemos erradamente, mas o inimigo, não: ele vai ali, na ferida, onde nos magoa. Dizemos que até sentimos mágoa, mas realmente, no fundo, sabemos que algo em nós precisa mudar. E mudemos já! Porque o dia de amanhã nos aguarda na pátria dos espíritos. E lá não haverá diplomas de universidades, filhos, pais, pessoas que possam testemunhar a nosso favor. Nossa própria consciência falará. Como num filme que se desatreará e aparecerá em nossa frente, a nossa vida inteira estará à frente de todos, à nossa própria vista, nos mostrando o que realmente fizemos de nós mesmos.

Pensemos nisso. Olha o lobo mau que desencarnou, chegou lá e disse: “Eu comi vovozinha?! De jeito nenhum!!!” E os espíritos mostraram, saindo da sua própria cabeça, a cena em que ele comia a vovozinha. Aí ele pediu para reencarnar como um cachorro, cachorro do caçador que o havia matado.

Certo dia vem uma cobra, e, para defender o dono, ele se lança e é picado. Desencarnando dessa maneira, ele pagou com amizade ao caçador e resolveu o seu débito.

Quando contamos essa história para as crianças de quatro anos da evangelização, elas costumam dizer: “que coisa lógica, tia! Como é que tem alguém que não acredita nisso?!”

E como é que nós, que acreditamos nisso, não vivemos de outra forma?! Como é que nós, que sabemos que um dia estaremos do outro lado da vida, mais vivos do que agora, defronte a alguém que acreditou em nós, o nosso mentor espiritual, não pensamos já no que diremos a ele do que foi que fizemos da nossa existência, dos amores que vieram ao nosso encalço?! Como é que nós não estamos desde agora iluminando o nosso pensamento e renovando o nosso destino?!

Nós já estamos correndo contra o tempo. Vamos rápido, porque nós somos, sim, os trabalhadores da última hora! Somos aqueles que esperaram o último vagão para, ainda, se segurarem na pinguela!

Vamos desde agora, nos mínimos gestos, mudar.

Temos de ser aquelas pessoas que os amigos busquem na hora da aflição. Isso é tão bonito! Ter um amigo que diz: “você chegou, agora estou mais tranquilo.” Isso é extraordinário: podermos, com a nossa presença, dar uma força; com a nossa simples palavra, no gesto, no bom-dia, animar as pessoas e dar aquela sensação de que “agora estou bem, porque ele vai me apoiar”. Isso é muito importante. Façamos da nossa vida um livro de boas ações. Porque a morte é a grande colecionadora. Ela virá para juntar todas as páginas, e o que estiver escrito não poderá ser mudado. Pensemos nisso.

Juízo, cuidado. Curta a vida, brinque a vontade, mas, juízo!

Sabe aquela coisa da avó da gente que dizia: “Juízo”?

Pois é. A Doutrina Espírita nada proíbe. Mas conheça o seu limite.

Esse tema, “AIDS e conduta espírita”, remete-nos a muitas outras dificuldades nossas: frustrações, perdas... Embora ano a ano também tenhamos conquistado realizações, não é mesmo? Pessoais, materiais, espirituais, estas as mais importantes.

Desde o final do ano de 1995, os cientistas começaram a perceber que não têm como encontrar a cura para a AIDS se não se comunicarem, pois cada um parece ter um “pequeno pedaço” descoberto que pode colaborar em muito para o descobrimento, senão de uma vacina, pelo menos de medicamentos que possam fazer com que a pessoa portadora do vírus viva por mais tempo.

Hoje em dia sabemos tudo sobre AIDS. Fala-se de AIDS nas escolas inclusive, e é muito importante que assim seja, porque há casos de adolescentes vítimas de AIDS. Há tempos um menino de quatorze anos foi atendido em nossa casa espírita em total desespero. Ele havia se relacionado sexualmente pela primeira vez com uma moça que era portadora do vírus HIV e se viu contaminado.

E como há muita gente – e os espíritos confirmam isso – que ainda pensa que a AIDS só acontece na casa do vizinho, e bem naquele vizinho distante, do final da rua, “nunca num

próximo quanto menos comigo”, é preciso estudarmos cada vez mais, sabermos que pode acontecer, sim, bem perto de nós.

É verdade que a maioria das pessoas no mundo ainda morre de fome ou de problemas cardíacos. A AIDS não é a enfermidade que mais mata no mundo, mas ela vem assumindo proporções aterrorizadoras, até porque as pessoas continuam achando que determinados cuidados não são necessários.

Só para se ter uma idéia do quadro espantoso: há algum tempo estive doente, de cama. Volta e meia dá-se problema intestinal em muita gente em Brasília. Alguns atribuem isso à água ou ao clima, mas não se sabe ao certo. O fato é que eu tive o meu pedaço também (!). Tive uma baita diarréia bem no dia do meu aniversário e fiquei de cama mesmo. Não conseguia sair do banheiro. Como moro em frente a um hospital público, para lá me dirigi, às três e meia da tarde, para o atendimento emergencial. Ao ser atendida, a médica perguntou para mim:

- A senhora é casada?

Respondi:

- Sou.

- Há quanto tempo?

- Quinze anos.

- Tem algum companheiro além do seu marido?

Quando ela me perguntou isso eu fiz aquela cara de indignada.

Então ela insistiu:

- A senhora tem só o seu marido ou tem outro companheiro?

De indignada eu passei a orgulhosa: “Meu Deus, será que ela me achou tão poderosa assim???” Pensei comigo, juro a vocês, naquele primeiro momento! Mas, depois, ela se explicou:

- A senhora me perdoe fazer-lhe tal pergunta, mas eu

tenho visto tantas mulheres casadas portadoras do vírus HIV serem atendidas aqui no hospital que, agora, eu faço sempre essa pergunta.

Imaginem vocês que esse é apenas um hospital de Brasília!

Em verdade a AIDS tem um grande problema: ela coloca em descoberto o relacionamento que às vezes existe extra-conjugal, que o homem ou a mulher tem. Às vezes um é portador e o outro não. Aí alguma coisa não combina.

Em 1977 um irmão de uma amiga minha foi morar na Índia. Ele retornou em 1979, mas, para a surpresa dela, que fora buscá-lo no aeroporto, quando ele apareceu na porta do avião estava irreconhecível. De uma magreza espantosa; e havia já uma cadeira de rodas esperando por ele. Da Índia ele escreveu cartas para a família mas nunca havia citado nada. Para eles, aqui, estava tudo bem. Quando ele retornou, dois anos após haver partido, estava uma sombra do que havia sido. Três meses depois ele faleceu, no final de 1979, e a própria família pediu aos médicos que fizessem uma autópsia, porque, em final de 79, não havia casos registrados de AIDS no Brasil ainda. O primeiro caso detectado foi na década de 80.

Na época da sua morte, os médicos que fizeram a autópsia não souberam determinar o que havia matado o rapaz. Só ficaram impressionados com o nível de destruição interna que ele havia sofrido. Os órgãos internos, rins, fígado, baço, pâncreas, estavam assim como que atacados pelo que eles achavam ser uma espécie de câncer. Mas era um câncer diferente, porque era como se determinadas partes desses órgãos tivessem desaparecido, se dissolvido dentro do corpo. Os médicos que o atenderam ficaram impressionadíssimos, a ponto de terem hesitado na hora de assinar o atestado de óbito. Um dos clínicos, mais sincero, falou então para a minha amiga: “olha, nós vamos atestar que o seu irmão morreu de câncer, mas eu tenho certeza que câncer não foi. Só que eu

não sei o que foi que atacou o seu irmão nesses dois anos em que ele esteve fora... mas, com certeza, ele adquiriu um vírus qualquer, alguma coisa muito violenta atingiu o seu organismo e ele não suportou". E assim foi, sem que ele tivesse conseguido nenhum socorro, porque os remédios que ele tomava de nada adiantavam.

Dois anos depois, quando, no final de 1981, já surgiam casos de AIDS no Brasil, o mesmo clínico conseguiu entrar em contato com a minha amiga e disse a ela: "olha, agora eu tenho quase certeza de que o que o seu irmão tinha era AIDS, mas nós não tínhamos nem a mínima idéia do que seria essa doença naquela época".

Quando hoje os pesquisadores afirmam que depois de 1975 já começaram a surgir, em determinados países, os primeiros casos de AIDS, eu me lembro dessa história que aconteceu com o irmão de uma grande amiga .

Também me recordo sempre, quando trato desse tema, de um grande amigo, que é portador do vírus da AIDS há doze anos e que vive muito bem. Na década de 80, quando ele se descobriu contaminado, não deixava os amigos, por exemplo, na casa dele, utilizarem o banheiro que ele utilizava. Nem os doentes e nem mesmo os médicos sabiam, naquela época, o que transmitia a doença. Esse meu amigo não deixava que usássemos nem mesmo um copo que ele havia usado. Como ninguém sabia como é que se transmitia a doença, havia um pânico generalizado. Nós, amigos, nem mesmo costumávamos falar a outras pessoas que ele era portador da enfermidade, porque as pessoas tinham um preconceito absurdo, imenso. Ninguém bebia um copo de água na casa de uma pessoa aidética, como se todos os objetos estivessem impregnados. E hoje já se sabe que o vírus da AIDS é tão frágil que basta um segundo em contato com o ar para ele praticamente morrer. Então não há condição de haver contaminação por beijo, por abraço, pelo suor; sabemos disso.

Na década de 80 as pessoas chegaram a evitar as



piscinas, porque se dizia que na água da piscina poderia haver contaminação. O que hoje já se comprovou ser um verdadeiro absurdo. O vírus da AIDS é transmitido por meio de sangue contaminado e nas relações sexuais.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, OMS, desde que a doença foi detectada o número de mulheres contaminadas quadruplicou no mundo todo, a ponto de se prever que, no ano 2000, se não houver cuidado por parte da sociedade, a AIDS poderá vir a ser uma epidemia. Isso porque ainda há aqueles que acham: “ah, que bobagem, comigo nunca vai acontecer...” Imagine você ter de receber sangue sem saber a procedência?! Os bancos de sangue no Brasil e em outros países têm, nisso, uma grande responsabilidade.

Para se ter uma idéia, noutro dia o banco de sangue do estado de São Paulo declarou que mais de 40% das pessoas que doam sangue têm seu sangue inutilizado, porque têm doenças no sangue, não somente AIDS, mas também doença de Chagas e hepatite! É muita gente!!! E aí nós nos questionamos: Será que é por causa de hepatite mesmo?! É claro que deve existir também, nesses 40%, que é um número alarmante, um percentual alto de portadores de AIDS.

Hoje, no Brasil inteiro, é praxe: se alguém vai doar sangue recebe o seu resultado do teste HIV, porque os laboratórios devem fazer esse teste em todo o sangue doado, porque há casos inclusive de crianças que morreram porque receberam transfusões de sangues contaminados. Isso já foi mais comum do que se imagina.

É preciso que os profissionais de saúde tenham sempre em mente a responsabilidade deles diante da sociedade. Pensem: às vezes uma pessoa sofre um acidente, chega a um hospital desacordado. Não saberá nem mesmo afirmar que tipagem sanguínea é a sua quanto mais verificar a procedência do sangue que lhe vai ser doado! (Por isso é que hoje em dia eu tenho amigos que somente por terem quebrado a perna já chegam no hospital dizendo: !meu pai, minha mãe, minha

esposa, fulano de tal vão me doar sangue se eu precisar!!!” Tudo pelo medo de receber sangue contaminado!)

E tem mesmo aquela história dos espíritas (espírita é fogo!!!): “Ah, não! Se eu receber sangue contaminado é porque estava no meu carma receber sangue contaminado!” E não é nada disso. Não é porque existe um processo cármico que a AIDS possa sempre ser incluída nesse processo. Se assim fosse, nem precisaríamos tomar os devidos cuidados: quem tiver de adoecer, vai adoecer e pronto. De forma alguma!

O problema das pessoas drogadas é seríssimo. A ponto de várias prefeituras no Brasil afora estarem propondo doarem aos viciados as seringas descartáveis de que eles se utilizam para se picarem. Tem muita gente que critica essa postura, mas a questão é verdadeiramente polêmica: se, por um lado, essa conduta pode estimular o vício, há que se ver o outro lado: se os cartuchos não são doados, o viciado vai continuar se picando, só que com agulhas que podem estar contaminadas. Essa é uma questão que nós, como sociedade, oportunamente vamos ser chamados a discutir. Às vezes é muito mais simples doar a agulha e a seringa a um viciado para que ele as utilize do que vir a transformá-lo num ex-viciado, o que seria o desejado, logicamente. Mas há pessoas que nunca conseguem superar o vício. Há um número que consegue, mas após longo tempo, após internações, tratamentos... Então não dá para esperarmos a pessoa se tornar uma aidética para, depois, abandonar o vício. Como sociedade, essa é uma questão que, com certeza, nós teremos de discutir.

A AIDS nós temos de discutir com os nossos filhos. Um menino indignado, aos treze anos, disse-me, certa feita: “eu não me conformo. Justo na minha época de aproveitar, apareceu a AIDS”. E é uma verdade!!! A vida sexual ativa que a juventude dos dias de hoje encontra tem em seu caminho uma doença que existe e que precisa de toda a nossa atenção. E o grande preconceito que existe com relação à AIDS é realmente

esse. É o fato de ela também ser transmitida ao outro pelo contato sexual.

Não nos indignamos muitas das vezes com a miséria, não nos indignamos com a fome, não nos aterrorizamos com as enfermidades várias que a miséria provoca, mas a AIDS nos horroriza principalmente por causa do fundo de preconceito que, no finalzinho dos nossos corações, ainda existe. Nós, no fundo, ainda acreditamos que a AIDS está ligada à homossexualidade, e já não mais está há muito tempo.

Eu tenho um querido amigo – já perdi vários amigos por AIDS – que está muito bem, embora contaminado pelo vírus HIV. Ele nunca teve, por exemplo, o sarcoma de Karposi, aquelas manchas que surgem por sobre o corpo.

E me recordo de um conhecido meu que veio passar uma temporada em Brasília. Com quinze dias que ele havia chegado começou a ter diarréias. E começou a dizer para mim: “não sei como você vive nessa cidade, porque eu não consigo me adaptar à água de Brasília! Eu não consigo sair do banheiro desde que cheguei aqui...” Nisso, quando olhei para o pescoço dele, vi uma mancha. Comecei a pensar comigo: “Não vou pensar nada, nada, nada.” E um espírito me disse: “o nosso irmão é portador do vírus HIV, mas não diga nada, porque ele sabe”. E realmente ele faleceu um ano depois. Embora sempre soubesse, ele nunca admitiu que estivesse doente.

Mas, por que o medo? O importante é não sermos, do outro lado da vida, considerados suicidas. E o suicida não é só aquele que tem uma vida sexual intensa, desequilibrada, e aquele que acaba contaminado pelo vírus da AIDS. É também aquele que não cuida da saúde que tem. É também aquele que sabe tudo o que não pode fazer mas faz. É também aquele que sabe que vem de uma família com problema em determinada área do corpo físico e que abusa exatamente dessa área... e a genética é algo poderosíssimo. A genética é a única coisa que os médicos ainda não conseguem vencer,

porque os espíritos nos avisam que, não por acaso, somos filhos dos nossos pais, netos dos nossos avós: há toda uma linha de energia que forma o nosso corpo físico. E não por acaso! Porque há todo um processo, aí, sim, de escolha nossa, de afinidades que vêm de outras vidas e que nos tornam predispostos a termos determinadas enfermidades.

E também é considerado um suicida aquele que, em excesso de velocidade, desencarna. Então nem venham: “coitado, desencarnou num acidente de carro, mas era a hora dele...” Se a pessoa estava a duzentos quilômetros por hora é difícil imaginar que aquela era a hora dela e também das outras pessoas que, porventura, estavam envolvidas no acidente...

Para se ter uma idéia do quanto a coisa é séria: quando José Carlos Pace, o grande corredor de Fórmula Um que o Brasil teve, desencarnou num acidente de avião, ele pôde dar, passado algum tempo, através da mediunidade de Chico Xavier, uma bonita mensagem aos seus filhos, contando que o grande alívio que ele tinha tido fora ter sido um corredor de Fórmula Um, mas não ter desencarnado dentro de um carro de Fórmula Um, mas num desastre de avião, num momento que era o dele realmente. A preleção que ele faz é muito linda: ele conta que o avião pousou – ele viu o avião pousar; na verdade o avião caiu –, saíram os que estavam no avião, ele cumprimentou o piloto, viu que o avião estava no meio de uma mata e ele disse a ele: – Nossa, mas você é mesmo um grande piloto. Como foi que você conseguiu, naquela pane toda que teve o avião, trazê-lo à terra com segurança?

Nisso eles escutaram um barulho e, do meio da mata, saiu um grupo de pessoas. Para a sua surpresa, a pessoa que liderava esse grupo, ele conta, era o seu próprio pai, que havia morrido há quinze anos. (Aí já dá para se perceber que aconteceu alguma coisa com o avião em que se estava, não?!). Vendo o pai, ele adormeceu. Ali já estava a equipe desencarnada pronta para receber aquelas pessoas.

Às vezes nós perdemos um parente num acidente muito grave e ficamos nos torturando em pensamentos: “Meu Deus, quando o avião explodiu o que será que ele sentiu?!” Lembremo-nos de que Deus é misericordioso demais para com as pessoas que morrem em grandes acidentes. As vítimas, em geral, são protegidas de todo o processo. Várias pessoas que morreram em acidentes aéreos contam, após terem desencarnado, que escutaram apenas um barulho e que, depois, como que adormeceram. Elas adormecem mesmo.

Lembram-se da Challenger, a nave que explodiu em 1986, que subiu com nove astronautas, sendo que uma era professora? Foi um fato inesquecível, porque, pela primeira vez, uma pessoa comum – no caso, a professora – havia sido admitida entre os astronautas. Quando a nave levantou-se, de repente, diante de toda a multidão, explodiu. Bem, naquele episódio os espíritos contaram que logo que os astronautas entraram na nave e receberam todos os comandos da NASA sentiram um sono, uma sonolência... já era a ação dos espíritos! Os espíritos sabiam que a nave não suportaria sair da atmosfera terrestre, porque estava com um defeito que os técnicos haviam deixado passar. Então uma névoa muito branca começou a tomar conta do lugar onde a tripulação estava sentada. Eles começaram a tentar falar uns com os outros sobre o que estavam vendo, sobre aquela névoa muito branca circulando dentro da nave, mas já não conseguiam. Na verdade, naqueles instantes que precediam à grande explosão, eles já estavam sendo adormecidos para serem retirados. Quando a nave explodiu com os seus corpos, os espíritos – as almas eternas que nunca se acabam – já não estavam mais ali. Eles já haviam sido retirados pelo plano espiritual.

Existe essa beleza de desencarne. Não é sempre aquela coisa horrível de a gente se ver em pedaços. Nada disso. Só se tivermos tido uma vida tão conturbada, tivermos sido

pessoas tão ruins que não tenhamos merecimento para termos um desencarne tranqüilo. Mas mesmo a pessoa mais abjeta tem sempre um amigo espiritual, uma pessoa que velará por ela sempre, um amigo que ela angariou num momento de ternura que teve. E essa pessoa caridosa há de estar lá por perto, no instante do desencarne.

É fundamental imaginar que, quando a pessoa é portadora de uma enfermidade como a AIDS, a morte, na verdade, acontece quando ela não é aceita pelos outros. É quando ela é discriminada dentro da própria casa: quando, discretamente, jogamos fora a colher que ela usou; quando nos negamos a emprestar a ela uma toalha devido ao receio de ali ficar 'alguma coisa'...

Quando o meu amigo que tem AIDS há doze anos mudou-se para Minas Gerais para ficar junto da família, por recomendação do médico dele, sabe qual foi a última coisa que ele me disse, na hora da despedida? Ele me agradeceu por eu nunca ter impedido que a minha filha, que, quando eu soube que ele era um portador do HIV, era bem pequena, se sentasse no colo dele. Nessa ocasião ele me contou que, indo à casa de seu melhor amigo, em sua última viagem a Minas, ficara sabendo que a notícia de que ele estava doente chegara antes dele: quando ele foi então à casa desse amigo de infância, o grande amigo, este o aguardava na porta da casa e não o convidou para entrar. E lhe disse claramente:

- Eu tenho mulher e dois filhos. Você tem AIDS, eu não posso permitir que você entre em nossa casa.

Já imaginaram uma situação dessas?

O preconceito é algo seríssimo. Esse é apenas um episódio que aconteceu, mas outros acontecem, dia a dia, em todos os lugares.

Todos nós estamos sujeitos a virmos, um dia, ser um portador do vírus da AIDS, por diversos motivos. Nesta vida, estamos sujeito a, até mesmo, como já aconteceu, pegarmos um resultado errado de exame e sentirmos na pele todo o

preconceito que um soropositivo vivencia.

Quanta gente boa, que a gente adora, de quem a gente frequenta a casa, é portador do vírus e a gente nem sonha! Não está escrito na testa de ninguém “sou soropositivo”. Nem sempre se emagrece... tem gente que morre gordinho e portador do vírus HIV.

O que precisa ser mudado em nós, espíritas, que temos tanto amor a essa doutrina que libertou as nossas almas, é a nossa própria visão de vida! Precisamos fazer ver que nada acontece por acaso, que a beleza da vida permanece e que vamos colher amanhã, talvez numa outra existência, esses frutos que queremos tanto de felicidade, que ainda não podem ser nossos. Diante de grandes provas, como a AIDS, sejamos espíritas! Com paciência, com resignação, seguindo, por exemplo, o modelo de Madre Teresa de Calcutá, que sempre lidou com a miséria, tendo sido fundadora de missões em sua terra e em todas as partes do mundo, abraçando a fome, a miséria, o preconceito, as pessoas cruéis e as pessoas necessitadas principalmente.

Madre Teresa fundou nos Estados Unidos, num dos bairros mais mal afamados de Nova Iorque, o primeiro abrigo para portadores de HIV. Junto com ela foram as irmãs mais jovens da sua ordem. E Madre levou-as porque elas tinham saúde, tinham disposição para o trabalho, tinham o entusiasmo da juventude para tratarem das pessoas enfermas.

Um dos primeiros aidéticos que chegou ao abrigo de Madre Teresa foi um rabino, judeu obviamente, homossexual, que escondia de toda a sua família a sua condição. O sonho dele era voltar a Jerusalém e morrer lá, mas ele ficara tão mal que só conseguira chegar ao abrigo, em Nova Iorque, onde estava Madre Teresa de Calcutá. Quando ela viu que ele morreria, após todas as tentativas de reanimá-lo, que ele piorava cada vez mais – teve toxoplasmose, perdeu a visão de um olho –, quando Madre Teresa percebeu, com a sua visão espiritual maravilhosa, que aquela seria a última noite daquele

homem, ela, enquanto ele dormia naquela última noite sua na Terra, resolveu fazer a ele uma surpresa: e quando ele acordou na sua última manhã de encarnado, com surpresa olhou para as paredes do seu pequeno quarto e viu que ela tinha forrado, durante a noite, todas as paredes com fotos lindas de Jerusalém!

Imaginem o rabino acordando naquela cama humilde e se deparando com as paredes inteirinhas forradas com fotografias maravilhosas da terra de seus pais, que ele nunca mais veria! Ele, emocionado ao perceber que ela passara a noite pregando nas paredes aquelas fotos, segurou a mão dela, passou o olhar por todo o recinto e disse à Madre e às irmãs que a acompanhavam:

- Vocês estão muito além do amor. Vocês conseguiram amar mais do que o próprio amor é capaz.

E morreu.

Os médicos que pesquisam juntos, desde a década de 80, o vírus da AIDS, escreveram um livro, intitulado *Muito além do amor*; livro extraordinário que narra a história de Madre Teresa de Calcutá junto aos aidéticos e a luta de médicos e cientistas também.

Quanta gente é amorosa, é solidária, é meiga! Quanta gente já está construindo o paraíso aqui na Terra mesmo!!! E nós, muitas vezes, nem percebemos.

É preciso que façamos também a nossa parte, porque, como espíritas, temos uma responsabilidade muito grande. E é preciso que estejamos cada vez mais conscientes de que não são as paredes da casa espírita que escolhemos para freqüentar que nos tornam espíritas, mas o nosso próprio coração, que vai servir, que nunca vai desanimar... porque ser espírita no dia-a-dia é que é!

Um dia, quem sabe, não mais haverá templos religiosos, como Jesus disse: “Meu pai será adorado em espírito e verdade no coração do homem”. Cada um de nós vai levar muito aceso o Deus que existe em nosso interior. Precisamos exercitar



esses dons de Deus desde agora. Precisamos desde agora acreditar em nós mesmos; acreditar nessa força que vem do alto e que nos emula, que nos leva para frente. Estejamos plenos em fé nos últimos anos deste milênio.

Nós estamos vivendo numa época que é muito diferente da época que foi dos nossos avós, dos nossos pais. Antigamente os valores eram impostos pela própria sociedade, que se organizava de determinada forma. Nossos avós e pais não tiveram conosco nenhum diálogo. Diziam-nos: “vai ser assim”. E realmente era do jeito deles. Agora parece ser mais difícil viver, porque a sociedade, aparentemente, perdeu os valores que tinha – o que não é bem verdade. Esses valores estão em nossos corações, e caberá a cada um de nós reavivá-los, não simplesmente para transmiti-los aos nossos filhos, àqueles que virão depois de nós, mas para reformarmos as nossas próprias atitudes, fazendo dos anos que virão anos de muita descoberta; anos que permitirão a nós, sem dúvida, vermos o mundo mudar muito, firmando em si a noção de espiritualidade.

Na década de 70 o dr. Bezerra de Menezes já dizia aqui em nossa casa espírita que seria necessário buscarmos o lado espiritual da vida, tamanhas as provas que teríamos e as dificuldades dos dias que viriam, porque estamos no resgate final. Somos os chamados da última hora e estamos vivendo na Terra um momento em que bilhões de almas desencarnadas gostariam de estar vivendo.

No corpo físico nós temos a oportunidade de mudar o nosso destino para toda a eternidade, mas, infelizmente, por termos o nosso livre-arbítrio, muitas vezes mudamos o nosso destino para pior.

Que Jesus seja o nosso grande amigo dos anos que virão. Que seja ele o condutor das nossas almas e que saibamos viver sem nenhum pedantismo, sem nenhum excesso, sem nenhuma invigilância, sem nenhum fanatismo por qualquer doutrina religiosa. Vamos fazer ver em nós uma pessoa

modificada para melhor. E essa será a maior propaganda que poderemos fazer ou da Doutrina Espírita ou das idéias que nós temos. Façamos com que as pessoas percebam que estamos serenos, amigos, confiantes, solidários. Que estamos preocupados com o outro, na grande alegria de estarmos unidos buscando sempre o melhor.

Se todos nós nos mentalizarmos positivamente, seremos todos um pouco mais encorajados diante dos embates. Estarão sempre conosco os mentores mui amados, nos amparando.

Sejamos confiantes, porque há muito a realizar! Se fôssemos almas purificadas, talvez a desencarnação nos aguardasse como um prêmio, mas estamos ainda longe disso!

Um amigo meu, quando leu uma mensagem extraordinária de Emmanuel que relata que nenhum cristão que morreu nas arenas sentiu as patas dos animais sobre eles, porque seus espíritos eram retirados antes do corpo físico ser atingido, comentou pitorescamente: “Mayse, por que ninguém avisou isso a mim naquela época? Se eu soubesse que não doía nada, eu não teria renegado a Jesus!!! Eu ia lá firme e forte! Mas eu dei para trás porque era violento encontrar um leão pela frente!!!”

E realmente: se hoje houvesse perseguição contra a Doutrina Espírita, quem de nós afirmaria com convicção: “eu sou espírita mesmo”? E diria para o leão: “Vem!!!”?

As mulheres cristãs entravam com os filhos nas arenas e as romanas ficavam revoltadas. Chegavam a dizer que as mulheres cristãs não tinham coração! Eram monstros, porque morriam com os filhos. E as mulheres cristãs chegavam à porta das arenas e diziam: “Até daqui a pouco”, tamanha a certeza que tinham de que só o corpo físico pereceria. Quem seria capaz de fazer isso hoje?

Tenho certeza de que cada um de nós acabaria fazendo, não é?! Nós conseguiríamos!!!

Quem já assistiu *Quo-vadis, Ben-Hur*, sabe do que estou

falando. Estes são filmes épicos, mas assim o são porque trazem essa beleza da fé, não é verdade? A fé que não titubeia. Creio que a única coisa de que posso invejar em alguém é da fé que não titubeia, que não conhece medo.

Era uma coisa impressionante, não era? Encarar a própria morte de frente, agradecendo, porque se sabia que se estava dando a vida por Jesus. Foram momentos extraordinários. E aquela foi uma época que se acabou. Os primeiros cristãos que deram sua vida como testemunho de fé nunca mais precisaram voltar à Terra. Eles quitaram tudo o que havia contra eles, porque o resgate foi severo.

Para o nosso alívio, uma vez Chico Xavier perguntou a Emmanuel se ainda haveria perseguições por motivo religioso aqui na Terra; e Emmanuel falou que ele não se preocupasse que nunca mais haveria arenas. E, diríamos nós, quem dera houvesse! Porque, agora, a arena está dentro de nós. E esta é muito mais difícil de ser vencida. Esta é a verdade. Há dias em que estamos “no auge” do Evangelho, mas há dias... dias em que a gente diz coisas que, ao final, paramos e pensamos: “Meu Deus, como pude?! Eu, que sou espírita!”

Sejamos cada vez mais espíritas, porque isso quer dizer sermos cada vez mais cristãos. Amemos a Jesus no nosso próximo mais próximo, mesmo aquele que está de costas para nós. Vamos a ele!

Jesus nos afirmou: se alguém lhe pede a túnica, dá também a capa; se lhe pede para andar um passo, anda dois, dois mil! Sempre nos incentivando a fazer mais.

E, na estrada de Emaús, quando os apóstolos, amendrotados, viram que o homem que caminhava com eles incentivando-os era o próprio Cristo, que já havia sido crucificado, pediram: “Senhor, fica conosco!”, com medo do que ainda viria, Jesus os tranqüilizou, dizendo que era preciso agora que caminhassem, protestando as lições que haviam recebido, colocando-as em prática dia-a-dia.

E nós, que estamos vivendo a nossa estrada de Emaús, porque Jesus vai lá na frente, e nós, trôpegos, seguimos atrás, fazendo a nossa caminhada, não tenhamos receio algum. Se todos os dias de nossa vida nós agradecêssemos a Deus, se entregássemos a nossa vida, os nossos anseios nas mãos de Deus, tenho a certeza de que seríamos sempre felizes, ainda que os nossos sonhos não se realizassem. Ainda aí nós entenderíamos a intervenção maravilhosa de Deus no nosso destino.

Que, mesmo defronte à dor de uma doença como a AIDS, sejamos espíritas como jamais fomos; com a consciência tranqüila e com a certeza absoluta de que tudo o que fizemos por nós e pelo outro é o melhor que a nossa pequenez ainda consegue fazer. Mas façamos! Que possamos esquecer todo o mal e até amar aqueles que não se afinizam conosco. Jesus nos afirmou que nos lançaria desafios porque tinha a certeza de que um dia, passados muitos anos, nós teríamos condições de vencer esses desafios. Esse é o momento. É o momento no qual a nossa alma está vivendo a separação do joio e do trigo. Por isso as provas são tão grandes, por isso as perdas parecem severas. Nós estamos vivendo momentos tão difíceis para, em definitivo, nos aliarmos à causa do bem.

Esqueçamos a mesquinharia, a pequenez, as bobagens que nos tiram o equilíbrio e pensemos no amor maior que tudo cobre, que tudo entende, que por tudo sabe esperar.

Dediquemos todo o nosso amor àquelas pessoas que perderam a fé. Emmanuel diz que essas são as únicas pessoas que conhecem o único gênero de morte que pode existir: a de não crer mais. Aí realmente se está morto. Porque não existe morte, mas aquele que perdeu a fé vive um gênero de morte. Que todos possam entender que, muitas vezes, as enfermidades surgem para abrirem caminho a uma cura espiritual que precisa ser observada, precisa ser concluída. Por isso Jesus foi procurado por milhões, mas a poucos curou. Curou apenas aqueles que, percebia, já tinham aprendido

a lição .

Quantos milhares de cegos devem ter buscado Jesus?!

... Mas ele curou determinados. E sempre afirmava: “Vê? A tua fé te curou”. Querendo nos mostrar que em nossas mãos, em nosso coração, estava a receita do bem viver.

Que façamos os outros felizes. E esta nos seja a maior de todas as felicidades, aquela que ninguém vai tirar de nós.

Falo sério! Às vezes é por um sorriso dado que, do outro lado da vida, você se salva!!! Já imaginou? Você chega lá do outro lado da vida, seu mentor busca no seu “caderno” uma boa ação praticada... e nada! Aí ele já está quase fechando o livro: “meu filho, você não tem jeito” e aí, eis que pula um papelzinho! O mentor pega e vê que algum ‘espírito’ anotou que, num dia  $x$  lá da sua vida de encarnado, você deu um sorriso para uma pessoa que, naquele momento, precisava. E isso determina o seu futuro!!! Não é pra rir não, hein?!

Daqui a cem anos, quando já estivermos do lado de lá e nos encontrarmos, vocês ainda vão me dizer: “Mayse! Era tudo verdade o que você dizia!!!” E é isso mesmo. Às vezes é só um sorriso ou um “eu te amo” na hora certa.

Valerium, através de Chico Xavier, conta-nos a história de um homem tremendamente cruel e extremamente rico que só fazia maldades. Um dia estava ele comendo numa taberna e havia um menino à porta com fome, pedindo-lhe o resto da sua comida. Ele nem olhava para o garoto, mas o último pedaço do pão da sua refeição estava um pouco endurecido e ele, então, displicentemente, sem nem ao menos olhar para o garoto, jogou no chão aquele pedaço de pão que não queria mais.

O menino avançou sobre o pão e o comeu.

Anos depois o homem desencarnou. No mundo espiritual sofreu horrores, porque os espíritos amigos não conseguiam encontrar uma coisa boa que ele tivesse feito na Terra. Mas, na região de sombra onde ele estava, ele podia ver, de vez em quando, aparecer uma pequena estrela como que guiando o

seu caminho na escuridão. Ele estava tão enlouquecido que não conseguia nem mesmo perceber o que seria aquilo.

Tempos depois ele foi socorrido e os espíritos então lhe contaram que a estrela que ele via de vez em quando brilhar era a prece diária que o menino, a quem ele jogara o pão duro, hoje já homem feito, fazia por ele. Diariamente o menino, hoje um adulto casado, agradecia a ele pelo pedaço de pão que ele havia lhe atirado. E esse homem, em lágrimas, ao perceber que o pão duro havia sido a única caridade que ele havia feito, pede a permissão para voltar como filho, como o primeiro filho daquele que havia sido a estrela em seu caminho.

Graças a Deus!

## 4

## *Espiritismo e a prevenção do suicídio*

O nosso tema agora é “O Espiritismo e a prevenção do suicídio”. Não por acaso incluímos esse tema: o número de suicídios tem aumentado tremendamente no nosso país e, principalmente, em Brasília. A imprensa fez um levantamento desde o início do ano de 1995 até o início de 96 e alguns jornalistas comentavam comigo que haviam ficado estarecidos com o número de possíveis suicídios que ocorrem em nossa cidade e também com o número de famílias que enterram seus parentes escondendo de todo o mundo que a pessoa se matou.

Eles ficaram impressionados exatamente com esse outro dado, com o fato de se enterrar a pessoa e se alegar uma desculpa qualquer para a sua morte. Mas dá para entender: quando uma pessoa se suicida, no fundo toda a família e todos os amigos sentem-se um pouco fracassados, porque é como se nós tivéssemos faltado com aquela pessoa em seu momento mais difícil e mais solitário, naquele momento em que ela achou que a morte seria a única solução para os seus problemas.

Eu tenho um amigo bastante endividado que, noutro dia, disse para mim: “Mayse, sabe, eu comecei a pensar... se

eu morresse seria a solução, porque eles não podem cobrar dos meus filhos as minhas dívidas!” Então eu lhe falei: “Eu não acredito que você, espírita, esteja pensando nisso”. E ele me respondeu: “Não!... suicidar não tenho coragem; mas, assim, morrer!!!” Então eu perguntei: “Ué, como é que você vai fazer? Vai ser um processo longo, porque até para ficar doente demora um pouco! Você está com quarenta e seis anos, numa ótima...”

Mas daí eu fiquei pensando como as coisas erradas que nós fazemos podem nos afetar profundamente mais tarde, nos acovardando perante as conseqüências.

E, ao contrário das pessoas que dizem “eu acho o suicida um corajoso, porque eu jamais teria coragem de me matar”, os espíritos dizem que o suicida é sempre um covarde. Sempre. O suicídio é um dos dois crimes que jamais conseguiremos explicar no mundo espiritual aos nossos mentores, o outro é o aborto.

E, desde sempre, desde quando a Doutrina Espírita foi codificada por Kardec, já havia manifestações relatando sobre almas suicidas, as almas mais sofredoras que poderemos encontrar no mundo espiritual.

Sempre houve uma noção errônea de que não se devia orar pelos suicidas. Durante anos, séculos, a Igreja, por exemplo, agiu assim. E chegou a proibir missas em favor de almas suicidas. Na Doutrina Espírita, muita gente, antigamente, dizia: “não, não faço prece para suicida porque isso atrai o suicida para junto da gente”; o que já é um grande erro, porque o suicida não pode ficar 24 horas ao lado de ninguém, permanentemente, porque, senão, ele leva a pessoa também ao suicídio, tamanha a emanção fluídica que parte dele.

Na verdade você não pode chegar na sua casa espírita e dizer: “ah, tire esse suicida que está junto de mim há uma semana...” Não é suicida! Porque ele não suporta, nós não suportaríamos e ele não tem condições de ficar com ninguém o tempo todo, porque o suicida, invariavelmente, é atraído,



é imantado de volta ou ao cemitério onde seu corpo está enterrado ou às fixações mentais do seu próprio gesto do suicídio.

Em *O céu e o inferno* nós vamos encontrar relatos de almas suicidas que se manifestaram durante os estudos feitos por Kardec, falando dos seus momentos na hora do suicídio e após. São relatos emocionantes de pessoas que, por exemplo, cortaram os pulsos em banheira, o sangue encheu a banheira e a pessoa foi sufocada pelo próprio sangue misturado à água. Ali está relatado todo o desespero de alguém que se mata para deixar de viver e tem a surpresa de continuar vivo, percebendo que apenas conseguira aniquilar o corpo físico, simplesmente uma casca temporária do nosso processo evolutivo. E o choque é tremendo. A tal ponto que os espíritos dizem que o suicida enlouquece, estando desencarnado.

Por isso lidar com almas suicidas é difícilimo; é preciso um grande estudo, muito treino, porque são almas dementadas, completamente fora da razão. E elas começam a perder a razão quando, ainda na Terra, começam a acariciar a idéia do suicídio.

Quem já não teve um amigo que vivia alardeando toda semana: “essa semana eu me mato!”? E fica velho de tanto que vive, porque vive dizendo que vai se matar e não se mata?! Mas há aquele que não diz nada... e se torna um suicida. Isso é muito comum. Às vezes não deixa uma carta, ou nem um pequeno bilhete.

Há almas sensíveis, de artistas, por exemplo, que não suportam o que as almas mais fortes agüentam, como aconteceu com o grande compositor Torquato Neto, que, na década de 70, entrou no banheiro, abriu o gás e deixou um bilhete para a família, apenas escrevendo: “pra mim, chega.” Ele se suicidou dessa forma. Era um homem de raro talento, mas não conseguiu suportar os períodos de sensibilidade profunda que às vezes atravessava e que o levavam à depressão.

Uma amiga minha conta que, tendo a irmã se suicidado, ela o fez num dia em que amanhecera especialmente feliz. Naquele dia ela estava bem. Atravessava uma depressão porque terminara o seu casamento mas, naquele dia, mostrava-se tão bem que a mãe das duas resolveu sair. Disse: “Olha, você está tão bem que eu vou até a casa da sua avó”. E então ela respondeu: “Vá, mamãe, fique tranqüila, porque eu vou à casa de uma amiga passar o final de semana...” A mãe então disse: “Bem, se você vai para a casa dessa amiga, eu aproveito para passar o final de semana em casa de sua avó, e dou uma assistência a ela.” “Mas que ótimo, mamãe. Então, está resolvido.” Foi a resposta da irmã de minha amiga. Dois dias depois, quando a mãe retornou à casa, encontrou o cadáver da moça no banheiro; e o legista afirmou que ela se suicidara, abrindo o gás, poucos minutos após a mãe ter saído. E a mãe nunca conseguiu se perdoar porque, naquele dia, acreditou na alegria que a filha manifestava.

Os espíritos nos dizem que, quando uma alma acalenta a idéia do suicídio, é óbvio, ela não está só. Ela passa por um processo de influência espiritual negativa: inimigos do passado, desencarnados, a assediam, e, como a cobra fascina o rato, ela começa a se sentir hipnotizada pela idéia da morte.

Eles nos contam que muitos suicidas querem, no último instante, retroceder e já não conseguem. Por isso é muito comum encontrar a pessoa suicida, por exemplo, quando ela se pendura numa corda, com as mãos sobre a corda, na tentativa última de afrouxá-la do pescoço.

E o que acarreta isso, no mundo espiritual?

Como no instante do suicídio o suicida bloqueia o acesso ao seu corpo físico de oxigênio, no caso do sufocamento, forma-se na sua testa, no seu perispírito, uma nuvem, como se fosse assim uma pancada muito forte, que assinala o rompimento do seu cérebro por falta de oxigênio. E, numa próxima encarnação, quando ele for planejar o seu

retorno à Terra, porque isso é inevitável a todos no processo evolutivo, e ao suicida ainda mais, lá estará a mancha no seu perispírito, pretestando que ele não terá o cérebro perfeito em sua próxima encarnação, após o suicídio.

Há um livro, *O martírio dos suicidas*, que trata do assunto. Foi uma das primeiras obras espíritas de que se teve notícia.

Mas, ainda na década de 40 surgiu uma outra obra que se tornaria clássica e ainda imbatível sobre suicídio, sobre o estudo das mais diversas formas de suicídio, que é *Memórias de um suicida*.

Esse livro é extraordinário, é um mapa da espiritualidade. E o incrível na obra não é só que Camilo Castelo Branco, esse grande escritor português, descreve a sua própria tragédia, mas também a descrição que ele fez da tragédia de amigos que ele encontrou no auge da desgraça, e a trajetória que todos fizeram depois, no Hospital Maria de Nazaré.

Camilo nos conta que é tão injustificável o gesto do suicídio que, mesmo sendo socorridos nos hospitais, os suicidas, ao olharem pelas janelas, percebem que não há cores na natureza que os cerca: tudo é branco, como se uma neve permanente ali estivesse, cobrindo as flores, as árvores. E mais tarde ele veio a saber que, como todo ambiente no mundo espiritual, o ambiente que circunda os hospitais que abrigam suicidas também é uma criação das mentes que ali estão. Como o suicida é uma alma altamente sofredora, ele se esquece do calor do sol, da beleza das cores, e tudo ali fica imantado, como que eternamente em gelo e neve.

Camilo nos conta que todos os dias, às seis horas da tarde, paralisam-se as atividades do Hospital Maria de Nazaré, que o abrigou, e todos os suicidas se reúnem para orarem, sob a música extraordinária da Ave-Maria. Conta também que, às seis horas da tarde, no espaço sideral que envolve a Terra, encerram-se as atividades espirituais por um momento, porque Maria, a mãe de Jesus, vai, por todo

o orbe, recolhendo, naquele instante, a oração de todos os que precisam. Por isso a hora do *Angelus* é reconhecida, é reverenciada por todas as religiões.

E é extraordinário pensarmos que, quando Jesus perguntou a sua mãe o que ela, como rainha da paz, desejaria fazer, ela lhe respondeu que gostaria de abrir, junto às regiões de sombra, um hospital que levasse o seu nome e que haveria de levar amparo às almas suicidas.

Mas até se chegar lá é muito complicado. Primeiro porque o suicida passa um longo período sem saber o que lhe aconteceu. Segundo porque ele deve ser recolhido obrigatoriamente e colocado onde deve estar: junto a outras almas suicidas.

Camilo conta toda a sua trajetória de tristeza. Conta-nos que as mulheres tinham quase sempre o mesmo tipo de morte: elas passavam por ele em chamas, porque tinham ateadado fogo às próprias vestes. Ele nos narra que o sofrimento do suicida é repensar, é refazer na sua mente infinitas vezes o momento do suicídio.

O maior sofrimento do suicida é pensar que o seu tormento será eterno. E veio desta noção das almas suicidas a idéia do inferno, a idéia de que de onde se está não se vai sair nunca. E Jesus disse: “dali não sairás enquanto não houveres pago o último ceutil”. Por quê? Porque é preciso todo um processo de desintegração das energias do suicídio para que se seja socorrido.

Nós temos, ligando nosso perispírito ao corpo, um cordão fluídico semelhante ao cordão umbilical que liga o bebê à mãe. Quando desencarnamos naturalmente, mesmo que seja num acidente violento, mas seja, enfim, não pelas nossas próprias mãos, rompemos suavemente esse cordão e o espírito pode se soltar do corpo.

Já viram aquele anúncio de um acidente de carro, no qual o motorista não estava usando o cinto de segurança? Pois é: ele vê o corpo caindo, faz aquele ar terrível... Já imaginou você se ver duplo?! A atriz Marilyn Monroe conta que,

quando ela se viu dupla, desencarnada, ficou desesperada. Ali estava o seu corpo nu, na cama; e ela, em pé, bem ao lado. Um guarda, com uma lanterna, entrava pela janela. Ela sentiu muita vergonha, porque estava nua e o guarda a veria totalmente sem roupa.

Marilyn não tinha noção de que, na verdade, já estava fora do corpo de carne: ela estava se vendo morta e estava ali, desencarnada. E ela conta que, na verdade, não se suicidou: estava tão viciada em remédios, só dormia com um número tão grande de comprimidos que, naquela noite, tomou um número que foi fatal para ela. Mas ela não tinha a intenção de se matar, ela não pegou a caixa e disse: “eu vou me matar”. E foi o que, de certa forma, ajudou-a no mundo espiritual, porque ela não pôde ser catalogada como uma suicida; ela estava há tanto tempo vampirizada por entidades sofredoras que aumentavam as suas angústias e depressões que foi socorrida no mundo espiritual, embora não pudesse, durante algum tempo, ser retirada do cemitério.

Algum tempo passado, quando o espírito Humberto de Campos lhe perguntou quais eram os planos que ela tinha para uma nova encarnação, ela lhe respondeu: “quero vir feia”. A primeira coisa que ela ia pedir era para vir absolutamente feia, porque culpava a beleza física pelo que havia acontecido a ela.

Então, de repente, a moça nasce até normalzinha, não é? Não vem com a cara da Sharon Stone, mas vem simpática... e não se conforma! Imagine se fosse uma suicida?! Ia pedir um corpo que se arrastasse, sem pernas, sem braços, e consideraria uma bênção estar ali! Às vezes nós vamos aos hospitais e vemos coisas terríveis. Vemos crianças deformadas... mas os espíritos sempre dizem: “Feliz dessa alma que está mergulhada num corpo, porque ela está milhões de vezes em melhor situação do que estaria se estivesse numa região de sombra.”

E o suicida, quando reencarna, quer se esconder. Daí

alguns suicidas reencarnarem como autistas.

Camilo Castelo Branco, o autor espiritual de *Memórias de um suicida*, em vida havia ficado cego e considerava uma ofensa depender das pessoas para trocarem até os lençóis de sua cama e dar-lhe comida... ele não admitia andar amparado e, julgando romper com tudo isso, atirou no próprio ouvido.

O extraordinário na narrativa é que, após o ato do suicídio, ele se vê apenas ferido e começa a chamar por socorro... ele gritava para os empregados: “alguém me acuda, porque eu tentei me matar e não consegui. Feri meu ouvido!” E o filete de sangue interminavelmente escorria do ouvido... Ele chamava pelos empregados, eles não o ouviam e ele passou, com o tempo, a sentir um cheiro horrível; daí pensava: “Meu Deus, é claro, o sangue dos meus ouvidos está sobre os lençóis, alguém precisa trocá-los...” E chamava pelos empregados: “onde é que estão os empregados que não vêm trocar-me os lençóis e levar-me a algum hospital onde eu possa ser atendido?!”

Ele não sabia que já havia sido enterrado e que o odor fétido a que ele se referia vinha do seu próprio corpo físico que estava sendo comido pelos bichos embaixo da terra. Ele não estava deitado mais sobre a sua cama, mas sobre o seu túmulo.

São relatos impressionantes. Camilo foi um grande escritor quando encarnado. Naturalmente quando desencarnado continuou a ser. E é apaixonante a leitura de *Memórias de um suicida* exatamente porque ele narra com minúcias o que lhe aconteceu.

Tempos corridos, mais tarde, Camilo descobriu, através de uma caridosa folhinha, como ele mesmo disse, que quatorze anos se haviam passado do seu desencarne, do seu suicídio, até o socorro que ele havia recebido no mundo espiritual. Quatorze anos! Há quem fique trinta! Há quem fique muito mais, porque, ao invés de recolher-se ao seu sofrimento e rogar perdão a Deus, propiciando, assim, que o socorro venha,

torna-se um obsessivo de outros suicidas, prolongando o seu sofrimento. E aí se vai agravando o processo cármico.

Houve um dia, no Vale dos Suicidas, em que Camilo pareceu desmaiar; as energias que ele tinha como que desapareceram, e, quando ele olhou para o pedaço de cordão fluídico que carregava e que ainda não sabia do que se tratava, viu que tinha se apagado. Naquele dia, então, ele foi socorrido por uma ambulância do Hospital Maria de Nazaré.

Porque, em verdade, até que se cesse completamente a energia que deveria estar no corpo de carne, os suicidas não são socorridos. Já imaginou então o que é alguém se matar aos vinte anos e ter energia para viver até os oitenta? Imagine alguém fugir da vida quando tanta coisa ainda haveria a realizar e isso lhe ser cobrado até daqueles que seriam mais tarde seus filhos, que seriam seus companheiros de trabalho? Já imaginou o quanto eles irão cobrar?! “Eu não posso estar lá porque você voltou antes, voltou sem avisar, voltou através das próprias mãos...”

Mas é claro que há pessoas, principalmente jovens, que, num processo obsessivo muito grave, cometem o suicídio, mas logo são socorridos, muitas vezes por familiares, e são considerados meio suicidas. Parte do erro lhes é atribuída e parte às almas obsessoras que os estavam assediando.

Tenhamos cuidado, porque o suicida está sob um tal fascínio que não desiste fácil. Se houve uma primeira tentativa, vamos cuidar para que não haja uma segunda. Vamos ficar de olho no nosso familiar, no nosso amigo. As pessoas pensam que basta uma conversa para que a pessoa desista. Não basta! Porque às vezes ela acalenta há tanto tempo aquela idéia que acaba atraindo com o seu pensamento um número enorme de almas tão sofredoras quanto ela mesma, desencarnadas, e que acabam querendo levá-la, para que esteja ela tão infeliz no mundo espiritual como estão essas entidades.

É impressionante como, quando alguém pensa em

morrer, essa idéia torna-se atraente, por mais incrível isso possa parecer. “Ah, isso seria a solução! Iria dar tudo certo. Porque morrer é acabar, é aniquilar-se ...” Mas a Doutrina Espírita lembra-nos que morrer não é nunca aniquilar-se. Nós permanecemos vivendo mais plenamente do que no corpo de carne. E, se suicidas, nos arrependemos amargamente do que fizemos.

Camilo relata todo o seu processo, principalmente nos primeiros capítulos. Eu não vou transcrever aqui, obviamente, o livro para vocês, porque não vou tirar o prazer de vocês lerem! Mas, só um trechinho: ele inicia com o Vale dos Suicidas: “precisamente no mês de janeiro, no ano da graça de 1891, eu fui surpreendido com o meu aprisionamento em região do mundo invisível, cujo aterrador panorama era composto por vales profundos cujas sombras presidiam. Grutas sinuosas e cavernas sinistras, em cenário aterrador, no interior das quais uivavam maltas de demônios enfurecidos: espíritos que foram homens, dementados pela intensidade e estranheza da intensidade dos sofrimentos que os martirizavam. Nessa paragem aflitiva, a vista torturada não reconheceria o doce vulto de uma árvore que minorasse as suas horas de comiseração, tampouco paisagens confortativas que pudessem distraí-la da contemplação cansativa dessas gargantas, onde não penetrava nenhuma forma de vida, que não a traduzida pelo supremo horror. O solo, coberto de substâncias enegrecidas e fétidas, lembrando a fuligem, era imundo, pastoso, escorregadio, repugnante. O ar, pesadíssimo, asfixiante, gelado, enoitado por vulcões ameaçadores, como se eternas tempestades rugissem em torno. E, ao respirarem-no, os espíritos ali ergastulados sufocavam-se, como se matérias pulverizadas, nocivas mais do que a cinza e a cal, invadissem as vias respiratórias, martirizando, num suplício inconcebível ao cérebro humano, habituado às gloriosas claridades do sol, dádiva celeste que, diariamente, abençoa a Terra; ou às correntes vivificadoras dos ventos,



que tonificam a organização física dos seus habitantes”.

Só mais essa frase: “Não havia ali, como não haverá jamais, nem paz, nem consolo, nem esperança. Tudo em seu âmbito, marcado pela desgraça, era miséria, assombro, desespero e horror. Dir-se-ia caverna tétrica do incompreensível, indescritível a rigor até mesmo para quem sofresse a penalidade de habitá-lo”.

Cá entre nós: isso não é a descrição do inferno, que a Igreja conhece? Sem dúvida nenhuma!

E ele continua, fazendo uma comparação com o Vale dos Leprosos da antiga Roma, dizendo que ali, no Vale dos Leprosos, os doentes chegavam até a se amarem. E que este vale seria assim um refrigerio, um paraíso, se comparado ao Vale dos Suicidas, que era o verdadeiro sofrimento.

E segue narrando uma série de coisas até que, quase ao final, diz: “tomei a decisão inadiável: seguirei amanhã para o Departamento da Reencarnação, em busca do recolhimento para tratar do esboço físico terreno, onde se pesquisa o ambiente mais propício para o renascimento reparador.” E ele começou a consultar a todas as pessoas: os enfermeiros, as pessoas que haviam cuidado dele e todos lhe prometem ajuda para o seu renascer.

Contam-nos os amigos espirituais que ele hoje está reencarnado. Reencarnou no Brasil, é espírita e completamente cego novamente. Só que, desta vez, tem a doutrina dos espíritos a abençoá-lo, trazendo-lhe a noção, a compreensão, da vida imortal.

E é muito importante contar que, na obra, Camilo narra todo o apoio, todo o afeto que os espíritos de luz dão às pessoas que se matam. É impressionante ver como tudo está dividido em tarefas no mundo espiritual, nesses hospitais que recebem os suicidas: os hindus, pela própria característica dos seus estudos na Terra, são os primeiros a entrarem em contato com almas suicidas, no Hospital Maria de Nazaré. E, através de um processo hipnótico, eles começam a fazer

o suicida relembrar tudo o que se passou na sua existência, até o seu gesto do suicídio. Eles, lentamente, começam a tirar do suicida os cacoetes que eles costumam manter, no mundo espiritual, de repetir aquele último gesto do suicídio. Por exemplo, as pessoas que se enforcaram costumam vivenciar, no mundo espiritual, o vício de, a todo instante, levarem a mão ao pescoço, em busca da corda que ali estava.

Outros, por exemplo, que se mataram com cortes, costumam levar a mão ao local da machucadura o tempo todo, na intenção de fazer parar o sangue que, pensam, continua escorrendo. Esses cacoetes provêm da tamanha fixação mental que os suicidas mantêm, presos que ficam ao gesto do suicídio.

Eu tenho a certeza de que nenhum de nós pensará jamais em se matar, até porque o que nós vamos encontrar do outro lado é mais vida! Mas queria que nós fôssemos multiplicadores dessa idéia lá fora. Gostaria que, sem vergonha nenhuma, pudéssemos falar da nossa crença, não simplesmente da crença no pós-morte, mas da crença na vida que continua sempre. Falemos aos filhos dos nossos amigos, aos amigos dos nossos filhos (agora, é claro, não daquele jeito, não é?! “olha, meninos, hoje eu resolvi dar um lanchinho para falarmos sobre suicídio...”) Tem sempre por perto aquele jovem que não está tirando boas notas na escola, que acha que vai repetir de ano e que vai ser muito reprimido em casa... o suicida, no fundo, pensa que não haverá nunca uma solução para o problema que o aflige.

Um homem suicidou-se por estar endividado e, dias depois do seu suicídio, estourou uma guerra. Como ele tinha uma fábrica de cantis de água, a família pôde pagar todas as dívidas, porque a fábrica da sua família fora escolhida para produzir milhões de cantis para os soldados que partiam. Então ele veio a saber, no mundo espiritual, que, se tivesse esperado dez dias, tudo se teria solucionado. Mas ele não agüentou esperar e se matou.

Da mesma forma, um mendigo andava pelo Rio de Janeiro, encontrou metade de uma nota de cinquenta reais, olhou para cima e disse: “Deus, mas olha só o que você faz comigo: metade de uma nota de cinquenta reais e eu aqui, faminto!” Picou toda a nota e jogou num bueiro; deu dois passos e encontrou a outra parte da nota. Um pedacinho de “durex” teria resolvido o problema dele.

Os espíritos contam-nos essas histórias, verídicas, através de Chico Xavier, para nos lembrarem que dois passos, às vezes, resolvem o nosso problema. Mas, antes, tem gente que desiste. E isso é o que não pode acontecer!!! Em nada na nossa vida nós devemos desistir. Devemos sempre seguir pensando: “Ah, hoje não foi um bom dia?! Mas amanhã será!” “Hoje esse sonho não se realizou? Mas se ele não se realizar amanhã, eu sonharei outra coisa!!!” E quem sabe esse sonho não se tornará real?!

Não é ficar brincando de jogo de contente, não é isso!!! Porque tem gente que diz: “Ah, como tudo é lindo!!!!” Alguém vem contar uma tragédia e a pessoa responde: “Ah, que nada, não...” Não pode ser assim não! Vamos escutar!!! Porque, como dizem os espíritos, às vezes uma pessoa que perdeu um anel sofre tanto quanto alguém que perdeu um braço. Vamos ouvir – até com pena intimamente, porque ela está reclamando de um anel enquanto há tanto sofrimento no mundo, mas, na sua infância psicológica, o sumiço do anel é uma tragédia. E o suicida nada mais é do que alguém que ainda vive a sua infância emocional. Ele pensa que não vai haver solução para o seu padecimento, que a luta será tão insana que o vencerá. Então, parte para o suicídio, certo de que não encontrará nada além da vida física. E aí ele enlouquece, porque encontra. Encontra a sua consciência. Encontra a si mesmo, vivinho, não mais com o corpo de carne, mas com tantas conseqüências que cem anos não serão capazes de fazê-lo superar.

Os espíritos lembram-nos que não há uma alma suicida

que não demore, no mínimo, um espaço de cem anos para resgatar o seu débito. Então é um sofrimento muito grande, porque a pessoa mata-se hoje e nos próximos cem anos ela ainda sofrerá conseqüências do seu gesto. Por isso, a caridade da prece para a alma suicida é muito grande. O suicida não vai nos perturbar por isso; muito ao contrário.

Em muitas casas espíritas existe a prece para as almas suicidas. É um momento de profundo respeito.

Quem já viu um suicida manifestar-se, jamais pensa em matar-se. É um sofrimento tremendo. Há relatos candentes de pessoas que se mataram: há pouco tempo, em nossa casa espírita, um espírito comunicou-se. No dia em que a Bolsa dos Estados Unidos sofreu aquela quebra, em 1929, ele se jogou de um prédio aqui no Brasil, porque o dinheiro dele estava todo aplicado lá. Ele então se comunicou num grupo e pediu ajuda, porque estava todo quebrado. Agora imaginem: ele se suicidou em 1929!

É muito sério o gesto do suicídio porque ele acarreta conseqüências terríveis para a alma. Ele dá, inclusive, um desânimo nas pessoas que ficam. “Fulano se matou”. Meu Deus, dá uma tristeza em todo mundo, não só nos parentes, mas também nos amigos, nos colegas de colégio, na sociedade. Isso ocorre porque todo mundo se sente responsável: “será que fulano estava passando por uma crise e eu não percebi?!” Mas até isso o suicida vai levar consigo, como responsabilidade: o fato de, com a sua desistência, ter desanimado outras pessoas. É seríssimo pensar nisso.

Vamos estudar a Doutrina Espírita, porque é uma verdadeira vacina contra qualquer idéia, ainda que remota, de fugir da vida. E aqui nem chegamos a falar dos suicídios indiretos, que são: fumar demais, beber demais, comer demais, enfim ter desequilíbrio diretos.

Ajudemos para que pessoa nenhuma fuja da vida com as próprias mãos.

O livro *Cristo espera por ti* começa exatamente com uma frase revoltada de um rapaz desencarnado que havia acabado de saber, através dos seus mentores, que, para resgatar os débitos terríveis que ele trazia das suas últimas vidas, deveria aceitar habitar um corpo feminino na sua existência próxima. E o livro começa assim, com a inconformação desse espírito masculino em aceitar, segundo ele, estar preso a um corpo feminino.

O assunto homossexualidade assume hoje proporções tão grandes porque é inúmera a quantidade de pais que têm procurado as casas espíritas em busca de uma explicação para o que ocorre com o seu filho ou com a sua filha na questão da sexualidade. Nos últimos anos, esse tema e o tema das drogas têm se constituído nos grandes motivos que trazem pais para a casa espírita.

No entanto, você sabe: o espírito pode habitar tanto o corpo feminino quanto o masculino – o espírito não tem sexo. Só que, quando se resgata muitos débitos num determinado sexo, tende-se a repeti-lo. Então, há aqueles espíritos que passam vinte encarnações só reencarnando como mulheres... “são corajosos”, não é?! Porque nunca foi fácil ser mulher, e ainda não é, apesar de todas as conquistas. É Emmanuel quem diz, através de Chico Xavier, que, quando o espírito se conscientiza profundamente dos débitos que tem e do quanto precisa aperfeiçoar-se, pede para vir como mulher!

Não é que os homens não tenham atingido a sua evolução espiritual, mas reencarnar como mulher pode ser dar um

## *Homossexualidade vista à 5 luz da Doutrina Espírita*

passo gígar no processo evolutivo, até porque há todo um condicionamento que a mulher, desde a infância, vivencia, e que acaba por beneficiá-la. Por quê? Porque a mulher, a sociedade nunca deixou realizar determinadas coisas. E aos homens tudo sempre é permitido, não é verdade? Então a mulher começou a se preservar de uma série de atos menos dignos.

Os espíritos alertam-nos para o fato de que hoje as mulheres estão buscando a igualdade com os homens, mas com um problema: elas estão imitando dos homens o que é ruim neles. E os próprios médicos também dizem que as mulheres estão tendo mais enfartos, porque elas estão fumando mais do que os homens, buscando na vida profissional uma série de realizações, naquele mesmo afã dos homens. Então, de noite, ela volta para casa e encontra, não o marido, mas um colega de trabalho. E aí começam as dificuldades no casamento.

É Emmanuel ainda quem diz que seria muito bom se a mulher que trabalha fora trabalhasse apenas meio período, para poder ficar em casa no outro meio período. E confesso a vocês que sempre que leio isso, penso: “está na hora de ele reencarnar, com certeza”. Porque está cada vez mais difícil trabalhar meio período e ter um salário que permita ficar só meio período trabalhando!!!

Como hoje 40% dos lares brasileiros são sustentados por mulheres, e isso foi registrado pelo Censo, nós podemos perceber que a mulher atingiu, às portas do terceiro milênio, uma importância material muito grande. Mas há um problema: quando a mulher fracassa, ela fracassa mais

do que o homem. Quando a mulher recusa-se ao seu papel de pilastra da família, da casa, da sociedade, ela vai com mais problemas ao mundo espiritual do que o homem. E aí é que está a dificuldade.

Se, como mulheres, abusamos de forças criadoras; se, como mulheres, fascinamos os homens e os deixamos solitários, não cumprindo determinadas promessas, nós, com certeza, no mundo espiritual, desejaremos habitar um corpo masculino, para vivenciar, com a alma feminina, o nosso processo de resgate. Da mesma forma com os homens. Homens que prometeram a mulheres variadas pedem, ainda cheios de energias, de condicionamentos masculinos, para virem em corpos femininos, e aí surge o que a sociedade e a medicina convencionaram chamar homossexualidade: a atração por uma pessoa do mesmo sexo. Porque, em verdade, ali está um alma de sexo diferente do sexo que ela tem. E isso é muito sério e é grave, porque o homossexual não consegue ser realmente feliz, ser totalmente feliz, porque não se adapta a sua verdadeira situação. São muitas as pessoas casadas que procuram uma casa espírita para dizerem: “eu sou casada há vinte, trinta anos, e descobri que o meu marido tem um caso com uma pessoa do mesmo sexo há muitos anos”. Isso tem sido tão comum ultimamente que chega a impressionar.

Eu mesma já conversei com uma mulher, numa casa espírita, que me dizia: “Estou com tuberculose e não sei, Mayse, quase no século XXI, de onde é que me surgiu essa doença!!!” Então ela saiu para ir ao banheiro, o marido virou-se para mim e disse: “Eu tenho AIDS, há quinze anos eu tenho um caso homossexual, fui eu quem transmitiu a doença para ela; a tuberculose que ela tem é causada por AIDS, mas, por favor, não diga nada porque eu não quero que ela morra com raiva de mim...”

É muito grave que a pessoa case-se para esconder do mundo a sua condição homossexual. Que ela traga filhos ao mundo, e fique, portanto, responsável por esses filhos

perante a espiritualidade, perante a sociedade, mas mantenha, obviamente, por uma questão de tendência, um caso fora de casa, que, um dia, sempre vem à tona.

Um grande executivo, de uma multinacional conhecida, certa feita veio a Brasília para um congresso, teve uma crise nervosa no hotel e foi levado a uma casa espírita. Caiu exatamente para conversar comigo: pessoa da alta sociedade no Rio de Janeiro, ele tinha, há quinze anos, um caso na sua vida – uma outra pessoa do mesmo sexo – embora fosse casado há trinta anos com a mesma esposa e tivesse três filhas adultas. No ano do seu 30º aniversário de casamento, o rapaz com quem ele se relacionava há quinze anos começou a chantageá-lo. “Olha, você me dá um milhão de dólares e eu não apareço na festa de aniversário de casamento de vocês para contar do nosso relacionamento”. Ele afirmou que não tinha o dinheiro, não poderia conseguir, não acreditou na chantagem, desacreditou... mas, quando chegou na hora da festa, em seu duplex, onde estava a sociedade carioca toda presente, ele reconheceu, num dos garçons, o rapaz. Nesse momento ele já ficou apavorado, porque, obviamente, o que aquele rapaz estaria fazendo ali, naquela noite, vestido de garçom?! Na hora de cortar o bolo, surgindo discursos de amigos pelos trinta anos que eles faziam, o garçom apresentou-se, contou que há quinze anos tinha um relacionamento amoroso com ele, mostrou fotografias das viagens que os dois faziam juntos e, então, aconteceu uma tragédia. A filha mais velha do senhor executivo jogou-se do 13º andar, à frente de todos, por não suportar aquela verdade. Ele precisou unir todos os amigos que tinha, em jornais, para pedir que a notícia não vazasse em veículo algum, porque seria um escândalo, pessoa conhecida que ele era. Conversando comigo, ele soluçava como uma criança, porque se questionava, naquele momento finalmente: “por que é que eu me casei há trinta anos, sabendo, como sabia, que eu não conseguiria realmente me apaixonar pela minha esposa? Por que é que, com quinze anos de casado, eu



conheci esse rapaz e me senti atraído por ele?...” Estas eram indagações que agora não adiantavam mais, porque a vida dele estava arruinada, a filha se havia matado na frente de todos e a mulher, naturalmente, não o perdoava.

Situações tão dramáticas assim, muitas vezes, os amigos espirituais afirmam-nos, são criadas por nós mesmos, porque, se temos dentro de nós, sabemos, a tendência a nos sentirmos atraídos por pessoas do mesmo sexo, e não de sexo diferente, é porque a nossa alma planejou que aquela seria uma existência solitária.

“Solidão é pausa para reajuste afetivo”, dizem os espíritos. E se assim é, é porque nós, com certeza, nos havíamos prometido que ficaríamos sós, embora os próprios amigos espirituais reconheçam que é muito difícil, pela nossa condição de estarmos num corpo de carne, que convivamos com a solidão durante toda uma vida.

Um senhor, de quarenta anos, recém-separado da esposa, com quem teve um casal de filhos, me dizia certa feita: “eu me cobria totalmente, porque o meu pavor era de que, à noite, alguma parte do meu corpo tocasse o corpo dela, tamanha a ojeriza que eu passei a ter dela, a mãe dos meus filhos. Mas eu fui casado com ela porque os meus pais pressionaram. Eu tinha um namorado. Era preciso acabar com aquilo e ter uma vida normal. Casamo-nos, tivemos dois filhos, mas agora não dá mais. Ela sai da minha vida, mesmo assim ficam os dois filhos...”

E é por isso que os espíritos dizem sempre que é necessária uma orientação a esse respeito: “quem tem tendência a se apaixonar, a se sentir atraído por pessoa do mesmo sexo, não deve se casar, não deve formar uma família para dizer à sociedade algo que não sente verdadeiramente”.

Uma vez, ministrando uma palestra sobre esse tema, uma senhora veio conversar comigo. Era casada há trinta e cinco anos, já avó, e, no entanto, nunca tinha gostado realmente do marido. “Eu fui apaixonada”, ela me contava isso aos prantos,

“por uma colega”. Mas ela se penitenciou, quando jovem chegou a usar o chicote do pai para se martirizar, porque tinha de se mortificar ante aquela atração que sentia. E me disse: “Eu nunca fui feliz, mas respeitei meu marido, meus filhos, respeito os meus netos... eu sei que isto está dentro de mim, porque eu sou uma alma masculina, num corpo de mulher”. Era uma senhora de sessenta anos, que parecia ter quarenta, extremamente bem vestida, bem penteada, uma mulher belíssima, que, com certeza, deve ter atraído a atenção de muitos homens; mas, no entanto, no seu coração, não era nada disso que ela desejava.

Eu me recordo que, certa vez, um grande amigo meu, já sexagenário, uma pessoa conservadora, ficou sem falar comigo durante dias, porque eu comentei com ele que achava que duas pessoas do mesmo sexo poderiam se amar de verdade. Ele achou aquilo um absurdo: “como é que se havia de aceitar uma coisa dessas?!” Esse meu amigo é de uma geração que não admite uma coisa assim, não admite que duas pessoas do mesmo sexo possam sentir atração uma pela outra. Mas a realidade é diferente.

Isso é muito sério e é mais sério para nós, que somos espíritas, sabermos que o dito homossexual é uma alma que veio resgatar graves débitos ligados à sexualidade, provocados por possíveis ilusões que ele espalhou por onde passou.

E há casos dramáticos, que nos impressionam.

Um rapaz me contava: a irmã dele se apaixonara por um rapaz, o havia apresentado à família e dito: “vou me casar”. Quando esse moço viu o rapaz, viu que era o mesmo que o havia namorado. E ele, na preocupação com a irmã, levou-a até o corredor e lhe disse: “Não fique noiva. Eu tenho de contar para você uma coisa que eu nunca contei para ninguém em nossa família: eu sou homossexual, e tive um relacionamento com o seu noivo, com esse rapaz que você está trazendo hoje, aqui, na nossa casa.” E ela, ironicamente, disse a ele: “Eu já sabia disso. Ele se regenerou, você não tem regeneração”.

Ele me contava isso chorando, e eu lhe disse: “o que foi que você disse para a sua irmã?” Então ele me respondeu: “Olha, Mayse, eu reuni todas as minhas forças e disse a ela: ele se regenerou? Então diga a ele que escreva um livro! Primeiro porque isso não é uma perversão, segundo porque ninguém se regenera, e quem sente atração por uma pessoa do mesmo sexo não consegue sentir atração por uma pessoa de outro sexo... Se você vai se casar com ele, seja feliz, mas não tenha filhos; porque você pode ter certeza de que um dia, mais cedo ou mais tarde, ele acabará tendo um relacionamento fora do seu casamento, e não será com outra mulher”.

Em *Vida e sexo*, Emmanuel, em páginas extraordinárias sobre o homossexualismo, fala do respeito e do carinho que sempre se terá com a pessoas em situação inversiva que reencarnam, e de como isso não será considerado jamais uma doença, porque, à luz da reencarnação, estará explicado o porquê daquilo.

E esse é um peso muito grande, porque por mais que se pense e se diga feliz, por mais que o homossexual sintasse aceito, ele sofre intensamente e ele mesmo não sabe com que amigos desabafar, muitas vezes.

Depois que a AIDS surgiu, e os primeiros casos de AIDS nos Estados Unidos e na Europa, na década de 80, foram detectados em homossexuais, o preconceito ficou ainda maior, porque se acreditava, a princípio, que a doença era restrita a homossexuais. Hoje se sabe que, absolutamente, não é.

Dia desses, numa de minhas palestras sobre este tema, um pai perguntou-me, num bilhete: “Meu filho é homossexual. O que devo fazer?” Antes que eu dissesse algo, um espírito amigo me disse: “Primeira coisa, responda: amá-lo. Amá-lo ainda mais. Porque este pai que fez esta pergunta está se questionando se deve continuar a amar o seu filho, e isso não pode acontecer. Porque qualquer que seja a situação emocional do filho, ele veio para progredir nos braços desse pai, e ele deve ficar com ele até o fim”. E foi então

que veio, pela palavra do espírito amigo, a resposta ao pai que estava na platéia e que, através de um papel, havia feito essa pergunta.

Quando um filho nosso chega e diz: “pai, mãe, eu sou um homossexual” não deve ser mesmo fácil. Os vizinhos vão falar... teremos vergonha de dizer que nosso filho jamais se casou, teremos vergonha quando as pessoas todas perguntarem o que aconteceu com o nosso filho... Mas não haverá problemas se entendermos que aquela alma que veio ao nosso lado pediu para estar conosco naquela situação delicada porque sabia que seríamos sempre pais, mães, amigos, companheiras, confessores... Seríamos sempre alguém que não usaria a área da sexualidade para exclusão do próprio filho. E é muito importante que essa mentalidade esteja não somente na nossa casa mas também no nosso trabalho, quando vierem nos buscar companheiros que têm em suas casas estas dificuldades. Às vezes, quando um pai ou uma mãe vêm nos falar sobre isso, parece que eles estão falando de algo asqueroso, de uma pessoa que tem uma peste, e não de um ser humano. E temos de ver até onde há, em nós, preconceito. Nós podemos não aceitar que aquela pessoa faça essa opção, mas podemos nos imaginar na situação dela: execrada, sentindo-se inadaptada ao corpo que possui e, não se sentindo bem consigo mesma, permanecendo, por muitas vezes, solitária. É preciso ter força para resistir aos apelos, porque existem as paixões do passado, existem os reencontros; quem seremos nós para condenarmos? Quem seremos nós, que nos afirmamos normais, porque heterossexuais, para afirmarmos que uma pessoa não pode unir-se a outra igual a ela ?

A humanidade parece ter avançado tanto, mas, quando se vê face aos preconceitos... E nós, que nos afirmamos mais do que cristãos, espíritas, que conhecemos das vidas imortais, que conhecemos do processo reencarnatório, não podemos deixar caber em nossos corações um preconceito desse. Façamos

orações para que sejamos melhores a cada dia. E aceitemos as pessoas com as suas inclinações, como elas nos aceitam com as nossas, tão perversas, tão difíceis que às vezes temos dificuldades em falar delas! Às vezes temos problemas íntimos tão incríveis, temos tantos crimes em nossa consciência que não teríamos problemas em afirmar sermos homossexuais; nosso problema não seria esse. Nós, que viemos do passado, muitas vezes reencontramos os desafetos de ontem e não conseguimos manter alta a chama da nossa fé. Portanto, que seja esse o nosso grande objetivo. Aceitemos os irmãos, como diz Emmanuel, em situação inversiva, como eles se nos apresentam, com caridade, com carinho, sem acharmos que estamos fazendo grande coisa com isso, porque são nossos irmãos, são almas eternas que, numa determinada existência, passam por essa situação. Tenhamos pelos nossos irmãos homossexuais o mesmo amor que temos por aqueles que se afirmam normais, quando, muitas vezes, a normalidade não está nisso, mas em sermos realmente bons.

Sejamos bons, em todas as circunstâncias de nossa vida. Façamos de nossa casa um posto de socorro a todo aquele que precise de um consolo, de uma palavra de carinho, de um tempo para superar a sua própria dor.

Que a idéia da AIDS, que hoje faz tantas vítimas – e ainda fará muitas, a ponto de os cientistas do mundo dizerem que ao chegarmos ao ano 2000, daqui a poucos anos, rara será a família que não terá um caso de AIDS – não seja mais ligada à homossexualidade, porque há muito tempo as duas coisas não estão juntas. Vamos ter o cuidado com a forma como agimos quando alguém nos diz que se sente atraído por uma pessoa morfologicamente semelhante. Façamos isso com todo o respeito ao nosso próximo, na certeza de que, se nós pensássemos nos nossos erros do passado, talvez tivéssemos feito o mesmo, talvez tivéssemos pedido uma alma aprisionada num corpo que desconhecêssemos.

Talvez amanhã, face aos nossos muitos problemas

na área de sexo, seja essa a nossa escolha, numa futura encarnação.

Tenhamos todo o respeito por toda a criatura que venha buscar a nossa alma, o nosso carinho maior, a nossa segurança, a nossa fé, porque caminhamos para o mesmo destino de evolução e perfeição, para o qual fomos criados.

Deixemos essas almas verem que nós começamos a deixar que o belo e o verdadeiro penetrem em nossos corações e permaneçam em nossos dias. Sigamos Jesus, que não tem qualquer preconceito e que, em vida, buscou aqueles que eram considerados loucos e de vida complicada para estarem junto aos seus corações; porque eles, sim, pelo grande sofrimento e isolamento em que viviam, entenderiam a sua mensagem. Façamos da nossa vida um manancial de amor para aqueles que tiverem qualquer dificuldade e tenhamos a certeza de que eles nos procurarão em busca de uma palavra amiga, de esperança, de força de vontade para continuar caminhando, nesse processo que é uma norma em todos nós.

E são os espíritos que nos dizem: só existe uma fatalidade, a do bem. Nós estamos fatalmente ligados às coisas boas, às coisas lindas que ainda vão nos acontecer; atentemos para isso. Porque esse dia, que vem perto, o da nossa evolução, deve nos encontrar sem qualquer resquício de dúvida, de preconceito em nossos espíritos, porque teremos aceitado todas as pessoas exatamente como queremos ser aceitos: com as dificuldades de hoje, para que as dificuldades de hoje sejam as conquistas espirituais de amanhã.

Tenho a certeza de que todos faremos isso e que um dia, no mundo espiritual, o nosso reencontro – que certamente nos felicitará, porque os espíritos nos lembram que se até as pedras se encontram, tanto mais os nossos corações que não são pedras – nos permitirá voltarmos os olhos para as nossas encarnações passadas e vermos que transformamos todas as agrugas, por trabalharmos com amor. É preciso entender as almas que nos procuram, porque iremos todos

para esse grande sol de mil cores que é Deus, que nos criou, um dia, para a perfeição.

Eu tenho certeza de que esse dia vai chegar para todos nós também.

O nosso tema de agora tem muito a ver com todos nós. Segundo diz um dito popular, a única certeza que temos desde que renascemos é a da chamada morte, que os espíritos e os espíritas chamam de desencarnação.

Na verdade, ela é algo que vai nos acontecer certamente, para cada um de nós em épocas diferentes, em determinadas etapas de nossa vida, e é um assunto para o qual nós estamos sempre pouco preparados.

Não vamos imaginar que estamos vivendo nossa primeira experiência terrena, sabemos que não é assim. Que, anteriores a Moisés, nós, certamente, já repetíamos as nossas romagens na Terra, vivenciando determinadas etapas de importância para a humanidade, momentos de profundas transformações, mas, o mais importante, transformando, a cada etapa terrena, a nós mesmos. Porque, às vezes malgrado a nossa própria vontade, nós sempre vamos avançando.

Os espíritos nos lembram que não existe o retroceder. Não podemos ser hoje piores do que fomos em nossa última encarnação. Isso, a ponto de Emmanuel dizer, através de Chico Xavier, que somos hoje, nesta vida, cem vezes melhores do que fomos em nossa última existência. E se nós olhássemos para dentro, ao percebermos os defeitos que ainda trazemos, ficaríamos a imaginar o que foi que nós não fomos, o que foi que não fizemos em vidas que se passaram. Se hoje, muitas vezes, ainda é grande em nós o orgulho, a avareza, a maledicência e tantos outros defeitos que ainda não conseguiram se tornar qualidades, imaginem



no passado.

Os espíritos nos dizem que, na maioria das vezes, temos a morte como reflexo de toda a vida que tivemos. Eles citam Elizabeth I, a grande rainha inglesa, que, depois de uma série de equívocos que o seu orgulho impôs às suas decisões de rainha, no instante da morte, ao perceber que dali, daquela cama, não sairia, não se levantaria mais, e vendo chegar o mal-estar que expulsaria o seu espírito do corpo, tentou barganhar com Deus, pela última vez, gritando, no seu leito de morte: “Meu Deus, o meu reino inteiro eu lhe dou, por um minuto a mais de vida!”. Minuto que, lembram os espíritos, ela não teve, porque nem todo o reino que possuía, e naquela época a Inglaterra dominava o mundo, seria capaz de transformar a decisão que ali estava tomada, a de que ela deveria deixar o corpo físico para ir à frente dos seus mentores espirituais e relatar tudo o que havia feito com tanto poder que tivera em mãos.

Eles – os espíritos – citam um caso recente, o de Adolf Hitler, que, vendo-se desesperado, percebendo que a guerra terminara, partiu para o suicídio, junto com a sua amante, Eva Braun, que se matou primeiro, segundo dizem os espíritos amigos. Contam-nos ainda os espíritos que, quando saiu do corpo, Hitler, de certa forma, foi como que isolado pelos bons espíritos, porque eram grandes as falanges desesperadas de almas sofredoras que queriam se acercar dele, queriam se lançar sobre aquele espírito atordoado que deixava o corpo através do gesto do suicídio.

Os espíritos contam que, quando o ditador Francisco Franco, na Espanha, desencarnou, ainda na década de 70,

os espíritos de luz, convocados por familiares dele que tinham merecimento espiritual, foram até a igreja onde o seu corpo estava sendo velado. Tinham a intenção, esses espíritos amorosos, de arrebatar Franco dos seus adversários espirituais, mas não conseguiram, porque ele havia, durante a sua vida como ditador, de tal maneira assassinado, feito o mal, feito tanta gente chorar, que, quando os espíritos de luz adentraram a igreja, ali já estavam aportadas falanges terríveis que aguardavam que aquele homem, que tinha tido tanto poder, ao longo de tantos anos, despertasse no mundo espiritual, para arrebatá-lo. E, para a nossa surpresa, no relato que é feito por Humberto de Campos, quando, ali mesmo na igreja, fez-se uma oração, o espírito retirou-se do corpo porque, até então, estava imantado ao próprio corpo que jazia no caixão repleto de homenagens e de flores e as almas terríveis o arrebatarem e o levaram, sem que os mentores tivessem autorização para fazerem nada.

E ali Humberto de Campos, assistindo à cena, escutou o seu mentor, dizer: “Nós nada podemos fazer por enquanto, porque cada criatura encontra no plano dos espíritos, após a morte física, o destino que ela mesma criou”. E ali estava um homem sendo homenageado por discursos de pessoas em todo o mundo, pessoas poderosas como ele próprio tinha sido, mas que chegava ao plano espiritual como um mendigo, necessitando de paz, sem consegui-la.

E vemos casos tão opostos, como o de Áurea Celeste, essa alma extraordinária, que trabalha em tantas casas espíritas e que, ao se desligar do corpo físico, percebendo que a sua morte física chegava, pediu aos mentores espirituais que tinham vindo buscá-la para que ela mesma pudesse promover o desligar-se do corpo.

Já imaginaram o que é você perceber que vai morrer, sair do corpo e pedir aos espíritos para você mesmo cortar os laços fluídicos que o ligam ao seu corpo de carne?! É preciso ter muito mérito! É preciso ser um espírito de muita consciência,

de muitos esclarecimentos. Ela pediu isso e teve esse pedido aceito devido ao enorme cabedal de luz que possuía.

Costuma dizer quem assiste ao desencarne de alguém: a pessoa começou a ficar fria pelos pés; e por quê? Porque é pelos pés que os espíritos amigos começam a nos desligar no instante da chamada morte. Os nossos centros de força vão sendo desligados. Os mais complexos de serem desfeitos são o do coração, onde estão todos os nossos sentimentos, tudo aquilo que nos comoveu, que nos irritou, que nos manteve vivendo enfim, e o do cérebro; por isso verdadeiros especialistas da pátria maior vêm nos auxiliar nessa hora.

Ninguém desencarna só. Estarão sempre ali nos esperando os adversários de ontem, que, se Deus permitir, teremos transformado em amigos, e os nossos mentores espirituais. Muitas vezes estão também os familiares que partiram antes de nós, aqueles que colaboraram para que viéssemos um dia.

Relata-nos André Luís que, quando no mundo espiritual recebemos os comunicados: “Olha, meu filho, você vai para viver oitenta anos” ... ou “noventa anos” ... Nós, ao contrário do que falamos aqui na Terra, dizemos: “Tudo isso?! Mas é muito!!! Não dá para diminuir uns dez, quinze anos?! Eu tenho medo de que, com tantos anos na Terra, eu fracasse muito, eu faça muitas coisas erradas...” E relata o caso daquela senhora que teria um corpo relativamente saudável para viver até mais de oitenta e cinco anos e que pediu, implorou para perder uma perna ainda jovem, ou um braço, para que a humildade a acompanhasse: “Para que eu não perca tantos anos na Terra, vaidosamente...”, disse. Mas, quando estamos encarnados, esquecidos do que se passou no mundo espiritual, queremos viver cento e quarenta anos. E se alguém nos disser que estamos enfermos, nos desesperamos, nos desequilibramos de tal forma que os espíritos não conseguem sequer nos ajudar.

Um grande erro nosso é começarmos a angariar matéria

demais em torno de nós. O dr. Bezerra de Menezes nos diz que, quanto mais velhos mais deveríamos simplificar a nossa vida nas questões materiais, de tal forma que possamos ir deixando tudo o que é maior, que é muito, para outras pessoas.

É muito triste ver casos como o de um empresário famoso em Brasília, que, noutro dia, me relatou, triste, já idoso, que o que ele mais lamentava na vida não era a fortuna que havia amealhado, mas o fato de os filhos, hoje, já brigarem pela herança, enquanto ele ainda é vivo. Conversando comigo, chorava, com mais de oitenta anos, vendo uma situação dessas.

Esse senhor empresário, que amealhou tanto, tinha os filhos a desejarem-lhe a própria morte para lançarem-se sobre a herança. Para nós, que queremos bem aos nossos filhos, parece-nos que lhes deixar as coisas materiais será afastá-los das dificuldades da vida, mas quantas pessoas atormentam-se na pátria dos espíritos ao perceberem que deixaram para os filhos enormes problemas e fator de desequilíbrio às vezes para toda a vida?!

Noutro dia a cantora Nana Caymmi, em uma entrevista muito bonita, falava do pai, Dorival Caymmi, o grande compositor que já está com mais de oitenta anos. Ela contava que, há dois anos, quando o pai fez oitenta anos, ela percebeu que a casa dele era cheia de obras de arte: telas de Di Cavalcante, esculturas de Bruno George, o jardim da casa era de Burle Max ... e começou a escutar as ex-mulheres dos irmãos dizerem: “quando seu pai morrer, nós vamos ter de sentar todos para dividir tudo aquilo...” E ela, que é a única filha, começou a pensar: “Meu Deus, por causa das ex-esposas talvez eu e meus irmãos brigemos...” Então ela fez uma proposta ao pai: “Vamos vender tudo! Vamos colocar tudo em leilão! O senhor e minha mãe ficam com o dinheiro até o dia da morte de vocês. Mas me dê um grande presente, a maior herança: meus dois irmãos junto de mim para sempre”.

E o pai topou. Vendeu tudo, ficou com o dinheiro aplicado, mudou-se para uma casinha na praia, humilde, simples. O engraçado, ela dizia, é que o pai até hoje se deita na rede, olha para a parede vazia da casinha de praia e diz: “Oh, mas que saudade eu sinto daquele quadro do Di Cavalcante...” E ela brinca com o pai: “Papai, você já tem mais de oitenta anos, que falta faz o quadro?! O importante é que estamos todos unidos!”

No mundo espiritual percebemos, quando para lá retornamos, que realmente importante é aquilo que nós construímos dentro de nós. Lá, louvaremos as dificuldades e daremos graças a Deus pelos sonhos que não se tornaram reais, ao contrário do que hoje imaginamos.

É claro que o nosso dever sagrado é cuidarmos do nosso corpo, é cuidarmos da nossa vida física, é cuidarmos dos filhos que nos foram confiados, é vivermos dentro das regras que o mundo convencionou, mas de forma equilibrada e tornando tudo luz, até mesmo as questões materiais de nossa vida. É um privilégio se ter pouco, ou perder o muito que se tem, porque em tudo há lições preciosas.

Uma jovem recém-casada estava num avião que chegava em Fortaleza, no ano de 1982, juntamente com o marido, o cunhado e o irmão. O avião chocou-se contra uma montanha e todos pereceram. Sua mãe ficou desesperada, porque no acidente ela perdera os dois filhos e os dois genros. Mas, o impressionante: a jovem que estava no avião, ao acordar, no mundo espiritual, viu-se numa enfermaria ... o quê imaginou?! Que tinha sobrevivido! Ela conta que eles não sentiram nada, a não ser que havia alguma coisa errada com o avião, porque ele trepidava e eles ouviram um barulho. O barulho já fora a explosão, que não foi permitido a eles perceberem.

Ela contou emocionada, numa mensagem que deu através de Chico, que, segundos antes de o avião bater, todos eles começaram a ouvir vozes dentro do avião, vozes que diziam: “Fiquem tranquilos, estamos aqui com vocês; Jesus está aqui

com vocês; Deus permanece neste ambiente...” Então ela achou que estava ficando louca, porque escutava vozes que lhe diziam isso. Como o marido também escutava, ela dizia: “Então estamos os dois loucos”. Nesses instantes, o cunhado e o irmão, que tinham se sentado um pouco mais atrás, começaram a fazer sinais, porque havia alguma coisa errada. Eles estavam ouvindo dentro do avião vozes que não eram das aeromoças nem dos comissários. Então houve o choque, o avião caiu e ela despertou no mundo espiritual, num hospital limpíssimo, em tudo semelhante aos hospitais da Terra: a sua primeira preocupação foi com a dor no “corpo” que sentia! Mas, a essa altura, o seu corpo físico já estava enterrado e ela estava habitando o corpo que nunca morre, que todos nós possuímos, o chamado perispírito, embora ainda sentisse dores, pelo impacto energético daquele desencarne.

No hospital, ela, calada, começou a observar uma coisa interessante: os pés das enfermeiras não tocavam o chão! Aí ela começou a perceber que alguma coisa estava errada: como era possível que as enfermeiras não tocassem o chão ao caminhar?!

Eu contei essa história a um amigo e ele me disse: “Mayse, agora eu não tenho dúvidas. Se eu sofrer um acidente, acordar num hospital, a primeira coisa que eu olharei é para o pé de todo mundo que estiver em volta de mim!!! Se os pés estiverem um pouquinho acima eu já cairei desmaiado, porque isso quererá dizer que eu morri!”

Na mensagem é exatamente assim que ela relata: a primeira dúvida surgiu quando ela olhou e viu que a enfermeira, uma nobre freira que a acompanhava, não tocava o chão com os pés! Ela então perguntou pelo marido e a enfermeira, tranqüila, disse-lhe que o marido estava muito bem, que seu cunhado e seu irmão também estavam bem, só que estavam numa enfermaria destinada a pessoas do sexo masculino, o que a tranqüilizou: “Meu Deus, será que nós

conseguimos sobreviver?!” Passados alguns minutos, ela conta, entrou em seu quarto um médico e lhe perguntou se ela tinha condições de levantar-se para ir ter com o marido. Como era a coisa que ela mais queria, ela pediu ajuda, o médico a segurou por um lado, a enfermeira pelo outro e ela foi até onde estavam o marido, o irmão e o cunhado. Quando os quatro se reencontraram, as lágrimas foram inúmeras. Abraçaram-se os quatro e aí entraram outros médicos e enfermeiras, formaram uma roda e começaram a orar, a magnetizá-los com passes para contarem a eles que não estavam num hospital da Terra, mas num hospital do mundo espiritual. Ela conta, na mensagem, que agradecia aos pais pela educação que haviam dado a ela, porque os pais, embora não lhes tivesse ensinado exatamente a Doutrina Espírita, até porque não professavam essa religião, tinham dito a ela sempre, desde menina, que tudo ela soubesse aceitar com serenidade, que as mudanças surgiam porque eram necessárias na vida. E ela estava frente a uma mudança inesperada e definitiva.

E, numa mensagem, quatro meses apenas após o seu desencarne, ela relatava à mãe, que havia ficado desesperada, o seu estado emocional, do seu marido, do seu cunhado e do seu irmão. Conta que eles haviam tido ainda condições de serem assistidos devido à fé que traziam em seus corações e pelo fato de estarem unidos de outras vidas – daí porque desencarnaram juntos. Havia um resgate a ser feito naquele acidente. Dizia ainda que outras pessoas, que no mesmo acidente haviam desencarnado, porque fossem despreparadas ou porque trouxessem em seus corações culpas inconfessadas, encontravam-se distantes, num outro núcleo de tratamento – e havia até aquelas que estavam internadas em estado de loucura, por não aceitarem o que lhes havia acontecido.

A questão de chegar ao mundo espiritual é inerente a todos nós. Para uns mais cedo, para outros mais tarde, o certo é que todos retornaremos. E até nos encontraremos,

tenho absoluta certeza disso! Com que naturalidade, eu tenho certeza, nós retornaremos ao nosso verdadeiro destino, que é o estar fora da Terra! Porque o estado de estar na Terra é algo temporário, a ponto de Emmanuel dizer que, ainda que vivamos cem anos na Terra, isso é um relâmpago na eternidade dos nossos espíritos. É muito pouco para todo o período que atravessamos desencarnados.

Emmanuel afirma que, para as pessoas que têm mais dificuldades nesse fim de milênio, pessoas que se envolvem com violências, com crimes ou drogas, com os vícios mais diversos, às vezes o período entre uma encarnação e outra não pode ser muito longo, porque elas não suportam ficar desencarnadas muito tempo, passíveis daquelas lembranças de fracassos da última existência. Grande número das pessoas que, por exemplo, usaram drogas, retornam com problemas psico-motores, retornam com afasias, com cânceres ainda na infância, porque lesaram de tal maneira o perispírito que, numa nova existência, o corpo novo reflete os abusos de ontem.

Há pessoas que dizem: eu tenho um problema de fígado sério, preciso até de transplante, e nunca tomei nessa vida uma gota de álcool! Ora, mas nessa vida não tomou!!! Nas outras que se passaram com certeza esse foi um órgão do qual se abusou tanto que, registrando no perispírito a lesão, o inchaço desse fígado, ao se ter um corpo novo já se escolhe aqueles pais que, geneticamente, vão transmitir os problemas de fígado.

Mas tenhamos atenção, porque os espíritos nos dizem que, ainda que esteja registrado no mundo espiritual que nós viveremos setenta, oitenta, noventa anos, poderemos viver só vinte, se não soubermos ter equilíbrio e vigilância nas nossas atitudes, nas nossas ponderações, nos nossos hábitos. E há até casos sérios, gravíssimos, nos quais a pessoa de tal forma fracassa na sua vida terrena que é considerada no mundo espiritual a possibilidade de que ela desencarne antes, porque



está causando muito mal nas suas atitudes na Terra, está influenciando negativamente muitas pessoas. Os espíritos amigos nos dizem que aí estão incluídos os terroristas, as pessoas que abusam da vida alheia, porque não tem limite a sua crença de que o seu direito pode tudo.

Os espíritos gostam de lembrar que o dia da nossa desencarnação nós não sabemos, mas sabemos muito bem o que viemos fazer aqui: viemos nos tornar melhores, aperfeiçoar os nossos destinos, as nossas atitudes, das formas mais diversas, nas mínimas coisas, para retornarmos à pátria dos espíritos, dessa vez, ainda melhores, ainda mais dispostos a uma próxima existência de maior valor. Esta vida é importante porque coincide, não por acaso, com uma troca também de energia para o nosso planeta. Um milênio termina, um novo milênio vem e os espíritos são categóricos em afirmar que a nossa Terra também se transforma.

Lembram-se daquela música lindíssima, que conta que foi Maria quem ensinou Jesus a falar?! Que o ensinou a andar?! Pois é, nós nunca pensamos nisso, não é? Jesus poderia ter de repente surgido, ter se materializado, envolvido as massas; mas ele se fez criança. Ele, que era superior a todos nós, a alma mais perfeita que já viveu na Terra, deixou, permitiu que Maria o ensinasse a caminhar, a falar, que o ensinasse a raciocinar novamente, passando pelo mesmo padrão de todos nós, exatamente para nos lembrar que começamos sempre, novamente, quantas vezes forem necessárias. E o nosso planeta atravessa agora essa mudança, por isso os nossos filhos, mais do que nunca, precisam do nosso apoio, precisam que demonstremos que somos seus grandes amigos e incentivadores, ainda que mais tarde comprovem que são almas milenares, mais experientes que nós mesmos.

Emmanuel tem uma frase que eu gosto muito e que diz assim: para todo filho nós escolhemos e imaginamos a universidade; mentalizamos sempre que nosso filho será brilhante, qualquer que seja a carreira que siga, mas, às vezes,

para aquele filho, a enxada será a tarefa ideal! A simplicidade e a dificuldade de aprender as lições muitas vezes mostrarão que o seu caminho é realmente o caminho de viver de uma forma mais serena, mais desapegada, menos, talvez, brilhante aos olhos do mundo, mas mais aperfeiçoada.

E isso aconteceu com o próprio Cristo: lembram-se daquela passagem? Ele tinha só cinco anos e já carregava um serrote pesado para entregar a José na carpintaria. Maria bordava quando o viu passando – ele era uma criança brilhante – e começou a imaginar que juiz o filho não seria! Que doutor da lei poderia superá-lo?! E ela, que, naturalmente, não expressava palavras, simplesmente bordava, não pôde perceber que Jesus lia os seus pensamentos. Na terceira ou quarta vez que ele passou carregando o mesmo serrote, ela percebeu que tinha alguma coisa errada: ele não ia para a carpintaria, mas ia e vinha na frente dela o tempo todo carregando o serrote, quase maior do que ele. Até que ela parou, olhou-o e ele imediatamente lhe disse: “Minha mãe, não sonhe para mim os sonhos da Terra, porque eu não vim para ser servido, mas para servir”. Ele tinha cinco anos quando disse isso a Maria pela primeira vez! E ali ela começou a sentir que aquele filho era muito diferente realmente, que ele não tinha vindo para a sua felicidade pessoal, mas para a de todos.

Divaldo Franco, esse ilustre orador baiano, conta-nos que, quando se tornou espírita, fê-lo escondido de sua querida mãezinha, que ele temia não fosse aceitar essa religião. Só que, como passou a viajar muito, ela passou também a desconfiar de que algo acontecia a ele, e de que aquelas viagens não seriam só a serviço, como ele lhe costumava afirmar. Convidada um dia a assistir a uma palestra espírita, ela reconheceu ali, como orador, o seu ilustre filho e, ao contrário do que ele imaginava fosse acontecer, pediu que, em casa, ele fizesse com ela a leitura dos evangelhos, para que ela entendesse um pouco mais daquela doutrina que já

havia conquistado o coração do seu filho.

No primeiro evangelho em casa, então, eles estudaram o que era a vida além da morte, o que era acreditar que se era imortal, o que era acreditar em reencarnação. Ela achou tudo tão bonito e tão lógico que disse a ele: “Meu filho, será que, se eu me esforçar muito, um dia fico espírita igual a você?” (Ele se envergonhou porque a mãe era tão bondosa que, na verdade, era muito mais espírita do que ele!) E, a partir daquele dia, em todo entardecer eles se sentavam para estudar o *Evangelho* e *O livro dos espíritos*, a pedido dela. Ela começou então a desenvolver uma mediunidade tardia, começou a ver os espíritos.

Certa época ela ficou muito gripada, e, num dia, toda satisfeita, lhe disse assim: “Divaldo, eu acho que vou morrer hoje.” E ele respondeu: “Por que, mamãe, que história é essa?!” Ela então explicou: “Você já viu o seu pai?” Ele disse: “Não!” “Pois eu vi o seu pai. Hoje cedo ele me apareceu e, todo satisfeito, disse que a minha hora está chegando.”

Imaginem vocês: ela ficou toda feliz e botou um vestido novo, como alguém que vai se encontrar com o namorado, porque o marido estava morto há muitos anos e ela tinha muitas saudades dele.

Ela já tinha uma gripe que não ia embora nunca, algo que, na verdade, não era uma gripe, era um problema grave de pulmão, e, no fim daquele dia, teve um mal súbito, chamou o Divaldo, deitou-se, pediu que todas as crianças do Lar onde trabalhava fizessem uma fila para que ela as abençoasse e, quando Divaldo e Nílson, seu irmão, a abraçaram, ela segurou a mão do Divaldo e disse: “Divaldo, meu filho, não dói, não dói nada, diga isso a todas as pessoas”. E morreu.

Uma semana depois Divaldo Franco foi inaugurar um abrigo de idosos e, quando ia se levantar e cumprimentar a platéia, pôde vê-la entrar de braços dados com o doutor Bezerra de Menezes. Ele conta que quase morreu naquela hora! Uma semana depois da morte, a mãe ali estava, atravessando

a platéia. Então ela chegou até a mesa e disse a ele: “Meu filho, diga a eles que ninguém morre!!! Eu estou aqui para dizer a você, meu filho, que é tudo verdade, que ninguém morre!!! Eu encontrei o seu pai, somos de novo namorados, como quando éramos jovens”. Divaldo conta que, naquela hora, caiu em prantos, ao perceber que, na verdade, ninguém morre mesmo: ali estava a sua mãe, desencarnada mas feliz, porque havia reencontrado a sua família, que já estava, há muito tempo, no mundo espiritual.

E eu tenho a absoluta certeza, depois desse nosso bate-papo, que, um dia, isso acontecerá também conosco. Nós voltaremos à verdadeira vida - e com que satisfação falaremos de tudo o que pudemos fazer pelas pessoas que amávamos e de como soubemos amar aquelas que não gostavam de nós! Poderemos dizer às pessoas, no mundo espiritual, que respeitamos o direito alheio e que tornamos caridade um hábito tão sereno nas nossas vidas que não realizá-la diariamente tornou-se, para nós, um tormento. Que nós não admitimos mais não praticá-la, porque todos os dias realizamos um gesto de amor ao mais próximo. Eu tenho a absoluta certeza de que um dia, daqui a muitos anos, todos nós nos reencontraremos no além, para falarmos das alegrias de continuarmos vivendo. E não mais veremos as nossas casas espíritas com essas paredes materiais, mas como grandes corações que um dia nos acolheram a todos e nos ensinaram uma forma mais feliz de fazer os outros felizes, sendo felizes também.

Que não tenhamos receio algum, que tenhamos todo o cuidado com a nossa vida, com todos aqueles que nos são caros. Tenhamos cuidado ao volante, cuidado quando a vida de outrem estiver nas nossas mãos. Mas, se chegar o momento de nos separarmos de alguém, através do que se convencionou chamar morte, tenhamos a serenidade de aceitar. Choraremos, sim, de saudade, mas agradeceremos a Deus pelo convívio que tivemos com aquela pessoa. Faremos

como Vianna de Carvalho, que, assistindo ao próprio velório, olhou para o próprio corpo, fez uma oração sentida e disse: “Deus te abençoe, corpo amigo, por tudo o que você me proporcionou na Terra”. E, assim dizendo, virou-se e saiu do próprio velório.

Nós talvez não tenhamos condições de nos vermos no próprio velório sem nos desequilibrarmos, mas, sem dúvida alguma, seremos recebidos pelos amores que já partiram, renderemos graças a Deus por tudo o que nos aconteceu na Terra e agradeceremos ainda pela oportunidade que temos de sempre podermos recomeçar. Não tenhamos nenhum receio de morrer fisicamente, porque estaremos renascendo, como um dia morremos para o lado de lá, voltando à Terra através de nossas mães.

E nos lembremos de Emmanuel, quando diz: “a única morte que existe é a de quem perdeu a fé; essa, a única morte: a de quem não crê em mais nada”. Que essa seja a única morte que jamais conheçamos, a de não acreditarmos em nós mesmos e nem em Deus, acima de tudo.

Que Deus nos guarde, nos abençoe e que um dia, daqui a muitos anos – porque vamos aproveitar ainda muito as coisas boas que a Terra tem para nos oferecer, e ainda há muitos resgates para realizarmos – nós possamos, ao retornarmos à pátria dos espíritos, ouvir aquilo que é o sonho de toda alma: “Seja bem-vindo, amigo. O mundo ficou um pouco melhor porque você viveu nele.”

O nosso desejo final é o de que cada um de nós, um dia, quando chegar o nosso dia, possa ouvir isso: que o mundo ficou um pouco melhor porque nós vivemos nele. Que Deus nos guarde e abençoe sempre.

Vamos falar um pouco sobre atavismo espiritual.

Se você for procurar no dicionário, lá está escrito: “atavismo é uma série de características físicas ou psíquicas herdadas de remotas épocas”. Essa é a definição de atavismo que está no dicionário.

Oportunamente os espíritos amigos, através da Doutrina Espírita, no seu corpo de estudo, falam-nos de um outro tipo de atavismo. Porque, vejam, ali no dicionário está o atavismo físico e o psíquico; mas não se pode falar de atavismo psíquico sem se falar no atavismo espiritual, naquilo que é tão forte em nós, ainda, que não conseguimos transformar. Algo negativo que está no fundo do nosso íntimo e que nós não conseguimos transformar para o positivo.

Muitas vezes temos até uma vida equilibrada, mas algo em nós, um pedacinho nosso, quase que inveja alguém que é farrista, alguém que leva a vida sem compromisso, alguém que diz: “Ai eu não tô nem aí, eu vivo o dia-a-dia, eu não me responsabilizo por nada, eu não respeito ninguém, também não quero que ninguém me respeite, eu não prometo nada a ninguém, também não quero que me prometam...”

Então nós ficamos assim, com aquela coisa: “Meu Deus, que inveja! Coitado de mim, que estou preso sob tantas responsabilidades...” Mas, quando o conhecimento da alma imortal felicita-nos, não podemos mais permitir que aquilo que é atávico em nós de vidas passadas e que foi negativo para nós, tantas vezes, tenha império novamente sobre a

nossa personalidade.

Vejam: quando nós falamos, por exemplo, de tentação. Tentação é sempre a repetência do nosso atavismo. É, de novo, aquela prova, aquela dificuldade, aquele alguém que chega nos fascinando e nos convidando ao desprezo dos nossos deveres, dos nossos compromissos afetivos primeiramente colocados em nossa vida. E nós sabemos que todo passado retorna de forma diversa, mas, muitas vezes também, exatamente como em outras vidas. Então se, por exemplo, em vidas passadas, não soubemos respeitar o lar que tivemos, um lar amoroso que nos apoiava, muitas vezes na atual existência, na infância, retornamos e somos abandonados ao nascer por aquela que nos gerou, para que saibamos, vivendo no lar alheio, às vezes por pura tolerância de alguém que nos acolheu, o quanto é triste ter um lar feliz, harmonioso e desprezá-lo, abandoná-lo.

Esse esposo que, hoje, muitas vezes, é rude conosco, quem sabe já não tenha sido abandonado por nós em outra vida?!

Já imaginou ele sendo abandonado com quatro, seis filhos, em encarnações passadas?! Nessa encarnação ele se casa novamente com a antiga esposa, mas, de vez em quando, ele a observa, tem ímpetos de raiva e não sabe por que. É a lembrança do passado voltando! É aquilo que permaneceu com ele, porque a sensação de abandono, esses sentimentos que nos marcam muito, ficam muito fortes no nosso psiquismo; são quase inesquecíveis, embora haja, a cada nova encarnação, o chamado esquecimento do passado.

E o que é esse esquecimento?! Nós passamos por um processo de tratamento espiritual entre uma existência e outra, e passamos, inclusive, por processos de cirurgia espiritual, de cirurgia psíquica, para amenizarmos determinadas recordações de situações muito traumáticas, muito horripilantes que nos aconteceram e que não devem ser trazidas à tona da nossa lembrança numa vida posterior. Esses sentimentos são, não

## Atavismo espiritual

extirpados, mas convenientemente isolados dentro do nosso psiquismo espiritual.

Vocês se recordam, todo mundo deve ter assistido *A viagem*, uma novela da Rede Globo que passou há algum tempo. Pois bem, na novela, todas as vezes que Otávio Jordão, o advogado, encontrava a Dinah e eles tinham uma discussão, ele dizia “eu tenho certeza que nós já vivemos isso! Algo me diz que nós já vivemos uma situação assim”. E, no dia em que ela deu uma bofetada nele, ele disse: “eu tenho certeza que você já me bateu antes...”

Ela ficava achando que ele era doido de pedra: por que, como é que ela já tinha batido nele, se eles estavam se recém-conhecendo??? O caso dos dois, na novela, era exatamente “atávico”, por assim dizer: eles tinham vivido no século passado uma situação de rompimento que estava novamente se processando. Mas, na existência atual, o que acontece?! No auge do amor, ele morre! Então é aí que entra o resgate.

O atavismo é exatamente isso: é guardar, no mais profundo de nós mesmos, as lembranças daquilo que de cruel nós fizemos, que está marcado em nós como um filme. E é por isso que, quando nós vamos plasmar um corpo novo, o fígado vem ruim, se fomos um alcoólatra; a vesícula vem ruim, se nos excedemos nos bacanais, naquela coisa de comer, de beber, de aprontar... vem a vesícula ruim, vem o fígado ruim... Já renascemos numa família que tem caracteres de problema renal, de problema de fígado, de problema de vesícula... porque a hereditariedade material, física, tem uma força muito grande e existe exatamente porque há uma



planificação no mundo espiritual para que venhamos por determinado tronco familiar.

Por exemplo: às vezes você tem uma mãe que esbanja saúde, que vem de uma família onde morre todo mundo com cem anos... mas você herda os caracteres da família do seu pai, na qual morre todo mundo dormindo, com quarenta anos. Daí você vai ao médico: “Puxa, doutor, mas por que eu herdei as características da família do meu pai que morre cedo e não herdei as da família da minha mãe, que morre todo mundo velhinho?!” Ora, porque há um planejamento nesse sentido! Porque, na hora da fecundação, quando os gametas se juntaram para formarem o seu corpo físico, na verdade já havia a preponderância, por determinação dos laboratórios da espiritualidade maior, daquelas energias do seu pai!

Raramente um de nós pode dizer que nunca viveu uma situação em que não dissesse que parecia já tê-la vivido antes. Quantas vezes isso já não aconteceu com vocês?! De vocês estarem num determinado diálogo e dizerem: “Meu Deus, eu já passei por isso! Eu já vi isso acontecer”. Ou então: “Eu já passei por esse lugar” e nunca ter estado lá?!

Tenho uma amiga que nunca havia estado na França. Quando ela chegou em Paris pela primeira vez, assim que saiu do aeroporto, começou a dizer: “Aqui tem isso, bem ali tem aquilo, virando ali tem uma loja que foi fundada há cento e tantos anos...” Falando de lugares que existiram há mais de um século... As pessoas que estavam ali para recepcioná-la ficaram impressionadas, porque ela só se lembrava de lojas que já não existiam mais, de ruas que já não existiam mais; quer dizer: coisas de vida passada! E os espíritos dizem que, quando nós vamos a um lugar que já nos foi muito caro, temos vontade de chorar o tempo todo... nós sentimos uma emoção difícil de controlar... É por isso que, quando nós reconhecemos alguém, temos essas emoções também.

Quantas pessoas nós conhecemos na nossa vida que não

nos causam nenhum impacto! Mas tem aquelas que, quando são apresentadas vêm com um amor imediato ou com uma raiva imediata. Tem rapaz que, quando a moça conhece, faz o chão desaparecer, os joelhos tremerem, a boca ficar seca... Todo mundo diz: “Nossa, fulano não é flor que se cheire, fulano não presta.” E ela já se apaixonou pelo fulano “que não presta”!!! Às vezes nem quer admitir, mas o coração já está assim: tá, tá, tá, tá, tá, tá, tá, tá!!! Na boca!

É porque muitas vezes está ali, do passado, aquela pessoa com quem ela se comprometeu. É claro que, às vezes, dá tudo errado, porque não é dessa vez o caminho que juntos eles têm de trilhar. Mas às vezes dá certo... há a união dos dois seres, há filhos, há um lar equilibrado para compensar o lar destruído de vidas passadas. E esse é o problema do relacionamento entre pais e filhos: porque pai e mãe unem-se, vêm os filhos. Invariavelmente os nossos filhos são as nossas relações de ontem. Ainda que tenhamos nos esquecido, em grande parte, daquilo que aconteceu, até para que nós possamos viver juntos uns dos outros, há no nosso inconsciente ainda o alarme, que soa... e é por isso que nós mergulhamos na carne e vivemos tanto tempo nela.

É impossível que um espírito reencarne e que viva 50, 60, 70 anos num corpo de carne e seu espírito não se enxarque desse corpo. E quando eu falo em se enxarcar, não falo em se enxarcar do corpo em si, mas das vibrações materiais. Isso tanto existe que os espíritos poderiam muito bem pegar todas as almas sofredoras, levar para uma região do plano espiritual, doutriná-las, energizá-las e não se precisaria tomar passe aqui na Terra; não seria preciso trazerem espíritos sofredores para se comunicarem através dos médiuns... No entanto, esse trabalho existe por vários motivos, e há quem diga: “ah, é pra gente, que é encarnado, poder trabalhar”. Mas, não só isso! A maioria dos espíritos sofredores ainda está muito enxarcada das necessidades e energias daquilo que foi o seu corpo, a sua matéria. Por isso eles se sentem

tão realizados ao perseguirem alguém. Não só porque eles sejam maus, ou porque têm um problema com aquela pessoa de outras vidas, mas, porque vivem, necessitam de uma simbiose, de uma troca com a energia da matéria que os encarnados ainda têm. Por isso é preciso o tratamento da influência espiritual negativa, porque chega um momento em que ela se traduz em cansaço, fraqueza e doença para o encarnado. Ele começa a ficar doente periodicamente: volta e meia está se consultando num médico. Isso é muitas vezes causado pela troca de energia com espíritos sofredores que estão sugando energias que o encarnado não está repondo com positivismo ou com tratamento, com uma vida enfim cada vez mais equilibrada.

Inclusive há casos tão sérios de obsessão, em que o espírito obsessor está há tanto tempo trocando energias com a pessoa encarnada, que, nas salas de tratamento, a pessoa vem mas não é desligada do obsessor dela, porque, se for desligada, pode cair desmaiada! Se desligar, ela pode ir para um hospital ser internada, sem ninguém diagnosticar o que ela tem! É a falta da energia do obsessor: há uma troca, por tanto tempo, da energia de um com a do outro, que é como se se extirpasse um órgão vital. E isso é muito sério, porque estamos mergulhados em energia: trocamos energia o tempo inteiro – por telefone, pessoalmente, no beijo, no abraço, no aperto de mão, no relacionamento sexual, em toda parte, a toda hora. Nós estamos mergulhados em energia, em vibrações, e as trocamos: doamos e recebemos. E, é claro, pela nossa vibração, pela maneira como nós encaramos a vida é que vamos escolher as vibrações que nos afetem. Isso existe mesmo e o nosso corpo físico obedece também a essas leis.

Na época de seca, em Brasília, os espíritos dizem-nos que temos de ter muito equilíbrio emocional. Os médicos falam que nós temos de beber muita água, comer alimentos suaves, leves, não abusar de gorduras, de frituras... mas nós temos também de fazer uma dieta dos nossos pensamentos,

nessa época principalmente, porque os espíritos dizem-nos que nesse período em que fica muito seco, fica muito pesado o ar, não é só a rinite alérgica, a bronquite que aparecem: o assédio espiritual também.

Porque, segundo os espíritos, as regiões de sofrimento espiritual inferior são muito semelhantes – ficam muito parecidas – com o nosso cerrado: são aquelas árvores retorcidas, é aquele ar difícil de respirar, aquele cheiro de – graças a Deus lá é muito mais difícil – de enxofre... Engraçado é que na novela *A viagem* eles colocaram um Umbral até sutil, não é? Ficou uma coisa plástica, bonita... Porque quem leu *Memórias de um suicida* sabe que há muito além de tudo aquilo o que apareceu na novela - aliás não apareceu quase nada na novela... Eles optaram por uma coisa assim mais de Dante, mais de *A divina comédia* do que propriamente do *Livro dos espíritos*.

Vejam vocês: as pessoas, infelizmente, malgrado a tecnologia que o mundo alcançou, continuam com as mesmas angústias, desde que o mundo é mundo. Por isso nós ainda trazemos tanto do nosso passado.

Por que é que, às vezes, temos um filho que segue a carreira militar, por exemplo, para a nossa surpresa, quando todos os amigos dele estão fugindo da carreira militar? Quem foi militar em muitas encarnações, não deixa de ser de um dia para o outro, não!

É óbvio que, no futuro, os chamados militares assumirão uma outra proporção, porque nós não precisaremos mais nos defender dos outros, porque os outros não nos causarão tanto medo quanto nós mesmos vamos causar medo a nós.

A Chico Xavier certa vez perguntaram:

- Chico, você tem medo de alguma coisa?

Ele disse:

- Eu tenho pavor.

- De quê, Chico?

Ele respondeu:

- Da fera que vive dentro de mim.

E é isso mesmo. Nós temos de ter medo não é de que os outros países nos invadam, mas de que nós possamos acabar invadindo o espaço do outro, deixando de lado o respeito ao outro e comecemos a fazer aquilo que não é correto. Mas, enquanto esse dia não chega, há pessoas que se identificam e são valorosos colaboradores dentro da área militar. Da área militar e de outras áreas!

Tudo isso não significa que utilizemos o atavismo como uma desculpa: "Ah, eu ia parar de beber, mas li um livro em que a autora disse que não dá para parar de beber assim, de uma encarnação para outra, porque é uma coisa atávica! Então, nessa vida, eu vou ter de continuar bebendo, na próxima eu vou deixando devagar..."

Não!!!

Certas coisas, embora, sim, sejam um vício atávico, precisam de uma solução imediata! Porque tem gente que diz assim: "Ah, meu avô fumou até os cem anos, morreu com cem anos"; "Meu avô bebia pra burro e morreu velhinho..." Não interessa!!!

Numa próxima existência, aquele avô velhinho que bebeu até morrer, e que morreu velhinho, vai ser a criança com cirrose hepática desde o berço. Vai ser a criança com câncer nas vias respiratórias desde o berço, porque fumou até morrer. E não adianta, porque nós estamos nessa vida numa corrigenda para a nossa próxima vida. Então, sem dúvida nenhuma, se hoje você tiver uma velhice produtiva, ativa, feliz, você será a criança de amanhã que vai se alfabetizar cedo, que vai começar a falar muito cedo. Por quê? Porque na velhice da vida anterior você viveu plenamente: você foi amado pelos seus familiares, você se sentiu aceito pela sociedade. Vejam como, de uma vida para a outra, embora haja um novo corpo, aquele espírito eterno traz no seu bojo todas as lembranças, todas as experiências vividas até o seu último dia de existência anterior.

Uma senhora foi procurar Chico Xavier certa vez. Ela tinha pânico de morrer e ser enterrada. Então ela não conseguia se imaginar sendo enterrada, mas pensava nisso diariamente! Ou seja, era uma coisa da qual ela tinha pavor e, ao mesmo tempo, era um processo de obsessão para ela. Ela diariamente pensava na morte, mentalizava o velório... mentalizava o caixão descendo e ela ali, sendo enterrada... e não se conformava! Então ela saía correndo, tinha crises de choro; era uma coisa terrível... E Emmanuel disse a Chico: “Esta senhora foi enterrada viva numa das suas últimas encarnações...e, quando ela acordou, estava enterrada, embaixo da terra; ela, antes de morrer, desesperada – porque morreu, claro, asfixiada lá embaixo – alucinada de fome, comeu a própria mão.

Vocês já imaginaram? Vocês acham que um espírito esquece uma coisa dessas??? Acordar debaixo da terra, quando não adianta gritar? É uma coisa seríssima; e tem gente que tem certos pavores, às vezes nos conta seus medos e a gente diz: “Ah, que besteira, que frescura!...” Não! Tem de respeitar: porque os nossos grandes medos vêm de experiências assim.

“Fulano tem pavor de cobra”. Tem gente que tem pavor mesmo, verdadeira fobia. E vai saber por que!

Os espíritos contam que, antigamente, os hindus matavam os ladrões e as prostitutas assim: jogavam as pessoas num fosso cheio de cobras. Agora vocês já imaginaram o trabalho que os espíritos tinham para recuperar esse espírito?! A pessoa ficava louca nos instantes que antecediam o momento da morte! Era uma dificuldade para a espiritualidade tirar o espírito dali, convencê-lo de que os animais, as cobras, não estavam mais lá, que o corpo já tinha perecido. E isso é muito sério.

Assim como também na Índia, até há pouquíssimo tempo, quando morria o homem da família, a cidade inteira, a rua, os vizinhos, faziam uma grande fogueira e a viúva tinha

de entrar nela e morrer ali, para provar para a sociedade que amava o marido. Já imaginaram?! Já imaginaram uma mulher sendo obrigada pela sociedade, pelos costumes, pela vizinhança, a se imolar no fogo? Vejam vocês que, até por ignorância de determinadas épocas, nós trazemos em nós muitos traumas que, às vezes, a psicologia alivia, a psiquiatria explica, mas ambas não solucionam, porque grande parte das ciências psíquicas ainda não aceitam a realidade do espírito. E, enquanto não aceitarem, sempre haverá limitação, tanto para a medicina da Terra quanto para a psiquiatria, para a psicologia, embora todas sejam ciências altamente respeitáveis e necessárias para o nosso equilíbrio das horas de agora, dos dias que estamos vivendo, de estarmos mergulhados num corpo físico.

No dia em que essas ciências admitirem a realidade espiritual, quantas soluções não existirão para problemas aparentemente sem solução? Todo caso, mesmo aqueles aparentemente sem soluções, encontrará alívio e até cura.

Quando você se permite ser obsediado, não está bem. Quando você está vibrando positivamente, quando você está bem com todo mundo, é praticamente impossível passar por um processo de obsessão. Para que um espírito sofredor se aproxime de nós, ou estamos desanimados há muito tempo ou estamos sem esperança nenhuma ou estamos muito tristes, amargurados.

Em muito o atavismo do nosso passado está presente nas conversas menos dignas, nas tentações, naquilo que de vez em quando pensamos que gostaríamos de fazer de errado – e que até faríamos, se pudéssemos fazer escondido, sem ninguém descobrir – e nas inclinações que, surpresos, descobrimos que ainda temos, nos momentos assim mais complicados da nossa vida: na fofoca, na maledicência, nas falhas que já foram nossas no dia-a-dia em vidas que se foram e que ainda se apresentam hoje e se-nos-repercutem, para que nós possamos escolher um outro tipo de energia,

mais positiva.

Vamos fazer o bem, ajudando a quem precisa. Ajudando mesmo, de todas as formas, para podermos construir em nós um homem novo e, no dia em que nós desencarnarmos, a nossa faixa vibratória será muito diferente da faixa em que estávamos quando reencarnamos nessa atual existência. Pensemos nisso! Que nós possamos, ao longo de toda a nossa existência, fazer todo o bem ao outro, doando ao outro o melhor de nós, na certeza de que a vida saberá nos devolver isso, da forma mais sábia possível, e que aquilo que é atávico, vai se transformar, vai se modificar em luzes, em bênçãos, que nos acompanharão além desta vida, na vida mais alta que nos espera.



Falar sobre cotidiano é muito bom. Nós nos envolvemos muito em nosso cotidiano. Por exemplo: tem gente que vem a mim e diz: “Eu sonhei que assistia a uma palestra sua...” e os espíritos comentam que no meio das semanas as pessoas se encontram mesmo! Às vezes nos mesmos lugares físicos a que estão habituadas, só que no plano espiritual, fora do corpo de carne. Juntamente com os nossos irmãos desencarnados, vamos aprendendo todos juntos, e aí podemos até assistir a palestras de um doutor Bezerra de Menezes, de um doutor Dias da Cruz... juntamente com a plêiade de espíritos que nos acompanha.

Vamos falar então acerca da aplicação da Doutrina Espírita na nossa vida prática, o que é a coisa mais difícil do mundo. Porque todo mundo nos cobra. Os colegas de trabalho já dizem: “Ah, você é espírita, fulano? Então você não pode isso, não pode aquilo, não pode chorar, não pode rir, não pode...” Ou, ultimamente, nesse governo, aí é que está mais complicado: porque algo acontece e já cutucam logo o espírita: “Ah, é carma, não é?!” “Vocês, espíritas, não dizem que a gente tem de sofrer, tem de passar por essas coisas porque é carma?!” E por aí vai...

No entanto, nós, que estamos dentro da Doutrina Espírita, que estudamos a Doutrina Espírita, que nos reciclamos, entendemos que o carma, como os nossos amigos hindus o consideravam, na realidade pode ser perfeitamente modificável.

Há cerca de sessenta anos, quando ainda não se tinha

tanta literatura espírita, os próprios espíritas consideravam que o carma determinava a nossa vida, os acontecimentos da nossa vida, e não podia ser modificado. Hoje sabemos: isso, de forma nenhuma!

Porque sabemos que, com o amadurecimento da humanidade e dos próprios espíritas, os espíritos foram trazendo, principalmente através da mediunidade de Chico Xavier, a informação de que todos os dias nós estamos modificando o nosso carma, estamos escrevendo ou reescrevendo a nossa própria história, tornando, portanto, altamente responsável a nossa atitude. Quanto mais estudamos a Doutrina Espírita mais percebemos que é preciso amar, sim, mas amar sabendo por que, para quê.

Eu sou de família espírita e, quando menina, tinha medo de ser espírita, porque achava que ia amar Jesus menos se estudasse!

Espiritismo no nosso cotidiano é isso: às vezes amigos

meus passarem por grandes problemas e eu vou perguntar para os espíritos: “Mas por que fulano está passando por isso?” E os espíritos sempre me dizem: “Minha filha, se ele está passando por isso é porque é um processo de luta para ele, um processo que vai redundar em benefício, em equilíbrio, em evolução”. Às vezes passamos por coisas horríveis, por sofrimentos muito grandes, mas os espíritos sempre consideram a possibilidade do nosso progresso espiritual.

Entretanto a gente tem de discernir: às vezes as pessoas queixam-se tanto e nós, como espíritos, dizemos: “É porque você deve estar resgatando alguma coisa”. Mas se nós formos conhecer a vida da pessoa a fundo, muitas vezes veremos que nessa mesma vida ela semeou as incompreensões e os problemas que está colhendo agora. Não precisa esperar outra encarnação para se resgatarem algumas coisas; nesta vida mesmo as coisas acontecem!

Talvez o momento mais difícil, ao sermos espíritos, é quando amamos alguém, esse alguém não nos ama e diz: “Eu vou embora”. Esse é um momento difícil, em que, como espíritos, sabemos que não adianta reter ninguém ao nosso lado.

Há uma música do Milton Nascimento, lindíssima, que assim diz: “Se um dia você for embora, não pense em mim, que eu não te quero meu, eu te quero seu. Se um dia você for embora, vá lentamente, como o dia que amanhece sem que a gente saiba exatamente como aconteceu. Se, por acaso, você um dia for embora, ria se seu coração pedir, chore se seu coração mandar, mas não esconda nada, porque nada se esconde. Se, por acaso, um dia você for embora, leve o menino

que você é". E vocês sabem o que eu descobri, analisando alguns casamentos que conheço? Que, muitas vezes, a pessoa sabe que não é feliz, o outro também não é feliz, mas querem continuar naquela infelicidade de qualquer maneira. E às vezes um dos dois ainda vai para o centro espírita e diz: "É carma! Eu tenho de agüentar até o fim, porque é carma e eu vou até o fim."

Por que a nossa vida tem de ser ruim? Onde está escrito que a nossa vida não tem de ter qualidade, alegria, entusiasmo, beleza? Porque somos espíritas? Porque estamos resgatando débitos? Não, de jeito nenhum!!!

Outra frase que eu já ouvi espírita dizer: "Eu e meu marido já sublimamos o nosso casamento: há dez anos eu durmo num quarto ele em outro, somos irmãos, é tão lindo!" Aí deve haver alguma coisa errada! Marido e mulher não podem virar irmãos, porque o relacionamento afetivo implica numa parceria em níveis físico, psicológico, emocional. Se começamos a omitir coisa do outro, então fica difícil.

A mulher sempre se casa apaixonada, mesmo quando diz que não gosta, ela sempre se casa apaixonada! O homem pode se casar por vários motivos, mas a mulher... não tem jeito! Mas, quando o homem se casa apaixonado... é uma parada. Porque homem apaixonado é lindo! É tão lindo ver aqueles velhinhos, oitenta anos, cinqüenta de casamento, sessenta de casamento. Como é que alguém vive sessenta anos ao lado de outra pessoa, não é? E vive feliz!

Noutro dia tinha um casal de velhinhos sendo entrevistados na televisão: ele, olhando para ela, sessenta anos de casamento, e dizendo "Ela é minha namorada até hoje, quem é que tem os olhos azuis como os dela?" Então eu falei: "Meu Deus, ainda existem almas assim, almas que se respeitam e se amam tão intensamente que os anos passam, mas a casa fica edificada sobre a rocha". Se você se unir a alguém e ainda quiser curtir milhões de coisas e não pensar em amor para a vida toda, não tenha filhos, opte por não

colocar filhos no mundo, porque não vai dar certo. Filhos implicam em compromisso. E, na maioria das separações, acabam ficando com a mãe. Às vezes a mãe não tem a mínima afinidade com o filho, mas, na hora de escolher, o filho diz: “Eu quero a minha mãe querida” e a mãe sai levando o menino. Segundo a lei brasileira, a mãe é sempre a pessoa ideal para ficar com a criança.

No lar das crianças da Comunhão Espírita, onde nós temos sessenta crianças abrigadas, já enfrentamos muitos problemas devido a essa legislação, de mães prostitutas irem buscar alguma criança, com ordem do juiz, e nós termos sido obrigados a entregar a ela. Para a justiça brasileira, infelizmente, a mãe pode não ter a mínima condição, mas é mãe, e pode levar a criança embora. Às vezes os espíritos querem nos confortar, porque é duro estar fazendo a mala de uma criança, colocando lá dentro a mamadeira e tentando explicar quantas vezes a criança come por dia, e ver a mãe debochando, dizendo que ela vai comer ratazana, porque é só o que ela tem no barraco dela... Nesses momentos, às vezes vem o conforto espiritual: “Minhas filhas, aqui o nosso irmãozinho fez um estágio de amor que o sustentará ao longo das lutas que ele vai ter de atravessar”.

Certa vez li no jornal a história de um menino de dezessete anos que se tornou trapezista de circo. Ele era um menino de rua, foi apoiado pela dona do espaço onde trabalhava e se tornou um ótimo trapezista. Ele contava, vejam vocês, que há seis anos estava na rua e dormia numa rodoviária. E contava também que tinha tanta vergonha de dormir na rua que se deitava nos paralelepípedos somente às três horas da manhã, porque nesse horário não tinha mais movimento nenhum, e, antes de amanhecer o dia, ele acordava, para que as primeiras pessoas que ali passassem não o vissem dormindo nos paralelepípedos. Mesmo assim, às vezes, a gente rotula as pessoas que estão na rua, dizendo: “São crianças que fugiram de casa, são crianças que não têm

vergonha, são crianças ladras” e, no entanto, há almas com nobres sentimentos, como esse menino. Nós temos uma dívida social muito grande que, se Deus permitir, a nossa geração e as futuras hão de resgatar. Porque não está no carma de ninguém cheirar cola pra enganar a fome, não está no carma de ninguém fugir de casa porque o padraço maltrata...

Carma não é bem isso que nós estamos imaginando: a única coisa que nós não podemos modificar é o amor que Deus tem por nós; o resto nós podemos modificar.

Há anos Emmanuel disse que o homem chegaria ao espaço pleno, visitaria todos os planetas e ali construiria cidades, que o homem desceria ao mais profundo dos abismos dos mares e dali retiraria alimento para matar a fome de toda a humanidade, que alcançaria as estrelas, mas que jamais conseguiria mudar as leis de Deus e viver sem amor. Pensemos em quantas pessoas estão vivendo junto de nós à míngua do nosso amor! Pensemos se nós mesmos, às vezes, também estamos sem gostar de nós, sem amar o outro, sem respeitá-lo, sem admirá-lo; pensemos se estamos nos omitindo, porque “não temos nada a ver” com a vida dos outros, embora possamos sempre dar uma palavra nobre que incentive e que faça alguém ter uma nova vida.

Às vezes estamos no meio de uma discussão, as pessoas só falando barbaridades, todo mundo pessimista, e percebemos que podemos dar uma contribuição positiva. Nessas situações, muitas vezes são os espíritos que ali estão a nos incentivar.

Eu me lembro que, há pouco tempo, indo ao mercado, na hora em que eu vi quanto tinha dado a conta das compras que eu tinha feito, fiz um discurso para a caixa: “Pois é. Veja você que tem gente que vive de salário mínimo. Eu não estou levando nada, aqui não tem carne, não tem verdura... meu Deus, o que é que tem aqui?!” Aí levei uma baita bronca dos espíritos, porque eles me mostraram a fila de gente que estava atrás de mim, levando menos coisa do que eu! Os espíritos

disseram: “Nós somos responsáveis pelas palavras que saem de nós”. Emmanuel já nos disse que existe um caminho que a palavra faz até chegar à boca perfeitamente controlável... Nós temos vontade de fazer e de falar um monte de coisas, mas daí a colocarmos em prática... De preferência que não o consigamos naquilo que for nocivo, no que for menos digno. Nós temos o pudor de perceber que determinadas coisas não são boas.

Felizes de nós no dia em que, para nós, ser espírita significar fazer apenas o bem, seja a quem for, como diz Casimiro Cunha; significar ser clemente para com todos, ter uma vida feliz, porque faremos os outros felizes; for fazer da nossa casa um ponto de apoio para os jovens amigos de nossos filhos, para os amigos de nosso esposo ou de nossa companheira, que irão até lá para desabafarem suas dificuldades, mas que sairão sempre com uma palavra nobre.

Às vezes nós temos vergonha quando chega alguém na nossa casa e é hora do evangelho: “Ah, hoje a gente não faz porque fulano está aqui nos visitando...” e o espírito mentor do visitante fez de tudo para ele chegar na hora do evangelho na nossa casa, que era para ele participar da leitura, da prece! Tenhamos a certeza absoluta de que, se o conhecimento espírita veio à nossa vida, até porque aprendemos na doutrina que o acaso não existe, foi para que a nossa alma, desperta com as realidades espirituais, procurasse, não os caminhos mais fáceis, mas os mais tortuosos; foi para que entendêssemos que, às vezes, aquele filho que nós mais amamos é o filho que não veio para ser feliz na Terra. Às vezes para aquele filho a quem nós sonhamos um futuro de doutor, na humildade, nas dificuldades é que encontrará o seu destino. Às vezes escravizado a uma enfermidade renitente é que ele vai ser feliz, mesmo que nós pensemos que não. Ser espírita também é isso, é ter essa compreensão de que tudo que vem à nossa vida pode ser modificado para melhor; e se nos encontramos

naquilo que não pode ser modificado, então aí, sim, reside um compromisso com o nosso passado que nós temos de atravessar com amor, com compreensão, com bondade.

Vejam: há momentos em que a pessoa enlouquece, perde a noção do limite. Dona Maria Modesto, a grande espírita que fundou o Sanatório Espírita de Uberaba, foi uma pessoa extraordinária, sempre com uma mediunidade incrível. Ela tinha tuberculose, aliás, tinha câncer nos dois pulmões, mas os espíritos diziam aos familiares: “Ela não vai morrer tão cedo porque ainda tem compromissos a realizar”. Pois bem: ela tinha um marido difícil, um homem de posses, mas que não admitia uma torneira dentro de casa e a fazia buscar num poço longe a água que trazia nas costas. O espiritismo, ali, era vivido diariamente, porque ela não se deixava abater, sabendo, como sabia, que o marido vivia um processo de influência espiritual muito grande.

Dona Maria Modesto ficou casada com seu esposo por quase quarenta anos, mas houve um dia em que ela lhe disse: “Agora o nosso compromisso está terminado”, porque ele ficou quase louco e começou a agredi-la fisicamente. Então ela lhe disse: “Eu vou morar no Sanatório Espírita de Uberaba, com os loucos, e a nossa missão de marido e mulher está aqui concluída”. E se foi. Estava ali findo o compromisso. Até há poucos anos, quando vinha aos trabalhos de cura da nossa casa, ela entrava acompanhada pelo dr. Bezerra de Menezes e com o esposo, ainda numa cadeira de rodas, tantos anos depois do seu desencarne.

Aprendamos a ser construtores do nosso próprio destino, não deixemos que ninguém nos desanime, porque o desânimo é o câncer da alma, os espíritos nos dizem. Ele vai como que nos corroendo diariamente, e é tão triste você amanhecer, suspirar e pensar tristonho: “Ah, meu Deus! O que é que eu vou fazer desse dia que está começando?” É triste demais. Nós temos de ter como primeiro pensamento, em todas as manhãs, que aquele dia será um dia de muitas



realizações espirituais, que nós vamos conseguir aquilo que for do nosso merecimento e vamos fazer por merecer, porque vamos modificar a nossa vida nas mínimas coisas.

Quando Kardec, desanimado, viu todos os amigos do primeiro momento, que adoravam a sua tarefa e que falavam da beleza da vida além da morte, irem aos jornais dizerem que era tudo mentira, que Kardec era um mentiroso, ele quase desanimou, mas se lembrou de que as idéias que vêm do alto permanecem.

David Nasser, o grande jornalista da revista *O Cruzeiro*, no fim da sua vida dizia: “O maior remorso que eu tenho na minha vida foi do momento em que estive com Chico Xavier.”

Quando jovem, David Nasser foi até Pedro Leopoldo, entrevistou Chico, fotografou Chico sentado na beirada da banheira de sua casa e disse, numa manchete da revista: “Chico Xavier recebe os espíritos até tomando banho”. Aquilo deu uma repercussão no Brasil inteiro e Chico foi vilipendiado, principalmente pelos espíritas. Acontece que David Nasser e o amigo que fora com ele até lá se fizeram passar por fotógrafos americanos. Só falavam em inglês e diziam que tinham vindo dos Estados Unidos para entrevistar Chico Xavier e saber sobre a sua mediunidade. Só que três dias depois de ter publicado a reportagem, David Nasser lembrou-se de ler a dedicatória que Chico Xavier havia feito num livro que lhe havia dado. Ao abrir a dedicatória, ele, que havia passado todo o tempo na casa de Chico, com um pseudônimo, pôde ler: “Ao estimado amigo David Nasser as bênçãos e luzes de todos nós, os vossos amigos do plano espiritual. Emmanuel.” E, no final da vida, corroído pela doença, David Nasser dizia: “Meu maior remorso é Chico Xavier. Meu maior remorso foi ter feito com ele o que eu fiz”. Entretanto, nós sabemos que os espíritos não impedem que certas coisas aconteçam com as pessoas que só fazem o bem justamente para que elas sempre façam um bem maior.

Uma semana depois de desencarnada, Irmã Dulce falou ao doutor Bezerra de Menezes: “Eu quero trabalhar”. E conta Emmanuel que o doutor Bezerra disse a ela: “Mas, Irmã Dulce, a senhora trabalhou a vida inteira, tem só uma semana que a senhora deixou aquele corpo tão doente...” “Ah! Mas o senhor sabe, eu me acostumei tanto que tenho de fazer alguma coisa. Será que não tem nenhum serviço que ninguém queira, para eu fazer do lado de cá?!” E, quando o doutor Bezerra abriu um pátio lotado de crianças que haviam desencarnado nas ruas, Irmã Dulce correu para abraçá-las e reencontrou, no mundo espiritual, o seu destino, o de ser mãe de todos aqueles que não têm mãe.

Não duvidemos de que no mundo espiritual nós recontaremos a nossa história e vamos continuar a fazer, se Deus quiser, as coisas boas que já fazíamos aqui. O nosso despertar na pátria dos espíritos, a pátria de todos nós, não trará inseguranças, tremores nem lágrimas, porque nós apenas vamos reencontrar lá os nossos maiores e queridos amigos e vamos continuar a fazer todo o bem que nós já estamos fazendo aqui neste mundo. Pensemos nisso!

Vamos ter juízo, porque os anos que estão chegando são anos de definição para todos nós, são anos em que nós vamos ter de passar por determinadas provas e o que vai nos tornar diferentes uns dos outros será a forma como nós ultrapassaremos as mesmas dificuldades. Peçamos a Deus, todos os dias, luzes, bênçãos, saúde física e, principalmente, espiritual, além de muita alegria, porque é preciso sermos alegres, e ninguém tem mais motivo para ser alegre do que aquele que acredita que não morre nunca, que está sempre junto de quem ama no rumo do infinito e que ninguém, nunca, vai lhe roubar nada, porque, na verdade, tudo é empréstimo; só o que é nosso é o que está guardado em nosso coração; e o que está guardado em nosso coração é aquilo que nós doamos ao coração dos outros. Combinado?

Nosso tema agora é Drogas e obsessão. Na verdade, todos os vícios que nós podemos ter estão sempre relacionados com uma influência espiritual poderosa e negativa sobre as nossas vidas.

Diz-se muito hoje em dia: “Ah, foi a televisão que trouxe a droga pra dentro de casa...” Mas sempre existiram pessoas viciadas em todas as épocas da humanidade! Determinadas drogas, é claro, ficaram mais popularizadas ou conhecidas, de vinte, trinta anos para cá. Mas sempre existiram em todas as épocas aquelas pessoas que, não conseguindo aceitar a realidade das suas vidas e que, não tendo condições emocionais de modificar as suas vidas, optaram pelo esquecimento, a breve loucura dos vícios que, de alguma forma, levam por alguns momentos a um mundo aparentemente perfeito. Isso é tão sério que hoje já se questiona, de uma geração para cá, acerca dos próprios remédios que utilizamos, tantos deles verdadeiras drogas também.

Ainda noutro dia um deputado estava na televisão falando acerca da não obrigatoriedade da lei que ele mesmo implantou, a do problema da cola de sapateiro. Segundo a lei que ele tentou implantar, era preciso, ao se dirigir a uma loja especializada em colas, provar, através de um documento, que se era sapateiro, e apenas a pessoa adulta poderia adquirir a cola, para evitar que crianças que vivem nas ruas fizessem uso da química. Entretanto, muitos sapateiros começaram a comprar o vidro da cola, tirar uma parte para o seu uso profissional e vender a outra parte para as crianças de rua.

Assim, o vício se alastra.

Em Brasília, quem toma ônibus sabe: é impressionante o número de crianças, já pela manhã, sob o efeito da cola de sapateiro. E é muito fácil até falar: “Nossa, coitado do menino viciado” Entretanto, a cola de sapateiro é utilizada pelas crianças de rua para enganarem a fome. Com a cola, vem a sensação agradável de bem-estar e, principalmente, não se sente fome. Mas, em compensação, morre-se. Porque a cola resseca tudo por dentro; aquilo explode o pulmão em pouco tempo e, por isso, tantas crianças morrem vítimas da cola de sapateiro. São crianças mesmo, porque, ainda noutro dia, às 11 horas da manhã, tomando ônibus aqui em Brasília na rodoviária, eu tive a oportunidade de ver um menino que não tinha mais que 9 anos completamente envolvido pela cola, a ponto de não estar enxergando nada, tamanha a quantidade do produto que ele havia aspirado. Dois amigos ajudavam-no a chegar até próximo a uma pilastra. Foi uma cena tremendamente infeliz.

Nas ruas, as crianças que não voltam para casa nunca, estão sujeitas à cola, ao crack. O crack é uma droga barata, uma mistura de uma porção de coisas ruins, até de caco de vidro, mas fácil de ser adquirida; então as pessoas de menor poder aquisitivo acabam se viciando.

Os livros psicografados trazem vários relatos, principalmente os psicografados por Luís Sérgio, de jovens, principalmente jovens, que, viciados, não conseguiram superar o problema da droga através de tratamentos os mais variados e retornaram ao mundo espiritual ainda presos não só pela necessidade de drogarem-se mas também pelo processo obsessivo que viveram.

Nas chamadas crises das pessoas viciadas, quando elas chegam a ter até ataques epiléticos, tamanho o nível de química em seus organismos, quando elas caem no chão, nunca estão sozinhas. Aquele ataque epilético causado pela droga, geralmente, é um abraço enorme da entidade

## *Drogas e obsessão*

sofredora ou das entidades sofredoras que se utilizam da pessoa para também fazerem uso das drogas.

É impressionante notar, nos relatos dos espíritos, como cada vez mais as pessoas que se drogam são mais jovens. Aos 12, 13, 14 anos já acontece freqüentemente de vir alguém e oferecer, nas festinhas, a droga.

Há pouco tempo um menino de nove anos veio com a mãe à nossa casa espírita e disse que queria falar comigo. Quando eu fui conversar com ele, então ele me disse: “Vou falar só com você, porque eu não quero que minha mãe escute”. E me contou que um colega, um ano mais velho que ele, portanto com dez anos, o havia levado até um banheiro e oferecido cocaína, que tinha pegado da casa do pai. Começa por aí um problema sério de educação: se você tem um determinado tipo de vício, como é que você vai dizer a seus filhos que aquilo faz mal, que aquilo não pode? É o caso do fumante que diz para os filhos: “Não fume! Olhe o meu exemplo, olhe o meu caso! Eu fumo e vivo doente”. Ora! Então pare de fumar! Porque esse é o grande exemplo.

Costuma-se dizer que os artistas, que os gênios, sempre se utilizaram das drogas porque têm uma grande sensibilidade, porque a percepção deles precisa ser muito maior, e a droga desenvolve a percepção. Nas décadas de 50 e 60 artistas e até intelectuais afirmavam que o LSD levava as pessoas a mundos extraordinários, de onde se podia trazer coisas maravilhosas para a humanidade. Ou seja, as trevas trabalharam bem! Muita gente se drogou imaginando atingir esse céu que nunca existiu. Os próprios espíritos amigos, nas orientações, dizem que toda aquela geração da década de

60, que falava de paz, de amor, que era contra a guerra, na verdade tinha uma inspiração espiritual. Foram almas que vieram à Terra com a missão de, depois da segunda grande guerra, trazerem ao mundo uma nova noção de equilíbrio e de paz; entretanto, as trevas também trabalharam e conseguiram atingir aquela geração através das drogas e do sexo sem compromisso afetivo, duas coisas que levam, sem dúvida, à destruição. E foi aí que os jovens começaram a enlouquecer, a se suicidar, muita gente jamais se recuperou...

Todo vício, seja o álcool, sejam as drogas, sejam os remédios nos quais às vezes nos viciamos profundamente – aqueles para acordar, aqueles para dormir, aqueles para comer, aqueles para parar de comer – têm efeitos deletérios sobre o nosso organismo.

Com relação aos medicamentos, os espíritos vêem a coisa de uma forma tão diferente que dizem que cada comprimido que vamos tomar para uma dor de cabeça, para uma dor de estômago, devemos colocar na palma da mão e mentalizar que aquilo é uma gota de saúde, de luz. E, quando estivermos tomando o remédio, devemos pensar que aquilo vai refazer o nosso organismo, vai trazer saúde. Os remédios que estão na Terra têm a permissão de Deus para existir.

Muita gente que tem problema de vício diz: “Ah! Eu tentei largar mas me deu uma coisa!” Ora, essa coisa não é só o nosso corpo físico pedindo a droga, é, principalmente, o grupo de espíritos sofredores que quer continuar nos utilizando. Porque, como eles estão desencarnados, precisam de um encarnado para sentirem novamente a idéia do vício, aquela sensação quase física mesmo de que estão se drogando. E aí é que complica, porque é fácil às vezes convencer a pessoa a deixar o vício, mas convencer quem está em torno, as almas sofredoras, é que é difícil! Por isso é quase impossível que, sem um tratamento espiritual, o viciado se recupere.

Os espíritos contam muito bem que há determinadas lesões que afetam o corpo de carne e afetam também o

corpo espiritual e que a pessoa que se droga mata células perispirituais; quando ela desencarna, quando sai do corpo, chega a ter verdadeiros buracos no seu perispírito. Então os jovens que foram viciados por muitos anos em drogas pesadas às vezes têm um verdadeiro buraco na altura do estômago, do intestino, porque conseguiram destruir, na sua área perispiritual, toda essa parte, tamanha a digestão de drogas as mais violentas que eles realizaram.

A verdade é que a pessoa realmente viciada não vive por muito tempo e é uma mentira dizer: “Amanhã, se eu quiser, eu paro”. Isso não existe! Até por causa dessa obsessão, dessa influência espiritual tão forte sobre aquele que se droga. Também quando a alma não quer, não adianta, porque ela não se livra das drogas. É preciso que a alma às vezes passe por humilhações, por padecimentos, por vergonhas terríveis, para que ela se conscientize de que precisa deixar realmente as drogas, mesmo que seja muito difícil.

É muito sério o problema da droga porque ele é enorme na nossa sociedade e nós ainda fingimos, em muitos casos, que ele não existe ou, se existe, só vai atrair o filho do vizinho, mas não o nosso. Mas nós temos de conversar com nossos filhos sobre isso! Você percebe que essa geração mais jovem, essa que hoje está com 7 até 11, 12 anos, já tem uma outra noção, já acha uma perda de tempo se drogar, já recebe até na própria escola determinadas informações nas aulas de ciências, de biologia, que mostram que a droga só causa prejuízo, só tira a razão das pessoas – e não há nada mais sublime que a nossa razão, porque ela é uma parte de Deus que está dentro de nós. É um absurdo, uma ignorância que as pessoas deixem a razão nas mãos dos vícios, daquilo que lhes veta completamente o raciocínio e que as faz magoar profundamente aos outros e a elas mesmas.

Não é vergonha nenhuma dizer: “Eu sou viciado, preciso de ajuda e tenho de sair dessa”.

Os espíritos amigos nos dizem que é longa, lenta, a

recuperação além da morte daqueles que se contaminaram em vida. Ora, se para se descontaminar o perispírito de um fumante, que fumou um maço de cigarros por dia durante vinte anos, Emmanuel diz que não são necessários menos do que onze anos no mundo espiritual, imaginem o que não faz a droga, que é algo muito mais pesado que o cigarro! Queremos lembrar que o processo de influência espiritual negativa, chamado obsessão, acompanha sempre a criatura que se vicia em determinada coisa até que ela perca a sua razão, desconheça os seus limites, acabe com a sua saúde e com a harmonia familiar. Até que ela fique absolutamente sozinha e que, sentindo-se sozinha, se vicie ainda mais.

Um grande historiador, um grande jornalista americano, tinha um filho que ele nunca tinha tempo de ver, porque tinha de viajar muito, cumprindo as pautas jornalísticas que lhe eram confiadas. O filho, várias vezes, tentava conversar com o pai, mas dificilmente conseguia, porque estavam sempre muito afastados um do outro. Um dia esse jornalista recebe uma notícia tremenda: o filho fora encontrado, num quarto de hotel, morto, por overdose de drogas. Era um rapaz de 19 anos, e o pai, enlouquecido, pois era seu filho único, deixou em meio todas as tarefas que tinha e retornou aos Estados Unidos. Conseguiu a chave do apartamento onde o filho morava e, para sua surpresa, encontrou naquele apartamento uma pilha enorme de cartões postais que o filho nunca lhe havia mandado. Ele então colocou no chão aqueles cartões postais e viu, ali, a caminhada que o filho fizera até a destruição. O filho nunca sabia onde o pai estava, então não mandava os cartões. Ele então chora ao ler: “Meu pai, aqui estou eu, sozinho, eu precisava tanto falar com você para me libertar da droga, mas eu não encontro você, não sei onde você está” E num outro cartão: “Meu pai, é Natal e eu não sei onde te encontrar. Estou aqui sozinho; a senhoria do hotel trouxe-me um pedaço do bolo da casa dela e eu chorei, comendo aquele pedaço de bolo e pensando: ‘será que eu



não vou encontrar ninguém que me ajude?” Esse pai ficou enlouquecido, porque percebeu que, embora a fama que em todos os Estados Unidos ele tinha, não havia conseguido ser amigo do próprio filho, que buscara nas drogas aquele preenchimento da imensa solidão que sentia. O jornalista ouviu então falar que as pessoas não morriam, que havia uma teoria entre as pessoas mais religiosas de que a vida continuava além da morte, e passou a ser a sua obsessão falar com o filho depois de morto.

Ele foi então a pessoas de toda espécie: cartomantes, mulheres que liam a mão, mulheres que liam bolas de cristal... e teve notícias do filho as mais estapafúrdias. Ele se desinteressou, se desiludiu: “Meu Deus, será que eu não vou conseguir pedir perdão ao meu filho pela ausência, por não tê-lo podido ajudar?!” E, depois de muitos meses de procura, um amigo lhe falou de uma senhora espírita que morava numa pequenina cidade. Ele nem sabia o que era Espiritismo mas resolveu procurar essa senhora, num dia de grande depressão: quando ela atendeu a porta ele já se decepcionou, porque na casa dela não havia bola de cristal, não havia morcego empalhado, coruja empalhada, cortinas vermelhas horrorosas, cheiro de incenso... Era uma senhora simples, dignamente vestida, ainda jovem, antes dos seus cinqüenta anos, que lhe começou a fazer perguntas a respeito do filho e, na conversa, começou a dizer coisas que só ele sabia! Então ele começou a ficar preocupado: “Meu Deus, será que essa mulher tão insignificante, morando nessa casa tão normal, é quem vai me dar notícias do meu filho?” Ele ficou imaginando: “Vai chegar a hora da bola de cristal, vai chegar a hora dos barulhos”... Nada. A senhora apenas foi para a mesa e convidou-o:

– Vamos fazer uma prece? Pelo que sei, seu filho deve estar sofrendo muito, porque ele é um suicida, ele se matou pelas próprias mãos utilizando-se da droga.

E os dois sentaram-se à mesa, ele meio que sem acreditar,

pois não se apagava a luz, não tinha trovão não tinha nada...  
E ela lhe disse:

- O senhor sabe orar?

Ele ficou ofendidíssimo: “Como que ele não sabia rezar: ele rezava toda noite desde que era criança!!! E ela lhe disse, sem titubear:

- Não, eu não perguntei se o senhor reza, eu perguntei se o senhor sabe orar, eu perguntei se a sua alma sabe elevar-se a Deus com todas as forças, para que seja permitido, quem sabe, que o seu filho lhe dê alguma notícia.

E ele, pela primeira vez, percebeu não sabia orar. Percebeu que nunca haviaorado! E pediu à moça que fizesse a prece.

Para a sua surpresa, no meio da oração, incorpora-se um espírito nela e começa a conversar com ele em húngaro, num dialeto que ele levava anos para aprender. “Meu Deus, será que essa moça tão insignificante sabe falar isso?” Saiu então o espírito que conversara com ele em húngaro e chegou um outro, que disse:

- Meu caro, aqui estou eu, seu pai.

E ele se surpreendeu. O pai havia desencarnado há trinta anos!

O espírito lhe disse, então:

- Seu filho está sofrendo muito. Nós vamos tentar trazê-lo numa próxima visita que você vai fazer a essa senhora, essa médium. Ele está em grande sofrimento, porque foi preso por um processo obsessivo, foi se envolvendo cada vez mais no terreno das drogas.

Passou-se, então, uma semana e o jornalista retornou à casa da senhora e, desta vez, orando pela primeira vez, em lágrimas, pediu perdão ao filho e teve a oportunidade de ver o filho incorporar e dizer, chorando copiosamente:

- Meu pai, aqui onde estou é tão triste, mas foi o destino que escolhi, porque, não buscando amigos, não buscando ser útil a alguém, apenas lamentando a sua ausência, eu

acabei me viciando e, num momento em que eu não queria me matar, mas sem ter noção, sem ter consciência do nível de drogas que o meu corpo ainda podia suportar, eu fui expulso do corpo de carne.

A partir daí, esse pai passou a se dedicar, por toda a sua vida, a criar abrigos para jovens viciados, onde terapeutas, médicos e famílias substitutas poderiam apoiá-los. E, pouco antes de desencarnar, ele foi entrevistado num programa famoso nos Estados Unidos. Pela impressão profunda que causou a sua história, o repórter perguntou-lhe, enfim:

- Mas você acredita mesmo que no dia em que desencarnar irá reencontrar seu filho?

E ele respondeu:

- Acreditar é muito pouco! Eu tenho a mais absoluta certeza de que não só reencontrarei o meu filho, mas que retornaremos ambos ao corpo de carne um dia para refazermos o nosso destino, para que eu seja o pai que não pude, não quis, não soube ser. E ele será o filho amoroso, amigo, que também agora não conseguiu ser.

Nós sempre podemos mudar o nosso destino e, mesmo quando temos problemas graves de vício, os espíritos sempre dão um jeito de encontrar uma ajuda para nós, até quando nós não queremos nos ajudar, até em momentos em que o nosso corpo já está a um passo da desencarnação, pela fraqueza originada por tantos estragos que fizemos. Ainda nesses momentos os espíritos amigos que gostam de nós vão até a espiritualidade maior e rogam para nós um pouco mais de tempo, às vezes uma crise mais forte que nos ponha medo, que nos faça procurar um tratamento médico. Por isso às vezes surgem as crises e os espíritos não as impedem, porque eles sabem que talvez dali surja uma nova consciência.

Augusto César Vanucci conta, tendo desencarnado em 1992, que, semanas antes da isquemia cerebral que o vitimou, que o levou de volta ao mundo espiritual, amigos espirituais foram até o mundo maior pedir que ele não morresse, pelo

merecimento que ele tinha de ter levado à massa, pela televisão, determinadas noções de espiritualidade, através dos programas que ele fazia. Conta ele que então lhe foi perguntado durante o sono: “Você terá uma isquemia cerebral, mas, em vez dela, poderá sofrer apenas um derrame, ficar muito mal, levar um tempo para se recuperar, mas ficar ainda um tempo na Terra, você quer?” E ele disse: “Eu não quero. Não quero porque acho que já falhei muito. Na minha parte afetiva nunca consegui me encontrar, perdi um filho muito jovem e sofro muito com isso; então, se eu tenho de passar pela isquemia, se ela está no meu corpo, se ela está vindo, então eu não quero ser beneficiado por mais tempo na Terra”. E, naquela manhã, ele despertou com fortíssimas dores de cabeça, foi até um hospital, mas teve a isquemia fulminante que o levou de volta ao mundo espiritual.

Através da mediunidade de Chico Xavier ele nos contou que a melhor coisa que lhe pôde acontecer, apesar de ter morrido, foi ter sido recebido pelo filho, do qual ele tinha tantas saudades e cuja ausência ele nunca tinha conseguido realmente superar.

Nós podemos mudar tudo na nossa vida para melhor – e há até quem faça a opção para o pior e consiga também, porque para pior é sempre mais fácil, não é? Porque ainda vivemos num planeta de expiação e provas é ainda mais fácil irmos para baixo. Mas há quem mude tudo!

Noutro dia um amigo me dizia: “Mayse, fulana está que nem pau de enchente!” Já viram um pau de enchente? A água leva: leva um tranco aqui, leva outro ali, e o pau continua sendo levado pela água. Mas a verdadeira caridade que podemos fazer conosco mesmos é não sermos o pau da enchente! É virarmos ao contrário o jogo a nosso favor, lançando todas as forças do nosso eu nas mudanças necessárias da nossa vida.

Às vezes não são as drogas que nos vitimam, mas a intolerância, a impaciência, a agressividade. Há pessoas tão

agressivas que chegam quase à loucura, que magoam, que ferem, que expulsam as pessoas do seu coração. Então, se essa é a droga que infesta a sua vida, livre-se dela também, através de uma nova atitude, através de uma outra concepção de vida! Como podemos aprender a Doutrina Espírita e não viver conforme seus ensinamentos? Complicou! A Doutrina Espírita, na verdade, surge em nossa vida para nos mostrar que somos eternos, que, do outro lado, ainda estaremos sofrendo as conseqüências das coisas ruins que tivermos feito aos outros ou a nós mesmos.

Falando sobre drogas e obsessão, esta é apenas uma área das muitas que nós podemos transformar em nossas existências.

Se nós realmente determinarmos todos os dias que naquele dia nós não vamos dormir sem ter feito algum bem a alguém, de bem em bem, de positivismo a positivismo, nós vamos construindo um equilíbrio que nada poderá afastar de nós. Mas se, ao contrário, deixarmos que as pequenas coisas, que os quase nada que surgem no nosso dia-a-dia, aborreçam-nos, infelicitem-nos, tirem-nos da razão, daqui a pouco, entre nós e uma pessoa louca não haverá diferença, porque, ao menor sinal de contrariedade, nós já perderemos completamente a nossa atitude de equilíbrio e iremos quase matar alguém. É por isso que há pessoas que desenvolvem doenças ligadas à neurastenia, a problemas circulatórios, enfartes do miocárdio, derrames, que, muitas vezes, na verdade, nem estavam dentro do processo evolutivo delas, mas que são conseqüências da própria invigilância, da própria maneira de ser, sempre sisuda, sempre negativa, sempre irascível.

Antigamente o espírita, para se dizer espírita, tinha de ser triste; era aquela pessoa que vivia tristinha, não é? Tudo era pouco: falava pouco, sorria pouco, amava pouco... tudo lhe era proibido... Ainda tem gente que pensa assim: "Você não pode fazer nada porque vai ficar obsediado". E esse negócio

de dizer na palestra: “obsediado todos nós somos!...” Não!! Se você não quiser, não há espírito sofredor que vá junto com você! Porque, se você caminha no bem, qual é o espírito obsessivo que vai ficar do seu lado?! Não tem nenhum! Se você realmente equilibrar sua vida diariamente!

É difícil? Sim, é difícil. Porque é das pequenas coisas, às vezes, que surgem os desequilíbrios; e também não adianta fingir que se é equilibrado e nem fingir que se é feliz; não se consegue fingir as duas coisas, mas é preciso construir uma verdadeira felicidade, aquela que está lá no fundo do nosso coração e que é, muitas vezes, simplesmente fazer o bem aos outros.

Às vezes durante toda uma existência você não vai conseguir ser feliz como pretende; você não vai encontrar aquele grande amor; não vai ganhar muito dinheiro, se dinheiro for a sua felicidade; você vai ter problemas sérios de saúde, mas, mesmo assim, você pode sair de si mesmo e auxiliar. Talvez seja essa a sua grande felicidade, talvez seja a única a que você tenha direito numa existência, para que, em outras, aí, sim, você usufrua de uma felicidade real, que jamais estará na materialidade, estará sempre na busca do que é espiritual, porque a verdadeira beleza, aquela que nunca se acaba, é, sem dúvida, o nosso lado espiritual, aquilo que nós temos de mais bonito.

Então, se você ainda quer viver num total sonho, não precisa se viciar: viva um grande amor! Apaixone-se loucamente por alguém!!! Não tem nada que deixe a gente mais extasiado do que uma paixão! Para quê você vai se drogar?! Apaixone-se, apaixone-se! Mas sabendo muito bem que aquilo pode não ir em frente! Porque também pode chegar uma hora em que o outro diga: “Olha, eu não quero mais estar com você.” E aí temos de respeitar: a pessoa não quer mais estar conosco.

E se você está pretendendo se lançar num desequilíbrio porque perdeu um amor, espere: outros amores surgirão!

Porque a vida tem essa coisa extraordinária, de encontros e desencontros. Embora difícil seja dizer isso para uma pessoa que ama e que perdeu o amor: ela vai querer estrangular quem disser isso! Você diz: “Eu também já amei e depois amei de novo”. E ela responde: “Nããão! Nunca! Como fulano, nunca mais!” Bem, graças a Deus! Como ele, nunca mais, porque ele foi embora! O próximo que vier, será tudo de maravilhoso!

E nós temos de pensar assim, porque, se não for assim, como é que vai ser nas nossas dificuldades maiores, quando nossos entes queridos forem embora da Terra? Quando já não tivermos mais o apoio de uma mãe; porque mãe é mãe!!! Você pode fazer o que for que a mãe diz: “Eu o perdô! Venha para a casa da sua mãe.” (Casa de mãe é aquela coisa assim que você não esquece nunca, por mais feliz que esteja. Porque, para a casa de mãe, a gente pode sempre retornar!)

Eu tenho uma amiga cujo filho divorciou-se e, de mala e cuia, disse: “Mamãe voltei!” Ela quase desmaiou! Porque já estava com a vida toda esquematizada e, de repente, o filho, já adulto, retornou. Mas acabou ficando. Porque casa de mãe é casa de mãe!!! Então, pensemos nisso! Há tantas coisas lindas para vivermos, porque é que vamos deixar que a droga seja a nossa companhia?

Paul McCartney e John Lennon, na época dos Beatles, fizeram uma música tristíssima mas muito bonita: *Yesterday*, na qual dizem: “Eu tenho saudades do ontem, porque o ontem não volta mais. Tem lições, tem coisas que estão no meu ontem que eu quero reencontrar!” Mas os espíritos já falam diferente: dizem que é preciso aprendermos com o ontem, sabermos viver o hoje e sonharmos o amanhã, da forma mais positiva que pudermos.

Quando nós começarmos a ficar deprimidos, olhando foto de bisavô, lembrando “Ai como era gostoso o sonho que a minha avó fazia!” e chorando, é hora de darmos uma sacudida na nossa vida! O passado ficou para trás e dele

trazemos apenas as suas extraordinárias lições. Mas é preciso aceitarmos o presente para que possamos modificá-lo e termos a certeza de que o futuro será ainda mais extraordinário.

A coisa que me faz mais feliz ao pensar em todos nós é saber que nós nunca vamos morrer. Que nós vamos nos reencontrar, eu tenho a absoluta certeza disso, no mundo espiritual, daqui a cem anos, quando todos nós tivermos desencarnado. (Ou daqui a mais tempo, porque, do jeito que a medicina vai, menos de cem anos ninguém vai mais viver: coração pifou, troca coração! Fígado deu probleminha? Troca o fígado! E assim por diante... Não tem quem doe? Faz artificial e dá um resultado danado!) Porque os espíritos realmente dizem que a medicina ainda vai avançar muito nessa questão dos órgãos artificiais e que a rejeição vai ser vencida, para que o homem possa viver muito mais tempo na Terra. Mas, cá entre nós, vale a pena viver muito tempo na Terra ? Depende!!! Se a sua qualidade de vida for boa, se você for uma pessoa que se doa, que ama, que serve, que perdoa, que curte a vida! Então, vale a pena! Se não, para quê? Se vamos só espalhar fel em redor de nós é preferível às vezes que desencarnemos daquele enfarte fulminante, ao invés de termos de reaprender tudo do lado de lá, para podermos retornar da forma certa.

O mais importante é pensarmos que, quando nós achamos que nossa vida é escuridão total, é porque começou a hora de melhorar! Os espíritos dizem que, não por acaso, a meia-noite é a hora mais escura da noite: é porque dali, meia-noite e um, meia-noite e dois, começa um novo amanhecer! Pensemos nisso! Pensemos que tudo o que ocorre em nossa vida é o passado muitas vezes que retorna, e às vezes nos faz sofrer. Mas é preciso até nisso saber como sofrer! Há quem sofra espalhando fel e resignação, desespero, loucura! E há quem saiba sofrer de verdade, entendendo aquilo como lição, respeitando aquilo que não deu certo e planejando o futuro que vem vindo perto, dessa vez cheio de vitórias.



Que todos aqueles que já um dia viveram o problema do vício ou que têm familiares ou amigos queridos que o vivem possam se sentir centelha divina que pode ajudar muito aos outros

Então, que na nossa oração de hoje nós possamos rogar por todos aqueles que acham que a solução dos seus problemas está nas drogas. E que, nos nossos dias na Terra, nós possamos dizer que enfrentamos as dificuldades de “cara limpa”, como dizem os nossos irmãos vítimas do alcoolismo, que nós não precisamos de muletas viciantes para superarmos as dificuldades na nossa vida e que tornamos a nossa vida sempre melhor pelo nosso próprio esforço. E se em nosso lar nós tivermos dificuldades com filhos queridos em relação a drogas, vamos, com toda a tranqüilidade, conversar com eles e buscar o apoio necessário, espiritual, médico, terapêutico, sem vergonha nenhuma, sem desrespeito à consciência do nosso filho, mas mostrando a ele o melhor: que sempre há saídas, que sempre há chance de recomeçarmos. Pensemos nisso e sejamos nós aqueles maiores incentivadores de todas as campanhas contra as drogas que se possa fazer, porque o adolescente é tão impressionável pelas coisas boas, mas às vezes se impressiona também pelas coisas que não são boas. Então, que nós possamos dar toques a todos aqueles adolescentes à nossa volta, da forma como pudermos chegar até eles. Que levemos essa mensagem de que a droga não tem sentido nenhum, porque o importante é você ter plena consciência da sua atitude, como ser humano.

Pensemos, por fim: que existe uma drágea de saúde incorruptível, que é a prece, que é orarmos diariamente, pedindo que as forças do bem que regem todo o universo possam manter a nossa saúde, não gratuitamente, mas para que, com saúde, nós possamos amar e servir a todas as pessoas que nos buscarem o coração.





